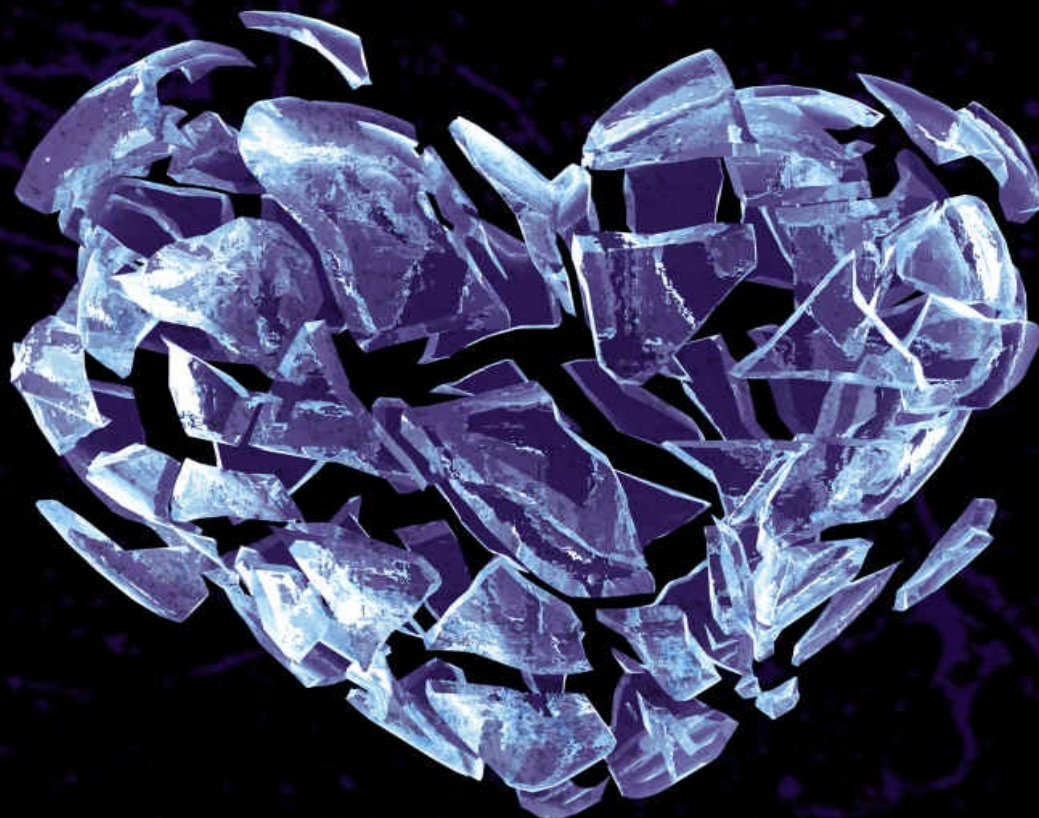


CAMILA MARTINS

ORGANIZADORA



POSSO TE

Amar

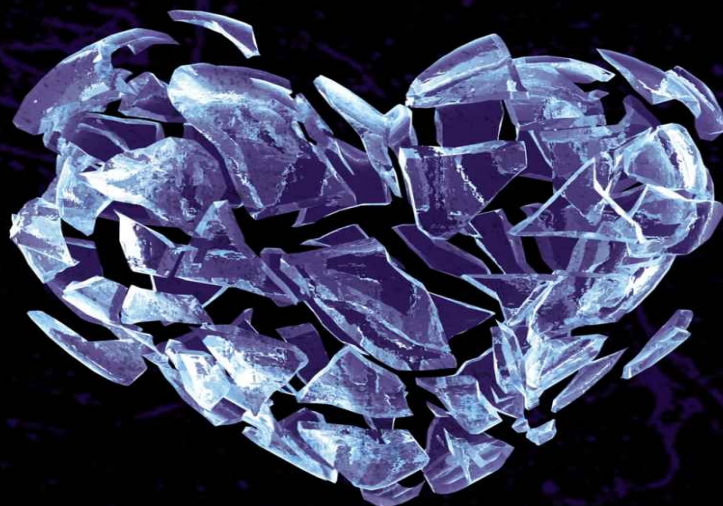
POR MAIS 5
MINUTOS?





CAMILA MARTINS

ORGANIZADORA



POSSO TE

Amar

POR MAIS 5
MINUTOS?



Copyright © 2018 Camila Martins
Copyright © 2018 Editorial Hope
Editora Responsável: Jéssica Milato
Direção Editorial: Jéssica Milato
Revisão Inicial: Fátima Aparecida da Silva
Revisão Final: Editorial Hope
Capa: Barbara Dameto
Diagramação: Jéssica Milato
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Ficha catalográfica feita pela Editora.)

POSSO TE AMAR POR MAIS 5 MINUTOS?| 1ª ed.
Araras, 2018

1. Contos brasileiros. I. Título.

CDD: B869.3

É proibida a reprodução total e parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo o uso da internet, sem permissão expressa da Editora na pessoa de seu editor (Lei 9.610 de 19/02/1998).

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação dos autores.

Qualquer semelhança com acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos desta edição reservados pela:

EDITORIAL HOPE

www.editorahope.com

NAVEGUE <3
DEPOIS QUE EU PARTI
ABAIXO DOS SEUS PÉS
CORAÇÕES PENDURADOS NO AR
CIGARRO E PERFUME
5 MINUTOS A MAIS CONTIGO
AMOR ESTELAR
UM BEIJO, APENAS
PARA SEMPRE EM MEU PENSAMENTO
AQUELA MARCHINHA
PARA ONDE ELA FOI?
UM AMOR NO CARNAVAL
PERDOA-ME
AINDA EXISTE AMOR EM SALVADOR
CONTINUAR
AQUI E ALI
ANELO
MAIS DO QUE PALAVRAS
INCIDENTES DO AMOR
UM AMOR PARA TODA A VIDA
FOI AMOR NO MOMENTO EM QUE SUA ALMA TOCOU NA MINHA
O DESFECHO TRÁGICO DE UM FILME CLICHÊ
O TREM
MUSA
SOBRE PERMITIR E PERCEBER
INFINITO
PRESENTE DE NATAL
O ÚLTIMO NATAL

DEPOIS QUE EU PARTI

Camila Martins

Nascida em julho de 1990, em Sapucaia do Sul, cidade da região metropolitana de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Cresceu cercada por familiares que amavam livros e assim desenvolveu seu gosto pela leitura e escrita. Seu autor preferido e principal inspiração é Érico Veríssimo, escritor também gaúcho.

Seu primeiro contato com a escrita começou aos 12 anos com contos e poemas, em seguida vieram livros. Em 2016, resolveu postá-los, deixando a vergonha de lado, em uma plataforma de leitura digital, sendo bem recebida pelo público.

Casada e mãe de uma menina, Camila se dedica em tempo integral à família e agora realiza seu grande sonho de ter seus livros publicados, tornando-se uma autora profissional.



“Era tardezinha, o sol começava a se pôr e na praia havia poucos turistas. No coração uma sensação de nostalgia. Andando mais para perto da primeira guarita eu a avistei pela primeira vez. Ela estava sentada na areia. E o que mais me impressionou foi ver que ela olhava fixamente para frente, para o mar, para o sol que se punha.

Ela não tinha linhas delicadas, não era uma boneca de porcelana e foi aí que eu vi uma beleza única e forte. Ela tinha um nariz relativamente grande, reto, imponente, que se sobressaía e que era impossível não se notar. Talvez em outras faces ele ficasse desproporcional, mas não nela.

Ela olhou para mim. Num momento estava completamente entregue ao horizonte e no outro me descobrindo, ali, a poucos metros de distância, a observando. Eu ri porque estava bobo. Ri porque ela não saiu correndo, ela não foi embora. Ela se ajeitou e começou a montar um castelinho com as mãos.

Comecei a pensar em mil maneiras de chegar até ela e nada parecia bom ou maduro o bastante. Notei que perto de mim havia pequenas conchinhas que foram trazidas pelas ondas e uma delas era linda e estava limpa. Peguei a concha e levantei indo até ela. Ela notou que eu me aproximava e olhou para mim. Percebi um toque de alívio em seu olhar, como que estivesse esperando que eu

me aproximasse. Sem cerimônia nenhuma eu me sentei ao lado dela e coloquei a conchinha por sobre a torre principal do castelo.

— Desculpe me intrometer... — eu disse me sentindo tímido de repente.

— Eu gostei. Era o toque que faltava. Obrigada.

— Que bom. Eu tô me sentindo meio babaca nesse exato momento.

— Tá tudo bem, eu realmente gostei da concha. Eu me chamo Helena. — Me estendeu a mão e eu a minha.

— É como se eu já te conhecesse e, ao mesmo tempo, parece que nunca vi nada tão bonito. Faz sentido?

— Bonita? — perguntou quase que menosprezando a palavra. Naquele dia eu não entenderia bem o que era aquela expressão de repulsa, mas alguns meses depois eu saberia que ela detestava elogios. Mas para mim ela era linda, única, completa e tão ela, Helena

E o papo fluiu bem como sempre fluiria. Helena e eu sempre fomos bons de conversar. Éramos bons em tudo quando estávamos juntos. A não ser quando o assunto era seu corpo. Ela se magoaria dezenas de vezes por eu dizer o quão atraente ela era. Ela me diria para parar de ser mentiroso! Me mostraria as estrias que ela dizia serem enormes e que tomavam quase todo o seu traseiro e quadril. Falaria das celulites que esburacavam sua perna desde a panturrilha até as virilhas. Eu olharia com atenção, olharia até com uma lupa e nunca veria tudo isso que ela relatava. Sim, ela tinha algumas estrias e as celulites, mas por Deus, quem não tem isso? Eu tenho!

Mas, voltando para o primeiro dia, ela disse que precisava ir, que sua família se preocuparia. Eu falei que tinha adorado conhecê-la e que gostaria de vê-la novamente. Ela disse que torcia por isso, levantou e saiu.

O que eu poderia fazer para revê-la? Olhei para a areia e notei que havia uma palavra escrita a dedo: amanhã.

Era tudo o que eu precisava saber.

E ela estava no mesmo lugar contemplando mais um pôr do sol.

Sentei com ela de novo e soube naquele segundo que eu a amaria também. Muito! O amor viria, mais leve, mais sutil, e se instalaria numa tarde chuvosa de inverno, quando ela estaria enroscada nas minhas pernas enquanto lia romances de época, com os cabelos emaranhados e com meu moletom azul.

Naquele nosso segundo encontro, nós passeamos e conversamos sobre objetivos para o futuro. Helena queria ser médica, salvar vidas. E ela se dedicaria tanto para se formar, eu veria, por três anos, todo o esforço dela para aprender, toda a empolgação por cada nota boa. Eu só não veria a formatura, não veria o consultório, não veria os atendimentos voluntários...

Passamos um final de dia maravilhoso, mas nosso tempo juntos estava chegando ao fim, ela precisava voltar e no dia seguinte ela iria embora. Eu ainda ficaria mais três dias, comecei a sofrer pela saudade naquele minuto. Ela disse que esperaria por mim.

No dia seguinte eu estava lá na frente, bem cedo. Lena disse para eu não sofrer. Ela me deixou o número dela e um endereço e me beijou na boca. Eu tremi, ela pegou minha mão, abriu, depositou a conchinha no centro e se foi.

Dias se passaram e eu não tinha ligado ainda, não saberia o que dizer ao telefone, eu precisava vê-la.

Com a concha em mãos eu saí de casa rumando para a cidade dela. E quando cheguei ela apareceu! Nos beijamos. Devolvi a concha, e as coisas começaram a acontecer entre nós.

Estávamos juntos há dois anos. E então eu errei pela primeira vez por entender de forma errônea o relacionamento lindo que tínhamos.

Nos amávamos muito, isso era certo, mas começamos a brigar e hoje eu sei o quão ridículo eu fui.

Helena sonhava com uma profissão grande e eu sentia que estava a atrapalhando. Ela passava muito tempo comigo e perdeu algumas provas. Isso me atingiu demais. Eu não poderia impedi-la de crescer.

E aí eu errei pela segunda e definitiva vez. Terminei com ela, e parti da vida dela pela primeira vez.

Sofri muito, mas na real, acho que ter Helena me dava medo. Ela era maravilhosa demais. Eu me achava pouco. Tentei retomar minha vida como pude.

Até que um dia tudo parecia diferente.

Passei na sala e a encontrei sentada no sofá. Ela estava chorando agarrada a um papel e uma camiseta. Fui consolá-la e perguntar o que tinha acontecido, toquei em seu braço, ela tremeu. Então levantou, me ignorando e foi fechar a janela, deixando as coisas, que antes segurava, em cima da almofada.

Me aproximei para ver o que ela deixou e descobrir porque estava triste, e então percebi que a camiseta era minha e o papel era uma certidão de óbito... Em meu nome...

Senti meu chão sumir, foi uma sensação indescritível de impotência.

Eu estava morto. Morto. Morto!

Me vi no chão, lutando contra o pavor, lutando para acordar e ver que era apenas um pesadelo.

As cenas invadiram minha cabeça e então recordei:

Voltava de mais um dia apático de trabalho passei no mercado. No caixa, notei que um grupo invadiu o local. Me escondi e então ouvi sirenes e senti o cheiro forte de fumaça. Era fogo.

Relendo a certidão que repousava quase que de forma irônica no sofá do nosso antigo apartamento vi que morri sufocado.

Fui atrás dela e implorei que me perdoasse. Disse para ela não chorar, eu não merecia. Helena olhou em minha direção, como se me visse e perguntou:

— Por que Guilherme? Por quê?!

— Eu queria poder ter as respostas meu amor!

— Eu sempre esperei por você! — disse com a voz embargada. — Quando nos encontramos a primeira vez, eu estava esperando você. No dia seguinte eu estava lá, à sua espera! Eu sempre esperei e você sempre foi me encontrar. Quando você disse que não poderíamos mais ficar juntos, sabe o que aconteceu? EU ESPEREI POR VOCÊ! — esbravejou gesticulando e cobrindo o rosto com as mãos. Eu estava desmanchando de dor por ela. Queria abraçá-la, mas havia um precipício entre nós, estávamos em lugares diferentes, duas distintas dimensões.

— Não sei se você está me ouvindo, mas se acaso esteja, se acaso isso realmente for possível — Secou as lágrimas — Guilherme, eu vou continuar vivendo, mas eu ainda esperarei por você.

— Não! — Minha voz se perdeu na imensidão.

— Eu te amo me desculpa! — E saiu correndo. Na beirada da janela ela havia deixado a conchinha.

Eu não sabia como viver na minha nova condição. Mas bastava pensar em

Helena que logo eu a via.

Ela tornou-se médica e era tão bom vê-la realizada com sua profissão. Às vezes ela chorava muito e eu era puxado de encontro a ela. Era doloroso demais!

Comecei a implorar para ter uma segunda chance. Nunca fui religioso, mas lembrei de Deus e pedi que me fizesse voltar no tempo para não errar como eu errei.

Ajoelhei e implorei sem parar. Deus não me deu a nova chance. Então pedi que nos fizesse esquecer...

É verão outra vez.

Caminho pela praia sozinho aguardando o pôr do sol. Na mão eu jogo uma concha pequena e colorida para cima e para baixo.

Eu gosto de olhar para o horizonte nesse momento porque sinto que me conecto com algo. Aquela velha nostalgia...

E então eu a vejo, também olhando para o horizonte e a reconheço. Ela poderia estar completamente diferente, mas era ela. Helena.

Minha segunda chance. Eu lembro. Eu havia pedido para esquecer, porém, nesse instante tudo voltou e me lembrei.

Sorri e chorei, enquanto agradecia aos céus.

Me aproximei novamente e estendi a concha como que numa senha secreta só nossa. Ela olhou diretamente em meus olhos. E me disse serenamente enquanto sorria:

— Eu estava esperando por você.”

ABAIXO DOS SEUS PÉS

PAULA MELLO

Paula Mello é uma carioca de 28 anos, autora do livro "A Ilha dos elementos" pela editora Hope.

Paula é professora de inglês e estudante de psicologia e letras. A “ovelha negra” de uma família praticamente inteira de advogados. Ela gostava de criar e contar histórias desde sua infância, porém com 12 anos, começou a escrever pequenos contos. Mas, apenas aos 26 anos decidiu publicar online seus livros, começou com fanfics de Harry Potter e depois para os seus originais. Ela costuma dizer que quer escrever até quando seus dedos não permitirem mais, pois, essa é a sua grande paixão.



“Ainda me lembro do dia em que eu a vi pela primeira vez. Estava voltando da escola, correndo com meus amigos e querendo jogar bola no pequeno pátio improvisado entre nossas humildes casas. Já era tempo de guerra, tempo de medo e qualquer alegria que conseguíamos arranjar era altamente apreciada.

Mamãe não me deixou jogar bola naquela tarde. Eu gritei e quase chorei ao entrar em casa enquanto ela gritava para eu ficar e calar a boca.

— Escute, Edmund. O que iremos lhe mostrar hoje é um segredo, ouviu? Um segredo de família, uma dívida antiga que seu pai está pagando e que se descobrirem, morreremos todos, é isso que você quer? Que morramos?

— Não, mamãe, jamais iria querer isso e é claro que guardarei o seu segredo para sempre.

Eu era um menino curioso de treze anos, que tremia sempre que a possibilidade da guerra nos atingir era citada.

Naquela tarde, mamãe me levou até o porão de nossa casa. Papai construía abaixo do porão, um pequeno compartimento onde cambiam de cinco a sete pessoas se muito espremidas para o caso de uma bomba nos atingir.

— É o porão mais seguro da Alemanha, Edmund — dizia ele.

Lá, eu vi uma família assustada. Cinco pessoas, um casal magro e abatido com três filhos, entre eles, ela... Cathrin abriu seus olhos castanhos assustados ao me ver e eu arregalei os meus azuis. Eu senti algo mágico dentro de mim, algo tão diferente de tudo que eu conhecia, algo que não sabia dizer o que era.

Nos primeiros dias, eu fingi mesmo que era isso, que ninguém estava no meu porão, que não existia perigo, mas eu não conseguia tirar os seus olhos castanhos da minha cabeça.

Depois de quase um ano, eu comecei a descer todos os dias depois que todos dormiam e me sentava no primeiro degrau de madeira da precária escada já corroída do porão. Ela estava dormindo, mas eu sabia que ela estava lá. Foi assim até o dia que eu ouvi a sua voz.

— Como está o céu?

A voz doce de uma menina me fez pular do meu lugar. Era ela, estava mais magra e mais abatida do que quando a vi pela primeira vez.

— O céu? O que tem o céu? — Eu respondi.

— Eu não vejo o céu há mais de um ano, eu tento imaginá-lo, as estrelas, as luzes, o ar puro, o brilho da lua me tocando, mas eu não consigo pensar direito em como eles são, eu não sei. Como está o céu hoje? — perguntou ela se sentando no degrau abaixo do meu.

— O céu estava cheio de estrelas quando eu olhei pela última vez, está frio lá fora — eu disse quase gaguejando de tanta timidez.

— Eu sinto o frio aqui, é tudo que sinto, o frio e o calor. As únicas coisas que ouço são os barulhos de tiros ocasionais e sua mãe lá em cima.

— Eu não sei como aguenta viver aqui.

— Eu não tenho outra escolha, se nos pegarem, não sei se sobreviverei, ou se vocês sobreviverão. Por que estão atrás de mim? Só pela minha origem? Ou por uma religião diferente? Que mal eu fiz a esses homens para ter que largar a minha vida?

Ela chorava, aquilo me partiu o coração. Era a primeira vez que conversávamos de fato, antes eu só levava comida para ela e sua família, a olhava rapidamente. No entanto, era como se ela sempre tivesse feito parte da minha vida.

— Nada, essa guerra não tem sentido, mas é claro que eu não posso falar isso em voz alta lá fora, tenho que ser um cidadão alemão, é o que ouvimos todos os dias.

— Eu também sou uma cidadã alemã, por que eu tenho que me esconder então?

— Porque homens estúpidos tomaram decisões estúpidas e aqui estamos.

Ela deu uma risada, era linda a sua risada, era doce e inocente.

— Eu sou Cathrin, você é o Edmund, certo? Ouço a sua mãe gritando o seu nome todos os dias.

— Eu sou o Cathrin, digo, o Edmund sim.

— Vem me visitar de novo, Edmund?

— Todas as noites se você quiser.

E assim eu fiz, durante todas as noites, por um ano inteiro, eu visitei Cathrin depois que todos iam dormir, às vezes eu levava livros, às vezes eu desenhava o céu como estava lá fora.

Uma vez, quando estava me sentindo muito inspirado, a levei até o andar de cima quando a casa estava vazia, dizendo que precisava de ajuda na cozinha e que não teria problema. Apenas queria que ela sentisse os raios de sol pela janela.

Cathrin chorou naquele dia. Ela não podia se aproximar muito da janela e não podia ficar muito tempo, mas ela dizia que fora o momento mais feliz da sua vida até então.

Mamãe me dera um castigo quando ficou sabendo disso.

— O que você estava fazendo com a menina judia? Quer nos entregar mesmo?

Eu tive que ser mais cauteloso depois desse dia, mas continuei a vender e o sentimento em mim, continuou crescendo cada vez mais.

Eu fiz quinze anos no verão de 1942, na mesma época que Cathrin, mas apenas eu ganhei uma pequena torta da minha mãe. Cathrin e seus irmãos, nunca tinham uma comemoração especial.

— Feliz aniversário, Edmund. — disse a menina que se tornava mais linda, mesmo tão pálida e doente com o passar do tempo.

— Eu trouxe um pedaço de torta para você. — Eu disse desembrulhando o pequeno pedaço que consegui pegar sem minha mãe ver.

Cathrin me olhou, segurou em minhas mãos com delicadeza, aquilo fez todo o meu corpo tremer. Então segurou meu rosto e me deu um doce beijo nos lábios. Me senti o menino mais feliz ali ao lado da minha amada.

— Feliz aniversário — disse ela novamente.

Os beijos continuaram, eles foram meu lampião no meio da escuridão do medo de um bombardeio a qualquer momento, no meio da desesperança de uma guerra macabra.

Um dia, voltando da escola, mamãe e papai estavam com expressões ansiosas em seu rosto.

— Hoje um veículo virá fazer a remoção da família para outro lugar — disse papai.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Seria meu adeus a quem eu tanto amava?

— Eles irão para um novo esconderijo onde poderão seguir para a Inglaterra e lá ficarão seguros — completou ele.

Papai notou pelo meu pranto aberto que havia mais do que apenas medo em

mim.

— Eu sei que amas a menina, eu não sou cego, mas se realmente a ama, terá que deixá-la partir — disse ele me abraçando.

Foi tudo planejado muito delicadamente para não dar errado. A família teria poucos segundos para correr para dentro do veículo depois de dado o sinal e eu teria apenas um minuto, concedido pela família dela e pela minha para me despedir.

— Eu não sei quando chegarei na Inglaterra, se chegarei lá, mas eu sei que aqui eu só causo risco para a sua família — disse minha amada quando nos deixaram sozinhos naquele porão mal cheiroso.

— Eu prometo, Cathrin, eu prometo que assim que essa guerra acabar, ou assim que eu puder sair dela, eu irei lhe procurar, onde quer que você esteja, levando o tempo que levar, eu prometo que jamais irei lhe esquecer.

Nós nos abraçamos e choramos um para o outro. Cathrin me deu mais um doce beijo, o último ali, o de despedida, o mais triste e delicioso que já recebi.

— Aqui — disse ela tirando uma pequena pulseira de prata do seu pulso com minha ajuda e colando no meu — eu amo essa pulseira, ela me foi dada por minha avó e eu gosto muito dela. Me prometa que irá me devolver se puder um dia?

— Prometo que irei levá-la comigo.

— Leia essa carta apenas quando eu sair. — disse ela me entregando um pequeno papel papel.

Rapidamente, mais do que eu gostaria. A sua família se foi, não sem ela me dar uma última olhada antes de sair pela porta e minhas lágrimas caírem sob o meu rosto.

Quando ouvi o veículo partindo e senti que ela estava “a salvo”, eu li o que havia escrito naquele envelope.

“Você me mostrou as estrelas todas as noites no seu sorriso, nosso amor surgiu abaixo dos seus pés, mas quero que para sempre ele viva em nossos corações.

*Para sempre sua,
Cathrin.”*

Hoje eu estou aqui, sentado em um café no centro de Londres, mais velho. Estou olhando pela janela e vendo a jovem professora de cabelos e olhos castanhos tão familiares do outro lado da rua. Estou com meu papel na mão, a pulseira em meu pulso e prestes a devolvê-la à sua dona, ao grande amor da minha vida, ao amor que surgiu embaixo dos meus pés, mas que eu quero levar

para sempre comigo, ao meu lado.”

CORAÇÕES PENDURADOS NO AR

AMANDA LEANDRO

Natural de Laguna, Santa Catarina, estudante de história e pedagogia, apaixonada por livros de drama e distopia. Comecei a escrever ainda criança, com poesias e poemas e em 2015 resolvi me aventurar na escrita com algo maior.

O tema que mais gosto de trabalhar é transtorno mental. Escrevo tanto livros contemporâneos quanto de época. E atualmente estou escrevendo meu décimo livro e me aventurando em temas diferentes.



“Lá está ela, onde imaginei que a encontraria. A chuva está forte e molha meu uniforme em gotas grossas. Meu coração bate descompassado ao observá-la também na chuva. Eu sempre soube como encontrá-la.

Há três anos quando fui chamado para lutar no Iraque, não tive como dizer não, não tive como fugir. Eu não me alistei, fui chamado, obrigado. Ela me deixou ir. Bom, foi o que eu pensei na época.

Quando cheguei a contar a ela, depois de tentar de todas as maneiras não ir, ela foi embora, me deixando de fora de seu mundo. Não pude derrubar seus muros na época, não pela segunda vez, mas estou de volta.

Minha mãe faleceu meses depois de eu partir, não pude vir me despedir. A mãe de Yarin faleceu há algumas semanas. O pai foi embora assim que a filha foi diagnosticada com Síndrome de Asperger, mas não é só isso. Yarin também tem sinestesia, ela vive em um mundo de cores e sabores onde pouquíssimas pessoas entram.

Três anos fizeram-me mudar, mas não a ela. Não a minha garota ruiva de doces olhos com heterocromia. Solto minha bolsa no chão e continuo a observá-la. São seis da tarde, o céu está escurecido e estamos em um cemitério, em um dia de chuva. A lápide de sua mãe é próxima a da minha e pelas flores recentes, foram trazidas hoje. Yarin está ajoelhada entre elas.

Senti falta dos sorrisos que eram só meus, senti falta de seu olhar encantado sempre que me observava fazer algo que ela considerava incrível mesmo que não fosse. Senti falta da sua inteligência sem limites.

Claro, ela tem suas limitações. Sem mudanças de rotina e sempre me pedindo para descrever meu mundo em troca de receber o mesmo por parte dela.

Quando fui embora, achei que tivesse sido expulso de seu mundo, onde lutei para estar, o qual desde menino era meu. Não poderia existir outro para o meu lugar e eu tive certeza disso quando meses depois de ir embora uma carta amarelada chegou as minhas mãos com uma foto dela.

“Não devia ter saído daquela forma... Mas suas palavras deixaram meu mundo manchado de preto e com gosto de sola de sapatos velhos. Entrei em pânico. Com você meu mundo sempre foi melhor. Sua voz era vermelha com gosto de maçã do amor. Seus olhos castanhos como o chocolate e meu sentimento com você é rosa e doce como algodão-doce. Eu sinto sua falta. Tudo está cinza e com péssimo gosto, mas sei que não foi sua escolha partir.

Espero que possa voltar e trazer os meus sabores e cores favoritos de volta.

Hoje o dia está cinza chumbo, o gosto parece de cinzas também.

Com amor, Yarin.”

Na foto ela está sentada na varanda, com uma coroa de flores que eu fiz, os olhos brilhantes, um azul e o outro verde e o um sorriso verdadeiro nos lábios, os cabelos vermelhos caindo em ondas ao seu redor. Lembro de ela dizer que o dia tinha gosto de mostarda na hora da foto e que ela odiava mostarda.

Suas palavras e carta ainda estão comigo, aqueceram meu coração todos os dias em que permaneci longe dela.

Imagino se seus olhos estão mais sábios agora e se seu sorriso mais exclusivo. Sem a mãe, resta poucas pessoas para cuidar dela, uma avó e tios distantes. Pessoas que nunca entenderam como ela funciona.

Eu sempre entendi.

Lembro do nosso primeiro abraço e de como gradativamente fomos nos enlaçando partindo de amizade para algo mais. Nosso primeiro beijo a fez chorar e depois rir, ela falou tudo atropelado, com cores e sabores misturados a sensações. Lembro-me de ficar entre mais apaixonado e um pouco assustado com medo de não conseguir acompanhar tudo que ela dizia.

Eu voltei para cuidar dela, voltei para ser o que ela precisa, voltei porque ela é o que eu preciso.

Estou diferente. A guerra muda as pessoas e comigo não foi diferente. Mas ela levou de mim mais do que eu poderia imaginar. Levou também parte do meu rosto, hoje coberto de cicatrizes e com uma orelha implantada. Meus cabelos agora inexistentes. Foi depois de uma explosão tanque onde eu estava com meus companheiros. Só dois dos cinco sobreviveram. Eu entre esses dois. Então fui mandado de volta, sem mais serventia para eles, não que eu esteja reclamando.

Finalmente em casa, finalmente de volta para Yarin. Minha garota esperta e

cheia de cores, sabores e sentimentos conflitantes.

Respirando fundo eu caminho em sua direção. Tenho medo de ela não me reconhecer, de ela entrar em pânico e eu não ser capaz de acalmá-la. Tenho medo por tantas coisas, mas esse é o meu lugar. É aqui que tenho que estar e lutar diariamente. Por ela. Sempre ela.

Sinto-me pendurado no ar, com o coração suspenso em suas batidas. Yarin não parece notar alguém se aproximando, isso não mudou. E pelo visto, ela se sente em casa aqui. O que me faz imaginar que ela veio muitas vezes visitar minha mãe. Uma esperança de me manter vivo com ela?

— Ah mamãe, é tão estranho não ter com quem conversar... — Ela está falando quando me aproximo. — Sente isso? É o cheiro do Theo. Que estranho! Sempre senti cheiro de doce de morango quando ele está por perto. Sinto falta dele tia Lucy. — Ela diz a minha mãe e a dela, tudo de uma vez só, em seu modo apressado. — Não quero ir embora. Gosto daqui. Tem cor de laranja. — Yarin suspira e esfrega as mãos nas calças molhadas. — O universo devia ser tão grande quanto na minha cabeça. — Ela gesticula com as mãos.

Sempre tão cheia de vida. Sempre em sua pressa de expressar tudo no momento em que vem à sua mente. Eu sempre fui mais calmo, e ela nunca escondeu que essa foi uma das razões para ela aceitar ser minha amiga. Mas eu amo sua velocidade.

— Eu sou um coração pendurado no ar. — Ela diz, por fim, agora com a voz embargada. — E isso não traz cor, nem sabor, só confusão.

— Somos dois então. — Finalmente as palavras encontram o caminho até minha boca. — Eu ainda estou decidindo se ser um pote de doce de morango ambulante é bom. — Ajoelho-me ao seu lado e espero ela se descongelar para me ver.

Por favor, que ela não entre em pânico e caso isso aconteça que eu possa acalmá-la.

— Theo? — Ela pergunta ainda congelada no lugar. — Meu Theo?

— Seu se ainda me quiser. — Por mais que eu queira, não toco nela, não sem que ela permita. Sei que ela precisa me visualizar primeiro, ouvir minha voz e processar o que eu disse. — O meu rosto não é mais o mesmo...

— Mas as cores e os sabores ainda são seus. — Ela diz para nós dois. — Ah Theo! — Finalmente ela se vira e me encara.

Espero congelado uma reação e quebrando tudo que entendo ou pensei entender sobre ela. Yarin se joga em meus braços como fazia três anos atrás. Ela sempre me apertou com toda a sua força e não foi diferente. Demorei a abraçá-la de volta por conta do choque e agora ela está um pouco afastada observando seriamente o meu rosto.

Yarin toca minha face ferida e sorri. A outra mão descansa sobre meu coração acelerado.

— Tem tantas tonalidades e gostos diferentes saindo de você, Theo. — Ela acaricia com cuidado meu rosto. — Essa parte tem dourado e a outra um tom azul-claro. — Ela suspira. — E seus sabores estão me deixando com fome.

Suas cores estão todas ali. Os olhos diferentes brilhando ao me observar. Os cabelos vermelhos vivos brilhando com raios de sol que nem sei de onde saíram.

— Fico feliz em saber...

— Você voltou para mim? — Ela me interrompe.

— Eu voltei sim. — Ela ergue os olhos e posso ver seu cérebro trabalhando. — Não vou a lugar nenhum. Prometo.

— Você vai cuidar de mim? — Ela me encara.

— Para sempre se você assim quiser. — Ainda não estou tocando nela. Não sei se posso.

— Ah Theo! Você deve! — Yarin me puxa para seus braços o que eu faço. Finalmente ela me deixa tocá-la.

— Eu amo você. — Digo a ela. — E amo seu jeito único de ser.

— Eu amo você e suas cores e sabores. Principalmente agora que parece ter mais de ambos! — Yarin encosta a testa de leve na minha e nossos lábios encostam de leve também.

Não há beijo, mas não precisa. Só de tê-la aqui em meus braços, ouvindo meu coração dar a ela sabores e cores é o suficiente.

Estou em casa, com minha garota e nosso mundo único.”

CIGARRO E PERFUME

LETÍCIA MENDES

Letícia Mendes nasceu e cresceu em Ipatinga no interior de Minas Gerais e desde muito nova já mostrava interesse por leitura e escrita. Começou escrevendo poemas e pequenas histórias sobre o dia a dia e a vida que conhecia. E embora, esteja começando no meio literário, procura sempre aprender mais lendo e escrevendo gêneros como romances policiais e investigação e fantasia.



“Estava uma noite muito fria, os poucos carros que ainda ousavam correr sobre o asfalto morto da rua eram bem poucos. A luz da lua minguante tentava vencer as densas nuvens para clarear a superfície do pobre planeta fadado. Embora, estivesse muito frio ali, uma mulher aparentando seus quarenta anos andava a passos lentos até encostar-se ao parapeito da ponte.

Uma neblina cobria o rio lá embaixo, ela o olhou e suspirou. Inúmeras vezes já havia olhado para aquele rio que nunca parava de correr em direção ao mar como dois amantes correm pra se encontrar apaixonados. O nome dele não era de muita importância, assim como o seu próprio nome, não gostava muito de dar nomes e nem de respeitar o nome das pessoas.

Mas apenas um nome fazia questão de lembrar, embora não ousasse dizê-lo em voz alta para não chamar os fantasmas do passado, suspirou. Um carro passou rasgando o vento ao seu lado, sentiu seus cabelos balançarem e abraçou-se para se aquecer do frio. Olhou para o fim da ponte esperava uma pessoa que provavelmente viria de lá.

Seu rosto, há muito envelhecido pelo sol e anos de sofrimento interno, mostrava um semblante de enorme e eterna tristeza. Passou noites em claro chorando, passou dias sem conseguir levantar-se da cama e até mesmo sem comer nada. Todos à sua volta sabiam que ele a culpava e ela mesma se culpava pelo que aconteceu, mas isso já fazia muitos anos.

Olhou novamente para o rio e depois para o fim da ponte, uma pessoa vinha de lá com as mãos enfiadas nos bolsos e cabeça baixa, era ele. Podia sentir o seu perfume forte e suave ao mesmo tempo, o cheiro que jamais esquecerá ou esqueceria. Começou a ficar trêmula queria apenas apelar para seus remédios, mas segurou firme a bolsa pendurada no ombro e respirou fundo tentando se acalmar.

Dez anos que não o via e da última vez não foi um encontro muito agradável. Ele prosseguiu com a vida como pôde, subiu de nível, alcançou o que almejava no trabalho, não teve outra família, mas diversas mulheres das quais não se orgulhava, talvez, assim como ela, ele também havia morrido por dentro.

Houve o encontro de olhares entre os dois – debaixo da luz dos postes de energia e da fraca lua que morria para nascer de novo –, a troca de abraços e o sentir dos cheiros, não dos perfumes, mas do cheiro pelo qual se apaixonaram há anos. Ela tentou sorrir, já ele tinha um olhar de pena sobre o olhar triste dela, não a reconhecia mais, não era a mesma mulher, aquela mulher morreu junto com ele e com o filho que tiveram juntos.

Na época a culpa, não devia ter feito aquilo, ninguém teve culpa. Se a culpa fosse dela seria dele também. Pedira perdão inúmeras vezes; chorara na frente dela e de muitos, mas os dois morreram ali. Ela fora embora, ficara doente, ainda usava a aliança e o colar de ouro que ganhara dele no dia em que ele pedira sua mão. Ele, por sua vez, tinha uma foto da família que um dia sonhou ainda guardada em um delicado porta-retratos ao lado de sua cama.

Acendeu um cigarro e tragou sentindo a fumaça quente encher seu peito, soltou o ar pro lado. A mulher à sua frente pegou o cigarro de seus dedos e tragou devolvendo pra ele. Dez anos depois e eles ainda dividiam o mesmo cigarro, olharam os dois para o rio que corria manso lá em baixo, mais de vinte metros de queda livre.

Um carro passou iluminando os dois seres com os faróis altos. Pobre homem, hoje com a barba branca e os cabelos, que não davam sinal que iriam deixá-lo calvo, também começavam a ficar brancos demais para pintar, iria assumir que estava ficando velho.

— Oi – ela foi a primeira a falar.

— Não sei quantas vezes eu pensei em não vir te encontrar hoje – ele disse olhando para a rua escura e deserta.

— Também não queria vir. Faz dez anos que não nos vemos.

— Você foi embora, você desistiu de tudo, você não pensou em mim depois do que aconteceu.

— Você me culpou pelo que aconteceu – ela segurava as lágrimas, decidira que não iria mais chorar por aquilo. – Fiz tudo o que pude para salvar a nós dois; fiquei doente, ainda estou doente e você sabe muito bem disso.

Silêncio.

Ele sabia sim. Ansiedade e depressão a fizeram mudar, perder-se em si, já não a conhecia mais e nem ela mesma conhecia a si. Já ele há muito não olhava para dentro, talvez ele também tenha se perdido, assim como ela. Era engraçado, dois caminhos, duas pessoas e agora dois desconhecidos um para o outro e para si

mesmos.

— Por que marcou de nos encontrarmos aqui e a essa hora?

— Eu não quero mais – ela disse olhando para o rio.

— Não quer o quê? – Ele franziu a testa.

— Isso tudo, isso que tenho que fingir todos os dias, essa merda que sou obrigada a aturar, essa dor que nem sei bem o motivo de sentir – ela suspirou. – Estou cansada, nem sei se estou vivendo ou se estou sonhando, tenho pesadelos constantes. Quero me jogar daqui de cima.

Ele arregalou os olhos e segurou pela mão, mesmo que ela não fosse se jogar nesse momento. Em todos esses dez anos ela nunca havia falado em fazer algo assim, não que ele soubesse. Sabia que era perturbada e que estava doente, não que ele não se encaixasse nessa categoria também, mas não podia deixar que ela fizesse tal coisa.

— Não faça isso – Foi a única coisa que pensou em dizer. – Eu também sinto a mesma dor que você, não... não pode fazer isso com você.

— Não estou mais importando com nada, cansei de gastar dinheiro com remédios pra diminuir minha dor, mas só existe uma coisa que é capaz de fazê-la passar.

— Venha pra casa comigo, está frio aqui fora. Venha vamos – A puxou de leve.

— Não precisa fingir que se importa comigo, faz dez anos que não nos vemos. Marquei esse encontro pra me despedir de você e sentir o seu cheiro uma última vez.

Ela o abraçou, um abraço único, forte e sentiu o coração dele batendo junto ao seu, ambos muito acelerados. Sentiu o cheiro dele invadir seu corpo uma mistura de cigarro e perfume em perfeita simbiose problemática. Ele retribuía o abraço, ninguém nunca o abraçava daquela forma, ainda a amava.

Ficaram assim por um longo tempo, eles se olharam nos olhos, ela deu um passo para trás e sorriu frouxo, ele também sorriu para ela.

— Não faça isso – disse o homem muito calmo. – A vida não acabou ainda, sei que nós não somos “Nós”, sei que ele se foi e já tem dez anos, ele vai esperar por nós onde quer que esteja e, com certeza, não vai ficar feliz em te ver chegar lá antes da hora.

Silêncio.

— Você sabe o que realmente quer fazer – ele suspirou –, e eu... bem... eu não posso te obrigar a nada. Você sabe onde fica minha casa, caso não queria ficar sozinha – olhou bem nos olhos dela. – Eu ainda te amo muito, eu estou tão perdido quanto você, a solução talvez não seja essa e você sabe o que quer de verdade.

Ele beijou a testa da mulher que amava e partiu deixando-a sozinha na ponte com rio lá em baixo e a lua lá em cima. Ela começou a chorar ainda sentindo o cheiro dele em suas roupas e o cheiro do cigarro na ponta de seus dedos. Sozinha novamente. Queria pular, queria muito, queria deixar tudo para trás não estava mais aguentando. Respirou fundo.

O abraço do seu antigo amor ainda lhe aquecia o peito, ela sabia o que realmente queria. Levantou a cabeça, limpando o nariz molhado pelas lágrimas. Olhou para o rio lá em baixo – engoliu o medo –, a lua lá em cima servia de apoio e de cúmplice – soltou o medo em um suspiro. Ela sabia o que realmente queria, um passo para trás já não via mais o rio.”

5 MINUTOS A MAIS CONTIGO

ERICO SILVA

Erico Silva, natural do interior do Espírito Santo, cidade conhecida como Ibatiba, reside atualmente em Anchieta, tem contos em duas Antologias publicadas, “Daemonum Sigillum - As Crônicas da Goécia” e “O Jardim - Antologia Poética”. Sempre busca inovar na escrita, entre terror, romance, fantasia e poesia, tem preferência por terror e fantasia.

Como ele mesmo diz: Temos o dom da imaginação, então porque não mostrar ao mundo, às pessoas próximas, esses lugares incríveis e intocáveis?



“Querido Regi,

Hoje, como todos os demais dias, acordei vazio. O sol já não tem a mesma cor, o vento não tem mais aquela brisa refrescante de quando andava ao seu lado. Minha vida não tem mais sentindo desde o momento que ti deixei por uma aventura. Hoje pago o preço, mesmo com tantos cuidados a minha volta, me sinto só e com medo do que está por vir.

Acredito que não saiba, pois hoje mora do outro lado do país, mas há um ano, descobri que o câncer se apossou de meu corpo, não tem solução, não por enquanto. Isso me consome a cada dia, já dispensei as palavras otimistas dos médicos, enfermeiros ou até mesmo de minha pobre família. Enquanto escrevo está carta, deitado em uma cama de hospital, recebo meu medicamento catalisador, a semana foi difícil, dolorosa, vomitei sangue, desmaiei e aqui estou.

Não escrevo para informar da minha eminente morte, tão pouco das minhas dores, lhe culpar por todo o ocorrido não faz parte do contexto. E muito menos se sinta assim. Mas o fato de escrever agora é sinal que meus dias não serão tão duradouros. Quero deixar registrado, como últimas palavras, essas dirigidas a você, que sinto muito, por tudo, de não ter enfrentado meus desejos, medos e angústias, e por ter deixado você escapar de minha vida por um infortúnio, que hoje nem sequer vem me visitar.

Me prolongar pra quê? Espero de todo o coração Regi, que sua vida tenha sido diferente, que superou sua família, os preconceitos dos demais e hoje tenha uma vida plena, com amor e carinho. Se eu pudesse pedir qualquer coisa antes de partir. É difícil sabe, mas...

Posso te Amar por Mais 5 Minutos?

Com carinho.

Erick.

Escorado no batente da janela um homem segurava a carta que chegara dois dias antes. Releu as palavras incansavelmente não crendo no que estava escrito. Olhando o fluxo dos carros em um vai e vem frenético tomou a decisão do que faria. Uma lágrima silenciosa percorreu a face com algumas rugas expostas. O voo foi adquirido na mesma noite, marcado para o dia seguinte, temia que o tempo estivesse contra ele.

Enquanto carregava a pequena bolsa por uma rua barulhenta, Reginaldo estacou diante de um lugar conhecido. A floricultura onde trabalhou boa parte da juventude e onde conheceu Erick. Passou à mão por cima de alguns botões de rosas vermelhas. E seguiu trajeto.

A pousada de D. Amélia, no centro ficava a quatro quarteirões do Hospital Do Câncer.

— Quantos dias, meu querido? — Depois de um breve diálogo, Reginaldo se sentia confortável no ambiente rústico.

— Hoje é terça-feira, quero o quarto até domingo à noite. — A senhora de cabelos grisalhos ponderou sobre o pedido.

— Fique o domingo por conta da pousada.

— Tudo bem, obrigado. — Sem mais prolongamentos subiu para o quarto. Queria ficar sozinho.

O cansaço da viagem se abateu sobre ele, com essas palavras adormeceu desajeitado.

(...)

— Bom dia, gostaria de fazer uma visita.

— Bom dia Senhor...?

— Reginaldo Gonçalves

— Quem é o paciente?

— Erick Silva.

— Certo, o horário de visitas é a partir das 10h30min até as 11h30min. Antes preciso ligar para um dos familiares e informar que o senhor está aqui.

— Acredito que tenha uma lista com os contatos dos familiares, ligue para Cristina, a irmã mais velha. — A mulher checkou às informações na lista. Lá estava.

Após longos minutos a atendente desligou se voltando para um apreensivo Reginaldo.

— Ela liberou sua entrada até quando precisar. — Os cabelos caíram sobre os

ombros quando essa pegou uma caneta no estojo e uma pequena folha. — E pediu para ligar para ela, se tiver necessidade.

— Obrigado.

— Mais uma coisa, preencha esses dados, por favor, e falta uma hora para o horário.

Preenchendo tudo que lhe foi pedido, deixou o local indo em direção a uma lanchonete do outro lado da avenida. Ficou ali beliscando o lanche que pediu. Se perguntando se tinha tomado a decisão certa.

— Pode entrar! Em 15 minutos, outro parente chega. — O enfermeiro de cabelos escuros saiu pelo corredor. O minuto que se seguiu foi como afundar em um poço escuro. Abriu, passou e fechou. Os lençóis bem-arrumados não davam indício de que alguém estava morrendo ali.

Erick sobre a cama dormia profundamente. A pele pálida demonstrava a falta de vida, essa que se esvaía a cada instante. Reginaldo se aproximou, primeiro foi a surpresa, depois o choque. As mãos trêmulas tocaram a base da cama, depois um braço inerte e desprovido de pelos.

— Sinto muito por não ter te procurado antes...— Regi chorou, como não chorava há anos. Erick estava sereno e nem tinha noção do que acontecia. O amava e tinha certeza disso.

Antes do tempo acabar e a visitar ter fim, Reginaldo retirou do bolso a carta a relendo em tom calmo, enquanto às lágrimas desciam. Nem sequer percebeu a presença do enfermeiro na porta.

— Com licença. — Por fim disse, ocultando um triste sorriso. Erick se remexeu, mas não despertou, Reginaldo se virou secando os olhos. — Seu tempo senhor.

— Sim, amanhã eu retorno. Obrigado. — Um último olhar e Regi saiu.

— Se importa de esperar na recepção? Preciso falar algo.

— Não. Estarei à sua espera. — ainda abalado o homem de 38 anos se encaminhou até a recepção. O rapaz surgiu instantes depois. Reginaldo escutava um desconhecido que gesticulava às mãos.

— Então você enviou. Como soube meu endereço?

— Uma tia sua, entrei em contato com ela, Erick que me passou. — Fazia todo sentido, a tia a qual se referiu, Angélica, morava no bairro antigo da cidade.

— Obrigado por isso. Ajudou bastante.

— Não foi nada, espero que dê tudo certo. Ele fala muito de você. Sinto muito, agora tenho que retornar ao trabalho.

— Tudo bem. Só mais uma coisa. Tem muito tempo? — O rapaz de pele clara e olhar triste apenas sinalizou em negativa. E saiu pelo corredor.

No decorrer de dois dias, Regi foi ao encontro de Erick, este permanecia em

um tipo de sono profundo. Os 15 minutos eram os mais preciosos que tinha, encontrou duas vezes um irmão e a tia que passou o endereço ao enfermeiro. Nada emotivo. Na sexta-feira às coisas mudaram, Reginaldo sentiu o peito apertado logo ao acordar. Tomou um breve café e foi direto ao hospital.

— Ele acordou, mas não terá muito tempo, quer te ver. — Júlio o enfermeiro o alertará antes de entrar. Com o coração palpitando adentrou.

Os olhos abertos fixavam no teto de gesso. Lágrimas escorriam até o travesseiro.

— Achei... que não o veria. — A voz entrecortada abafou todos os sons ao redor de Regi que se aproximou cauteloso. A boca trêmula e seca.

— Eu sinto muito por isso, por tudo Erick.

— Não, não é sua culpa, eu estou pagando por tudo. — Fechando os olhos bruscamente, Regi tocou o rosto de Erick, secando às lágrimas.

— Não se culpe. Tudo no fim dará certo. — Não se contendo, o beijo na testa em sinal de respeito fez Erick sorrir calorosamente.

— Te amo, e sempre te amarei. Se eu pudesse teria feito tudo diferente.

— O destino não nos foi favorável, mas estou aqui, senti saudades em vários momentos, tristeza em outros. — Ambos trocaram confidências, carícias e olhares, Júlio surgiu pela fresta, sereno e compreensivo.

— Como ele não tem visitas hoje Senhor Reginaldo, conversei com o superior, pode ficar até as 11h30min. Qualquer coisa só tocar o interfone.

Erick e Reginaldo olharam em agradecimento para o rapaz. A hora que se seguiu foi como se o tempo separados tivesse que ser preenchido em um curto espaço de tempo. Reginaldo saiu do quarto com o coração tranquilo, um singelo sorriso no rosto ao passar por Júlio demonstrou que tudo teria um final feliz.

Erick no quarto chorava sorridente, em meio ao inferno que se instalou em sua vida nos últimos anos, uma surpresa do passado lhe trouxe a paz e fez a angústia se dissipar. Naquele mesmo dia Erick partiu, durante o sono, em seu sonho Reginaldo o levava por entre uma trilha clara, ambos rindo. O sorriso ficou marcado como uma morte tranquila.

Reginaldo no outro dia recebendo a notícia se manteve calmo.

— Isso é para você. Sinto muito pela sua perda. — Júlio caminhava cabisbaixo, Regi abriu o pequeno papel amassado.

“Obrigado, não só por me deixar te amar por 5 minutos, mas sim por 1 hora completa. Viva sua vida, ame e aproveite cada instante, um dia nos encontraremos novamente.

Com amor, Erick.”

AMOR ESTELAR

SANDRA TAVARES

Meu nome é Sandra Tavares; gaúcha; sagitariana e testemunha de vinte e sete dezembros. Filha e esposa, sou apaixonada pelas palavras e pela música. Escrevo onde há espaço e canto onde encontro oportunidade, geralmente no chuveiro. Tenho um romance e alguns contos publicados na plataforma de leitura online Wattpad. Também tive aprovação de quatro textos/contos autorais que participarão de antologias que serão publicadas ainda em 2018.



“Quem diria que com apenas dezenove anos, o nerd solitário, filho de mãe solteira, cursaria o terceiro semestre do curso de astronomia em uma universidade federal? Eu deveria me sentir entusiasmado ao falar disso, mas a verdade é que meu círculo social continua tão pequeno quanto uma moeda de dez centavos.

Me chamo Rafael Augusto. Sempre tive certa falta de intimidade com matemática e física, mas a paixão pelos astros fez com que eu vencesse toda e qualquer dificuldade que tinha com números. Quando a gente quer algo de verdade, não há cerração que nos impeça de enxergar o céu por trás da cortina branca que se forma com a baixa temperatura.

Eu sempre fui magro, mas não se precipite: até hoje continuo sendo aquele tipo de pessoa que come um boi pela perna e não engorda. As lentes que serviam para dar um pouco de descanso aos meus olhos já cansados, que liam constantemente e se esforçavam para alcançar estrelas toda noite, me deixavam com um aspecto intelectual.

Se você abrisse as portas do meu guarda-roupas, perceberia que minhas camisas e camisetas eram de gola polo, todas penduradas em cabides em uma ordem de cores em seus tons mais claros. Isso me dava a sensação de que eu tinha algum tipo de transtorno, mas nunca levei a sério.

Porém agora já me conheço um pouco mais. Este fato fez com que me sentisse bem mais seguro para encarar as pessoas. Estranhos. Desconhecidos. Eu posso até não me amar como deveria, mas aprendi a me aceitar como eu sou e hoje isso faz uma diferença enorme para mim. Também não tenho nenhuma deficiência física, mas me sinto completamente diferente diante de outras pessoas. E não era de se esperar? Levei muito tempo para entender que isto é absolutamente

normal.

Ainda tenho dúvidas sobre ter feito a escolha certa. Tenho a sensação que deveria optar por estudar psicologia, pois facilitaria o entendimento sobre meu comportamento. Mas isso certamente não seria a solução dos meus problemas. Fobia social. Foi o que minha mãe disse. Bobagem!

Descobri que a solução dos meus problemas também estudava astronomia, mas tinha uma queda por astrologia e amava os animais. Eu a conhecia de vista, mas por estar sempre fora de órbita, nunca havia reparado nos olhos dela. Solange era o seu nome e por ironia do destino, todos a chamavam de Sol.

Eu já estava tão acostumado com a minha própria companhia, até a noite em que ela pediu licença para sentar na mesma mesinha alta e redonda da lanchonete que ficava em frente a faculdade. Eu não posso imaginar como uma voz doce pode assustar alguém, mas meu coração trocou de lugar com o estômago quando ela falou comigo.

Ela estendeu a mão para me cumprimentar. Eu retribuí o cumprimento e estremeci com aquele mero contato físico. Não era nenhuma novidade que eu ficava completamente nervoso com aquele tipo de situação, mas aquilo era diferente de tudo que eu já havia experimentado. No ambiente informal e descontraído – diferente de mim – estava tocando uma música que a descreveria bem: linda, delicada e simples. Amável, sonhadora e livre. Dava para perceber que não havia maquiagem no rosto, mas seus olhos por entre os cílios eram extremamente desafiadores, tão instigantes quanto o céu e eu fiquei curioso para saber o que eles tinham a dizer.

Passados alguns minutos, ela pediu um café e um misto quente. A combinação perfeita dos universitários. Eu fiquei com vergonha de comer na frente dela, então optei por mais um café, para não ficar sobrando ou apenas olhando, no caso. Toda aquela timidez desapareceu quando ela me ofereceu uma mordida do lanche dela. Parecia que a gente tinha acabado de criar uma certa intimidade, sabe? Era como se nos conhecêssemos há muito tempo. Ela disse que precisava ir e eu senti uma sensação estranha, desejando que ela ficasse um pouco mais. Mas, por quê?

Depois que ela virou as costas, eu a medi. Talvez eu não deveria ter feito isto, mas a culpa foi dos meus olhos. Ela vestia uma saia longa estampada e uma blusa com decote reto, deixando seus ombros femininos em evidência. O seu cabelo liso era comprido e toda vez que ela se movimentava, as mechas balançavam livremente ao redor da sua cintura de circunferência pequena. Por pouco ela não esqueceu o casaco pendurado nas costas da cadeira, o que seria um belo pretexto para iniciar uma conversa com ela no dia seguinte.

Eu era um estagiário e trabalhava apenas no período da tarde. Um privilégio,

não? Podia ficar na cama até mais tarde e até ficaria, se não estivesse me sentindo tão inquieto. Fiquei abafado por alguns minutos, de molho no colchão macio e perdido no espaço, literalmente. A parede da janela tinha um fundo azul. Sobre ela, coleí as melhores imagens que consegui. Planetas, galáxias, a via láctea, astros e o sistema solar inteiro. No forro de pvc, grudei estrelas que brilhavam no escuro, entre elas o sol, no centro de tudo. Na minha adolescência, sentia que precisava me agarrar em alguma coisa, então tomei o céu para mim. De frente para a janela, ficava posicionado o meu telescópio sob um pedestal. Foi o presente mais desejado e também o mais caro que eu já ganhei da minha mãe, no meu aniversário de dezesseis anos. Confesso que algumas vezes dá vontade de me tele – transportar para Marte, mas antes de partir eu sempre ouço um “planeta Terra chamando”. É hora de trabalhar.

Trabalho em um escritório no centro da cidade, prestador de serviços imobiliários. Meus colegas me chamam de astronauta e se pudesse, confesso que venderia terrenos na Lua. Me parece ser um bom lugar para se viver.

Naquela noite eu estava ansioso para aula, o que era atípico. Sentei em uma classe no fundo da sala e de uma maneira inconsciente, esperava por algo que certamente não seria um conteúdo novo. Os alunos foram chegando aos poucos, enquanto meus olhos procuravam um rosto. Até que ela chegou e eu sorri sem querer. Eu sorri de um modo diferente, como se todas as células e moléculas do meu corpo vbrassem. E me senti vivo, em uma maneira linda de se existir. Todos os meus sentidos se viravam para ela. Passei a sofrer déficit de atenção, porque tudo ao nosso redor se transformou em um grande borrão.

As estrelas – unidas – enfeitam o céu a noite. Já durante o dia, com seu brilho próprio, o Sol ilumina a todos sozinho. Seria privilégio ou egoísmo?

Eu ainda não tinha descoberto que estava ferrado. Paixão é a pior droga que já inventaram. Ela era divertida. Eu observava de longe. Queria ser a Terra por um dia, só para dar voltas ao redor do Sol e admirá-lo em cada uma delas.

Aquela maneira fácil de gostar das pessoas além do que elas aparentam ser é o que mais gosto nela. Aquele jeito de enxergar as qualidades de um ser humano além da casca que esconde a alma é o que ela tem de mais bonito. Suas perspectivas. Seu olhar tão único e especial para com o mundo. Só não lembrava que os meus olhos são sensíveis ao brilho solar. Isto me remete algumas lembranças da infância.

Uma noite dessas eu criei coragem e ofereci uma carona. Para minha surpresa, ela aceitou. Se dependesse de mim, nós seríamos vítimas de um silêncio terrível dentro do carro, mas graças a criatividade dela, tivemos uma conversa ainda mais entrosada, dessa vez. Falamos de signos e mapa astral. Ela me disse que o Sol dela era em sagitário e naquele momento eu entendi que o meu era onde ela

estivesse. A deixei nos arredores de sua casa, como ela insistiu. Era uma ruazinha arborizada, que testemunhou o quanto eu a queria. Já era tarde e estava escuro, mas eu me senti iluminado por aquele olhar que me arrastava para si sem fazer nada. Me liberei do cinto de segurança juntamente com todo o medo que sentia de demonstrar um sentimento e segurei em sua mão. Olhando dentro dos seus olhos, eu finalmente descobri que havia encontrado meu espaço, uma casa dentro do seu abraço e um universo no céu da sua boca, que naquele instante passou a ser *meu universo: tão particular porque estava sendo compartilhado com ela.*”

UM BEIJO, APENAS

FRANCY LIMA

Francy Lima nasceu em Morada Nova — CE e apaixonou-se pela leitura e escrita desde a infância, escrevendo seu primeiro conto aos 7 anos de idade. Sempre se destacou nas disciplinas de redação, literatura e artes. Trabalhando durante mais de 12 anos na Secretaria de Cultura e Turismo de Morada Nova e graduada em Educação Física, atuando na área atualmente, tem como suas duas grandes paixões a arte e o movimento humano. Além de contos, escreve crônicas, fantasia, ficção, romances e literatura infantil, tendo publicado um livro nessa temática em 2017 com o título “Felícia, a porquinha cor-de-rosa”, pela Giostri Editora. Em 2018 teve textos selecionados para 7 antologias entre elas “Eles estão entre nós” da The Books Editora, “Quando a noite cai” e “Posso te amar por mais 5 minutos?” da Editorial Hope, “Deuses gregos e Nórdicos” da Darda, entre outras.



“Eu estava cansada da viagem. Esperava Hélio, meu namorado, que me levaria para casa, mas as horas pareciam não avançar. Ali no banco da rodoviária eu pedia que viesse logo, e mesmo tentando falar com ele ao telefone para saber se estava a caminho, não conseguia sucesso em minhas tentativas. O celular estava fora da área de cobertura. Só me restava esperar.

Os ponteiros avançaram uma hora e meia e nada de ele aparecer. Eu realmente estava chateada, mas, por outro lado, preocupada. Ele não era de agir assim. Finalmente decidi pegar um táxi e voltar para casa a fim de descansar da viagem. De cabeça baixa, arrastando a mala, enquanto verificava o smartphone para me certificar de que ele não havia mesmo dado qualquer notícia, senti apenas um esbarrão que me levou ao chão. Atordoada procurei me levantar rapidamente para não dar ibope no saguão do aeroporto. Que vexame!

O rapaz à minha frente estendeu a mão, oferecendo-se para me ajudar, pedindo desculpas incansavelmente. Eu procurei ser gentil, afinal estava absorta no celular quando esbarramos. Com certeza a culpa devia ter sido mais minha que dele.

— Posso ajudar, moça? Me desculpe, por favor. Eu realmente não queria fazer isso. — disse ele atordoado.

— Tudo bem, você não teve culpa. Eu estava de cabeça baixa, olhando o

celular. — respondi, convicta de que a culpa era minha.

Ao olhar para ele percebi o quanto era bonito. Devia ter no máximo 27 anos, de pele clara, olhos castanhos cor de mel, no mínimo 1,80 de altura e um corpo abençoado pelos deuses. A boca carnuda que falava comigo parecia um convite ao pecado.

Eu me levantei com a ajuda dele e o toque de nossas mãos despertou um calor dentro de mim. Respirei fundo e agradei, fazendo gesto para seguir na direção do táxi.

— Ninguém vem buscar você? Posso te dar uma carona, se quiser.

— Imagina, não precisa se preocupar. Eu pego um táxi.

— Não vai ser incômodo nenhum. É minha forma de pedir desculpas.

Naquele instante eu cogitei a possibilidade de passar alguns minutos a mais na companhia daquele belo rapaz e confesso que gostei. Ele parecia educado, gentil e simpático, além de muito bonito.

— Minha casa fica no Leblon. Não vai sair muito da sua rota? — perguntei.

— Não, sem problemas. Eu te levo lá.

Caminhamos até o carro e iniciamos uma conversa assim que o motor começou a funcionar. No auge dos meus 44 anos eu precisava admitir que estava deveras atraída por aquele rapaz sentado no banco ao meu lado. Eu comecei a pedir que o Leblon tivesse mudado de lugar para que o percurso até lá me desse o prazer de esticar aquela companhia por mais algum tempo.

Mas eu dei de cara com a porta da minha casa diante de mim e apenas me virei para agradecer. Não deu tempo pronunciar qualquer palavra. O beijo que ele me deu foi de uma intensidade que clamava apenas por silêncio. Ali sentimos o gosto de nossas bocas e nos perdemos no sabor daquele momento.

O beijo nunca vem só. Quando percebemos, nossas mãos já percorriam nossos corpos e estávamos entrelaçados e tão próximos que nem o vento conseguia passagem. Foi um beijo ardente, demorado, sincero. Podia falar mais do que qualquer palavra que disséssemos.

— Me desculpe. — eu falei me afastando depois de um tempo.

— Por quê está me pedindo desculpas? Foi maravilhoso! Eu queria beijar você desde o primeiro momento que te vi.

— Eu tenho 44 anos. — falei certa de que ele se afastaria de mim naquele instante.

— E daí? — ele perguntou com aquele sorriso dos deuses.

— Como assim e daí?

— Idade é algo muito relativo. Há pessoas jovens aos 80 e velhas aos 20.

— A idade da alma é relativa, mas a do corpo segue um padrão. Não tem como fugir das armadilhas do tempo sobre a pele — falei.

— O que importa é fazer valer o “infinito enquanto dure”.

Eu o beijei de novo. Queria de verdade escrever meu infinito, nem que ele fosse o momento de um “beijo, apenas”. Nos despedimos depois dali e eu subi para meu apartamento me sentindo uma mulher feliz.

Quando vasculhei os bolsos de minha calça jeans antes de colocá-la na máquina na semana seguinte, encontrei um papel com um número de telefone. Desgraçado! Ele tinha arranjado um jeito de acumular mais tempo ao nosso “infinito enquanto dure”. A semana toda eu havia lembrado dele e do gosto do nosso beijo, mas certa de que não haveria como repetir. Agora com aquele número em mãos eu tinha certeza que não resistiria. Apanhei o celular sobre a mesa e liguei. A voz de veludo me disse “oi” do outro lado. Minhas pernas tremeram e a gente se viu naquele mesmo dia, e no dia seguinte e no outro e no outro...

Devo dizer que Hélio me deu uma explicação xôxa sobre não ter ido me pegar no aeroporto naquele dia. Eu nem liguei. Para mim tinha sido o melhor imprevisto da minha vida. Para um relacionamento que se arrastava há 7 anos, dentro de uma rotina tosca e sem muita afinidade, às vezes menos explicações eram melhor que longas conversas sem nexo.

Como prêmio consolação pela minha compreensão, Hélio me convidou para acompanhá-lo no casamento de um amigo de família. Iríamos fazer pose de casal feliz em meio à sociedade.

Doze semanas depois de ter me esbarrado com aquele cara no aeroporto ele me chamou para jantar. O que eu não esperava era um buquê de rosas vermelhas e um cartão escrito em letras douradas:

“Eu desisto de tudo por você!”

Te amo!

Allan

A força da última frase, mexeu com tudo dentro de mim, mas eu queria entender a primeira. Perguntei o que significava aquilo e ele segurando em minhas mãos me revelou que deveria se casar em duas semanas, mas que o casamento tinha sido mais um arranjo entre famílias do que qualquer outra coisa. Apesar de gostar de sua noiva, que conhecia desde os 19 anos, ele me disse que não a amava suficiente e que depois de me conhecer tivera a certeza que era comigo que queria ficar. Eu só precisava dizer sim e ele enfrentaria tudo e todos pela nossa história.

Eu olhei para aquele menino derramando-se diante de mim e quis ficar com ele pelo resto da vida, mas o amor que sentia por ele me fez ser sensata. Eu não permitiria que meu amor sofresse discriminação, críticas, perseguições e indiferença por parte de todos, por minha causa. Não por algo que ele não sabia

medir em consequências. Eu era uma mulher de 44 anos que não podia me dar ao luxo de viver uma paixão de adolescente, mesmo que fosse essa a minha vontade.

— Eu não te amo, Allan — falei, tentando parecer seca.

— Germana, eu sei que está mentindo, a gente já conversou sobre essa coisa de idade. A gente se dá tão bem, se gosta, se deseja... o que há de errado nisso?

— Você está certo. A gente se gosta, se deseja, só isso. Daqui a pouco vai passar. É só físico. Casa com sua noiva. Eu tenho um namorado também, você sabe. É com ele que quero ficar.

Eu deixei a mesa às pressas para que ele não tivesse tempo de ver minhas lágrimas. Apaguei seu número da agenda do celular, enquanto chamava o táxi. Por mim, por ele... era melhor assim.

Hélio vestia um blazer azul naquela noite. Eu um vestido vermelho com renda discreta. A igreja estava cheia de convidados esperando ansiosamente a chegada da noiva. Eu quase desmaiei quando vi Allan no altar com seu terno branco e cravo na lapela. Tentei disfarçar, mas a falta de ar e o suor excessivo tomou conta de mim. Me retirei para tomar um ar e Hélio nem sequer perguntou onde eu estava indo.

Fiquei lá fora, por um tempo que pareceu a eternidade. Eu procuraria Hélio e dizer que não estava bem. Queria ir para casa. Não tinha maturidade para ver meu amor casando com outra e saber que a culpa era minha.

Quando passei pelo corredor vi um casal se beijando. Deveria ter me sentido a pior das criaturas, mas agradei por finalmente ter um motivo concreto para terminar tudo. Hélio nem sequer tivera a decência de se preocupar com a minha presença naquele evento antes de beijar a secretária gostosa com quem trabalhava no escritório. Apenas bati uma foto com o celular e me retirei para ir embora.

Ao passar pela porta da frente, vi que a noiva estava no altar ao lado dele. Meu coração quis saltar do peito porque ele acabara de dizer sim.

Eu só precisava de mais 5 minutos para que tudo tivesse um fim diferente.”

PARA SEMPRE EM MEU PENSAMENTO

JAQUELINE GONCHOROSKI

Jaqueline Gonchoroski nasceu em São José dos Pinhais, Paraná. É casada, tem uma filha e dois vira-latas. Apaixonada pelos livros desde pequena, cresceu criando mundos imaginários e amando viver nesse universo paralelo. É formada em Design Gráfico, mas atuou por pouco tempo, pois descobriu que preferia embelezar as palavras que brotavam em seu pensamento, em vez de linhas e formas. Realizou o maior sonho ao publicar seu primeiro romance em 2017, *Décima Sinfonia*, que é a sua menina dos olhos.



“Estava fazendo um dia lindo e por ser final de dia, a temperatura estava amena. Eu agradecia por isso, pois o esforço que estávamos fazendo pra subir até o mirante era grande.

— Amor, olha essa vista...

Felipe me alcançou no topo do mirante e depois de um suspiro de surpresa, ficamos em silêncio. Blocos de nuvens haviam tomado conta de todo o horizonte, nos impedindo de ver qualquer coisa e o sol começava a se pôr deixando o céu com aquele tom encantador.

— Eu amo você, pequena. Prometo estar ao seu lado para sempre.

— Eu também te amo, amor. Eu nunca mais estarei sozinha.

Eu estava feliz e não fazia ideia das surpresas que estavam por vir. Boas e más.

Eu estava subindo mais um mirante, mais um local para marcar a minha vida. Os dias ainda estavam difíceis e parecia que aquele buraco aberto em meu peito não fecharia tão cedo. As lágrimas começaram a escorrer e eu não tentei contê-las, era algo impossível. Fechei os olhos e desejei mais uma vez, em vão, que Felipe estivesse comigo. Só assim meu coração estaria inteiro novamente.

Cheguei em casa com o coração apertado. Fui direto para o banho e tentei me distrair com algo, pois estava ficando insuportável conviver comigo mesma. Estava cansada de sofrer e sabia que a mudança dependia somente de mim. Eu havia parado de contar os dias sem Felipe, mas isso não tinha me ajudado. No fundo eu sabia qual era o primeiro passo para começar a superar a falta dele, mas era uma decisão que podia trazer mais dor ainda. Eu teria que arriscar e voltar até aquele mirante, onde tudo aconteceu. Onde fui ao céu e ao inferno ao mesmo

tempo.

Lá estava eu novamente. Caminhei até chegar à entrada da casa de pedra. Meu coração acelerou e eu já podia perceber a atmosfera mudando. Respirei fundo e avistei a cabana. Ela ainda tinha aquele ar de mistério e segredos que havia me hipnotizado da primeira vez. Dei a volta na varanda e segui na direção do jardim e da cascata. Duas árvores próximas formavam um portal de entrada para o “Santuário”, como era chamado. E ali meu coração encontrou a paz. A mesma que eu senti quando estive pela primeira vez. As árvores formavam um escudo ao redor da clareira e a cascata trazia a tranquilidade que aquele lugar merecia. Subi as poucas pedras que davam acesso a ela e mergulhei minhas mãos na água gelada. Sentei-me na pedra e enquanto ouvia o barulho das águas, fechei os olhos e viajei até o passado, há alguns meses, mas que pareciam décadas.

— Amor, olha essa cabana, que incrível!

Eu sorri da empolgação de Felipe, mas senti a mesma coisa que ele. Parecia que a pequena casa de pedra tinha saído de um filme. Minha curiosidade ficou aguçada e eu queria conhecer cada pedacinho daquele lugar mágico.

— Felipe, venha ver essa cascata e essa clareira!

Ele parou de analisar a cabana e veio até mim. Suas mãos repousaram em minha cintura e ele suspirou junto comigo.

— Ultimamente tenho pensado em nosso futuro. Há alguns dias eu tomei uma decisão — Ele deu a volta e parou à minha frente. —, e aqui é o lugar perfeito para te perguntar. — Meu coração estava acelerado e eu estava quase chorando. — Estamos junto há quase três anos, nos conhecemos a vida inteira e eu queria saber se você aceita trilhar novos caminhos comigo como minha mulher, em vez de apenas namorada. Eu quero poder dizer que tenho a melhor esposa do mundo, que topa minhas aventuras e loucuras. Mel, casa comigo?

Eu estava rindo e chorando feito uma boba. Como não amar esse homem? Atirei-me em seus braços e ele me girou no ar, mas parou de repente, não soltando o abraço que me apertava.

— Sim, claro que eu aceito ser esposa do homem mais incrível que já conheci. — Nos beijamos apaixonadamente, mas percebi que o ar tinha mudado. Olhei em seus olhos e ele não retribuiu. Isso me preocupou. — Está tudo bem, amor?

Ele me soltou e pegou minha mão, guiando-me até a cabana. Sentou no degrau e me colocou em seu colo.

— Eu preciso te dizer algo que pode mudar nossa vida por um tempo, mas preciso que confie em mim.

— Você está me assustando, o que houve?

Ele respirou fundo e me encarou.

— *Eu fui convocado para a missão no Haiti. Eles vão partir semana que vem. Sabe quando o que você mais teme, acontece? Quando aquele medo que te acompanhava desde sempre se torna real? Ele sabia o quanto eu temia esse momento.*

— *Como assim? Mas você disse que isso não aconteceria, Felipe!*

— *Eu sei, também pensei, mas me enganei. Essa é a última equipe que vai para lá e falaram que meu trabalho pode ser mais bem executado em prol daqueles que precisam...*

Eu estava chorando. Saí do seu colo e voltei para o meio das árvores. Ele me seguiu.

— *Desde quando você sabe disso?*

— *Faz uma semana...*

Eu solucei.

— *E por que não me contou, Felipe? Por que pediu para me casar com você se isso pode não se tornar realidade?*

— *Mel, por favor! Não diga isso. Eu vou em uma missão de paz, vamos reconstruir a cidade, ajudar quem precisa. São apenas seis meses. Eu pedi que se casasse comigo para que soubesse que eu pretendo voltar, que eu quero voltar para você.*

— *Como eu vou ficar sozinha aqui, Felipe? Você sabe que eu não sei lidar com despedidas, que eu não posso ficar sem você...*

Ele me abraçou e eu chorei de tristeza. Eu estava sendo egoísta e exagerada, mas desde o dia em que ele entrou para o Exército, esse era o meu maior medo, que ele fosse enviado para longe.

— *Mel, meu amor, eu não corro perigo nenhum. Vamos ficar sem nos falar por um tempo, pois a comunicação lá é precária. As cartas podem demorar, mas eu vou voltar para você.*

Ele veio até mim e me abraçou, enquanto seus dedos procuravam meus cabelos. Uma lágrima escorreu. Não podia ser tão difícil assim, podia?

Voltei ao presente, pois reviver aquela última recordação de Felipe ainda me machucava muito. E para piorar, existia a possibilidade de algo ruim acontecer por lá e ele não voltar mais. Fechei os olhos com esse pensamento. Essa não era uma possibilidade para mim, viver sem Felipe não era uma coisa que eu conseguiria fazer.

Não era raro eu ouvir sua voz em meu pensamento e isso estava acontecendo agora. Levei um susto quando senti alguém me tocando. Foi um susto maior ainda quando vi quem era. Eu havia sonhado várias vezes com Felipe, mas nunca tinha sido tão real assim e isso me quebrou ao meio, pois eu sempre acordava pior ao perceber que ele não estava ali.

— Mel, meu amor, eu estou aqui...

— Felipe? — fiquei em choque e comecei a tocar em suas mãos, seus braços, seu rosto. Era real, ele estava aqui comigo, finalmente. Joguei meus braços em volta do seu pescoço e soluzei. — Você voltou, eu não acredito... Mas como?

Ele se distanciou um pouco para me olhar nos olhos. Suas lágrimas escorriam como as minhas. Suas mãos foram até meu rosto e era como se ele tocasse minha alma, meu coração partido.

— Seis meses, meu amor... Foi esse tempo que eu disse que ficaria longe. Cheguei hoje em Curitiba e queria te fazer uma surpresa. Minha mãe disse que você tinha vindo pra cá e não pensei duas vezes em te seguir.

Eu estava sorrindo e chorando ao mesmo tempo, quase em choque.

— Eu parei de contar os meses... Não fazia ideia de que você estava tão perto. Deus, obrigada por trazê-lo de volta para mim.

Fiz o que sonhei muito em fazer desde que ele partiu. Puxei para mais perto de mim e o beijei. Ah, aqueles lábios... Eu quase havia me esquecido como era tocá-los. Acabamos com qualquer espaço que tinha entre nós, nos juntando em um abraço apaixonado enquanto nossas bocas matavam a saudade uma da outra. Uma mão estava em minha cintura e a outra segurando meu cabelo. De repente eu senti os raios de sol nos tocando, surgindo em meio à copa das árvores. Meu coração finalmente estava completo de novo e sem espaço vazio. Felipe havia voltado, estava bem e esse era o melhor remédio para mim.

Somente o amor pode curar e restaurar o que havia se partido. Eu tinha nascido para vivê-lo em toda sua plenitude, para ser dois em um, para viver feliz ao lado de alguém. E o meu alguém era Felipe.”

AQUELA MARCHINHA

ALEX OLIVEIRA

Alex Oliveira nasceu em 02 de Setembro de 1992, em Macapá. Escreve desde seus doze anos de idade, autor da ficção distópica EX-CRAVO. Membro da Associação Literária do Estado do Amapá (ALIEAP).



“Não me venhas falar de ano, pois digo logo que não me lembro. Muito menos horário ou local marcado, também sou péssimo com essas coisas. A única coisa que me lembro é da rua cheia e febril, afinal é assim que se espera que seja uma tarde de carnaval. Eu poderia até recitar aquela marchinha que entoava incessantemente me fazendo memorizar o compasso dos batuques e das vaciladas no cavaquinho que o grande Saulo arriscava em seu primeiro dia de folia, mas não pretendo perder tempo com o desnecessário.

Venho falar do ataque fulminante que sofri naquele mesmo dia. Sim, foi fulminante o momento em que a vi na primeira curva que a Banda fez. Caramba, eu devo ter deixado bem evidente que queria chegar nela, ela devolveu um olhar presunçoso me convidando para ir em frente, mas preferi esperar o ápice do movimento chegar. Afinal o que seria de uma tarde de folia sem apreciar a passagem da Banda. Mas não ficaria por ali. Não fiquei. Assim que vi a desenvoltura dos bonecos sacolejando por aquela ladeira apressei os passos para não perdê-la de vista. Passei por debaixo do saião da Conxita, a bonecona mais antiga dos carnavais do bairro, e me aproximei mais ainda. Dessa vez já podia ter melhor visão da formosura que me dava moral. Quase não acreditei no encanto de mulher que me paquerava, ali de mansinho, quase recatada.

Aproximei-me mais daquela moça que me viu entre tantos. Que coisa mais tola da minha parte esperar tanto para chegar logo nela e roubar um beijo, mas eu continuava ali, esperando o momento certo para chegar junto. Talvez ela me quisesse justo por não chegar junto, era incomum naquele tempo um homem não se insinuar primeiro em uma paquera. Mas não estou dizendo com isso que aquela moça foi vulgar ou promiscua, não! Mas também se fosse, qual seria o problema? Afinal, as mulheres também têm direito de fazer o que bem entendem. Se ela estava a fim de paquerar, que paquerasse à vontade. E que sorte ter sido a mim que ela decidiu investir aqueles olhares. Confesso que precisei tomar mais um pouco da minha bebida. Coragem já estava me faltando. Mas

antes que seguisse para ela definitivamente, precisei pensar no que falar quando cara a cara; “*Oi, tava te vendo dali e... caraca, você é gata!*”, como assim eu vou falar isso? – pensei logo indignado. – “*E aí, qual seria o gosto da sua boca?*” O quê? Mas por que eu estava pensando aquilo? Simplesmente parei.

Ela já estava quase chegando à ponta do grupo principal de foliões. Apesar de ainda faltar muito percurso de Banda eu não queria falar com ela na frente de toda a concentração. E se ela me desse um fora ali mesmo? E se não estivesse mais me querendo como companhia para finalizar a saída da Banda? Eu não conseguia evitar pensar tudo aquilo. Era o que tinha para acontecer, já que nada mais aconteceu até ali. Afinal, que todo carnaval tem seu fim eu já sabia, só precisava saber se o meu acabava ali, ou estava apenas começando.

Quis sorrir assim que parei à sua frente. O fato de eu querer sorrir naquele instante se referia a simplesmente não conseguir abrir a boca para falar um *oi* sequer. Não consegui dizer nada do que havia pensando há pouco. Apenas fiquei lá olhando para ela com aquela maquiagem semelhante à da Madonna.

Ela também me olhava. Estava até prevendo a decepção que ela estava sentindo em ter desperdiçado tantas invertidas com um cara como eu. Mas havia alguma coisa nos olhos dela que tentavam me dizer algo que parecia ser bem mais que decepção, mas eu não conseguia decifrar. Mesmo assim eu não arredei o pé dali. Logo nos aproximamos, mesmo sem trocar uma palavra sequer. Ela no canto dela e eu no meu. Eu queria ser capaz de fazer o que sempre fazia nos carnavais dali; chegar nas moças e xavecar. Mas ela era diferente. Ela me olhava com autoridade e servidão, era confuso para mim, mas também compreendia bem o que ela estava pretendendo com aquilo.

Havia gente se beijando, se abraçando, dançando ao som daquele batuque entoado mais ao fundo. Também havia aqueles que só ficavam mais na beirada da rua acompanhando com os olhos a passagem da multidão. E à minha frente aquela moça que de imediato me fez perder a força das pernas e dar um meio tombo para o lado, mas sem cair. Beijou-me. Ela também se assustou com a minha reação, que sinceramente foi estranha. Ela me segurou pelo braço e sorriu.

Ela me ajudou a reerguer o corpo e ainda em silêncio me beijou de novo. Dessa vez fiquei ali e retribui. Senti o gosto de sua boca. Abracei-a. Foi tão bom poder senti-la. Mas aquele momento não durou por mais que cinco segundos. Um cara ao seu lado me puxou repentinamente sem nem ao menos eu ter esbarrado nele. Ele me segurou e me ameaçou com a outra mão fechada em punho.

Eu perguntei imediatamente o que estava havendo ali, mas ele só ficava falando que ia me quebrar em dois. Mas eu comecei a entender quando a moça que me beijou o segurava e urrava. Ela não gritava com ele e nem falava, apenas

urrava na tentativa de impedi-lo de me esmurrar.

Segurando-me com uma mão, ele começou a gesticular para a moça enquanto perguntava irritado o que ela pensava que estava fazendo. Ela também gesticulou para ele, mas sem falar uma palavra sequer. Apenas urrando. Ele tornou a gesticular, perguntando se ela não poderia ter arrumado alguém melhor. Então ela também gesticulou para ele, mas dessa vez eu entendi parte dos gestos, ela fez um bico com os dedos de cada mão e os juntou como se fossem duas bocas se beijando. E depois apontou o seu indicador direto para si.

Aquele cara continuou me segurando até entender que eu não havia agarrado aquela moça, mas pouco antes de me soltar fez questão olhar diretamente nos meus olhos e dizer que não sairia de perto e que em qualquer vacilo deformaria o meu rosto usando apenas o seu punho.

Mas aquelas ameaças todas não se faziam necessárias. Beijar no carnaval é muito bom, mas ter uma companhia para a vida toda é melhor ainda. Aquela moça, mesmo sem trocar uma palavra comigo me disse tantas coisas que eu jamais poderia explicar com exatidão. Ela me fez sentir o calor que o ser humano é capaz de proporcionar. Não apenas naqueles lábios macios e suaves de se beijar, e sim no sentimento que se pode ter entre duas pessoas.

Mais tarde, no fim de todo o percurso da Banda, sem trocar uma palavra, o mesmo cara que me coagiu, explicou toda aquela situação. Ele era irmão dela. Ainda assim eu estava sem entender o porquê de ela não ter dito aquilo antes. Então respondeu com indignação que a sua irmã era deficiente auditiva, e logo em seguida ele a pegou pelo braço e a levou. E eu fiquei ali sem saber o que fazer, sem reação. Mas eu não estava assim pelo que aquele cara disse, mas sim pelo que ele decidiu por mim e aquela moça.

Segui para aqueles irmãos que estavam me deixando ali de lado. Marchei apressado, aquela marchinha decisiva que nos faz sentir a vida por um fio. Não perdi mais tempo com o cara, fui direto naquela garota e a peguei pelo braço, beijando-a. Mas não estou falando de um beijo sem graça que se dá em várias bocas no carnaval apenas por troca de saliva, estou falando daquele beijo que nos faz vibrar por dentro ao ponto de ter fraqueza nas pernas, mas, mesmo assim, conseguir ter força para se sustentar. Aquele beijo foi o mais importante da minha vida. Quer saber o por quê? Porque estava beijando com toda a eletricidade que o amor é capaz de gerar, a mulher da minha vida. A mulher com quem me casei e constitui uma família. A mulher que está comigo até hoje. A mulher que me escolheu dentre muitos naquela multidão.

Sei que há quem diga que carnaval não serve para encontrar a sua cara metade. Que no meio da folia só há quem queira se divertir e curtir. Não vou te mentir, disso há muito, eu mesmo era um desses. Mas o amor não escolhe ano,

dia, hora ou local, muito menos feriado para acontecer. Ele simplesmente acontece. E você saberá quando o amor da sua vida aparecer, assim como eu ao ver aquela moça pela primeira vez. Ela tinha amor no olhar. Ela era (é) o meu amor.”

PARA ONDE ELA FOI?

VITÓRIA RODRIGUES

Vitória Rodrigues tem 18 anos e mora na cidade de Guaçuí ES. Começou a escrever desde criança e sempre foi apaixonada por livros. Uma de suas maiores inspirações como escritora é o Nicholas Sparks.



“Eu me lembro claramente como vim parar aqui em Londres, comprei um café na padaria e me sentei perto de um balcão. Há sete anos eu venho sonhando com uma garota, no sonho ela estava vindo em minha direção, quando ela se aproximava de mim e eu a tocava ela desaparecia, todos esses sonhos que tenho com ela tem se transformado em um pesadelo para mim, sete anos amando uma pessoa que eu não converso mais. Meu amigo Fernando me convenceu de ir atrás dela, quando eu disse que a amava ela se distanciou de mim e eu nunca mais a vi, acho que ela ficou com medo de estragar a nossa amizade. Eu não sabia onde ela estava, então fui atrás da sua melhor amiga Helena, ela me disse que Lauren se mudou para Londres com sua família após entrar na faculdade de medicina e aqui estou eu, já faz um mês que estou aqui e não a encontrei, amanhã meu visto vence e eu irei embora, encontrar ela seria uma oportunidade para conquistá-la e mostrar que ainda podemos ser amigos e também iria me livrar desses pesadelos que me atormentam.

Ao olhar para trás eu vi uma garota com uma touca e cachecol, ela era morena, seus cabelos eram pretos, ela estava mexendo no computador em uma mesa, ao me levantar e me aproximar dela meu coração começou a disparar, nossos olhos se encontraram e ela era a Lauren, fiquei parado feito um bobo paralisado, no meu último dia em Londres eu a encontro e não sabia se isso seria bom ou ruim. Ela me olhava surpresa.

— Diego!

— Lauren, quanto tempo!

— É, muito tempo!

Ela estava incrivelmente linda e vi que eu ainda a amava muito. Seus olhos castanhos ainda eram genuínos, e ela ainda tinha aquele brilho que a diferenciava de todas as pessoas.

— Você quer se sentar?

— Claro Lauren!

— O que faz aqui em Londres?

— Passeando.

— Eu senti falta do meu amigo — falou sorrindo — e o que você anda fazendo?

— Também senti sua falta e eu sou professor de inglês.

— Que legal.

— Você continua linda Lauren.

Ela desviou seu olhar, percebi que estava com vergonha.

— Me desculpa. — falei sem graça.

— Sem problemas, vamos sair daqui? Londres é incrível.

— Claro.

Estávamos andando pelas ruas de Londres, eu reparava no jeito que ela se movia, no jeito que seus cabelos voavam ou quando ela escorregava no gelo e eu a segurava despertando um sorriso em seu rosto, eu estava me apaixonando ainda mais, ela ainda era a mesma garota, sorridente e espontânea.

— Por que você foi embora?

Estava nevando de leve e paramos em uma ponte observando o lugar.

— Eu precisava ficar longe de você!

— Como? — falei surpreso.

— Eu tentei entrar em uma faculdade aqui e consegui, você era meu amigo e disse que me amava, eu não poderia estragar nossa amizade.

— Você estragou indo embora!

— Você ainda é apaixonado por mim?

Eu olhei para frente e meu coração parecia que ia saltar pela boca, ela disse aquilo mais confirmando do que perguntando.

— Não — murmurei, passando a mão nos meus cabelos loiros.

— Eu sei o que você veio fazer aqui, Helena me contou que você queria me ver, eu só não sabia como te encontrar aqui em Londres.

— Eu sou sim apaixonado por você, e desde que você sumiu do nada eu venho tendo pesadelos, sonho sempre que você está vindo até mim e quando eu te toco você desaparecia, eu não aguentava mais sonhar com isso, precisava saber se eu estava ficando doido.

— Eu não sumi do nada, apenas não queria espalhar para todo mundo onde eu estava, mas eu não acho que você esteja doido — disse Lauren suavemente — eu era apaixonada por você no colegial.

— Vo... Você? — falei gaguejando.

— Eu nunca te disse, pois nossa amizade valia muito para mim.

— Para mim também!

Ela olhou para mim com aqueles olhos castanhos que tanto marcou meu

ensino médio, aqueles olhos que me torturavam todos os dias.

— Podemos ser amigos ainda Diego. Acha que ainda terá pesadelos?

— Se eu te perder novamente talvez.

— Você não vai mais me perder.

Ela deu um sorriso tímido para mim, depois de ela ter me mostrado um pouco de Londres fomos para um restaurante jantar, eu ainda estava de cachecol e casaco, não estava bem-arrumado para um jantar. O restaurante estava cheio e nos sentamos perto de uma clareira.

— Eu pensei em você durante esses sete anos, como tudo seria se você ainda estivesse comigo. Foi muito desagradável passar todos esses anos sem saber se eu te veria novamente.

— Não é fácil esquecer o primeiro amor e você não mudou nada Diego, continua forte, com esses cabelos cacheados loiros que eu sempre amei.

— Você também não mudou nada, apesar da última vez que nos vimos tínhamos dezessete anos.

— Verdade — falou rindo — a gente passava o dia inteiro, juntos, foi difícil me acostumar a ficar sozinha.

— Você sempre teve a mim e sempre terá.

Nos olhamos intensamente, algo me dizia que ela ainda me amava, era tudo uma novidade para mim saber que ela também me amou e que estava com medo de perder a minha amizade por isso, talvez se ficássemos juntos fortaleceria a nossa amizade.

— Obrigada Diego, você sempre fazia me sentir protegida, espero passar um bom tempo ao seu lado.

— Eu irei embora amanhã.

— Sério?

— Sim, meu visto está vencendo, me desculpa perguntar mas eu preciso saber antes de ir embora, você ainda é apaixonada por mim?

— Eu sou sua amiga Diego e só!

Ao longo do jantar ficamos em silêncio, parecia que os pensamentos dela estavam em outro mundo, eu não deveria ter perguntado aquilo para ela, ela só queria ser minha amiga e eu tinha que entender isso. Éramos muito próximos e pelo jeito que a gente se olhava ainda estávamos próximos. Eu não sabia onde ela estava e fui parar em Londres, nunca tinha feito algo assim por uma garota.

— Obrigado pelo jantar — falei quando ela me levou até o hotel.

— Eu vou sentir saudades, adeus.

— Eu também, adeus Lauren.

Ela me abraçou e foi embora. Peguei o voo de manhã e voltei para minha cidade, Guaçuí, depois de mais dois dias de férias voltei a trabalhar na escola,

dei várias aulas, era a coisa que eu mais amava depois da Lauren. Com um mês trabalhando pesado e ocupando a minha mente meus pensamentos sobre ela ainda eram fortes, os sonhos continuavam, mas, pelo menos, eu sabia que não era doido.

Fernando me perguntou como tinha ido a viagem e eu não o respondi, ele ficou durante todo esse mês me enchendo de perguntas. Depois da última aula, arrumei minhas coisas e ao ir em direção a porta, uma bela garota alta, morena, estava me fitando.

— Lauren, o que faz aqui?

Ela se aproximou de mim.

— Eu não fui totalmente sincera com você, eu fiquei com medo de te dizer que eu ainda te amo e sempre te amei, você sempre me incentivou a ser uma pessoa melhor, eu fiquei com medo de te dizer isso por sermos amigos, mas eu te amo Diego e quero me arriscar viver todos os meus dias ao seu lado.

Eu não estava acreditando que ela saiu de Londres para me ver. Ela ainda me amava eu queria gritar isso bem alto.

— Eu também te amo, você foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida, você foi como um fogo que me queimou de uma forma boa, só te ver na minha frente dói, dói o meu amor por você — falei me aproximando dela.

— Achei que eu não conseguiria vir até aqui, mas eu tinha que me livrar dos meus pesadelos de não te ver nunca mais.

— Não sabemos quando tudo pode mudar, não sabemos se ainda temos o amanhã, mas o importante é saber que iremos aproveitar cada momento, Lauren.

— Não quero perder a nossa amizade.

— No meio de uma amizade surge um amor e a vida nos deu uma oportunidade rara que no fundo todos nós esperamos, a oportunidade de recomeçar.

A puxei pela cintura e dei um beijo suave nela, seus lábios se moviam com os meus, senti seu cheiro tão doce e passei a mão em seus cabelos tão macios, tudo parecia ter acontecido rápido demais naquele momento, mas, na verdade, tudo já estava acontecendo há sete anos. A única coisa que eu sei agora é que eu quero amá-la a cada minuto como sempre amei.”

UM AMOR NO CARNAVAL

LAURA FLORÊNCIO

Laura Florêncio tem dezessete anos, nascida no interior do Paraná e sempre pronta para enfrentar novos desafios. Aprecia a leitura desde que consegue se lembrar, mas a vontade de escrever só veio aos dez anos quando resolveu dar continuidade em alguns de seus livros favoritos em forma de fanfics e decidiu que amava isso. Até o momento já escreveu diversas histórias em plataformas públicas, participou das antologias “Contos e Encontros do Coração” da Editorial Hope, “Por Baixo D'Água” e “Playlist - Contos Musicais” ambas da Rouxinol Editora, além de estar prestes a lançar seu primeiro romance.



“No meio de seu passo de dança Carla se virou e a viu.

Lá estava ela, cercada de pessoas, mas parecendo estar presa em seu próprio mundo, sem se importar com a multidão que lotava as ruas.

Era a criatura mais linda dali, com toda a certeza, não porque seus cabelos cacheados dançavam junto com ela ou porque sua pele escura estava quase toda coberta de glitter. Ela era a pessoa mais bonita dali porque estava feliz e aproveitando tudo sem se importar com os outros ao redor.

Diversos eram os homens que se aproximavam dela durante a comemoração, Carla via isso mesmo de longe, mas ela simplesmente ria e se afastava, indo dançar sozinha para outro lado, não estava interessada neles.

Claro, se fosse em outro momento, outras épocas, ela não se importaria em receber tanta atenção, se festejaria com ela e ficaria com tantos homens quanto quisesse porque ela era livre para aproveitar. Mas agora era diferente.

Depois de tantos anos sendo melhores amigas e inseparáveis Alicia e Carla estavam juntas no sentido mais literal da palavra.

Carla tinha cultivado diversos sentimentos pela amiga sem nem perceber e quando sua questão sexual finalmente veio à tona — quando Carla finalmente 'saiu do armário' — ela temeu que sua amizade fosse se acabar por conta de algum preconceito que sua amiga poderia ter com a orientação alheia. Então imagine sua surpresa quando descobriu que Alicia também gostava de meninas, bem, meninos e meninas. E que também possuía certo interesse em Carla.

Então, contrariando todas as expectativas das pessoas que as conheciam desde que eram apenas duas menininhas correndo de um lado para o outro carregando

bonecas em seus braços, as duas iniciaram um relacionamento.

A verdade é que elas não estavam tão diferentes de quando eram só amigas, o que era bom, elas possuíam uma intimidade boa e fluida que contribuiu muito para o namoro e deixava todas as coisas mais fáceis. Não existia ciúme, elas amavam e confiavam uma na outra, o sentimento era doce e o mais puro possível.

Alicia rodou de novo em seu lugar, a fantasia de unicórnio comprada especialmente para aquele bloco de carnaval balançando junto com ela, e olhou para Carla.

Foi o suficiente para seus olhos se acenderem com o calor que só o amor poderia oferecer e um sorriso deslumbrante preencher seu rosto.

O coração de Carla palpitou rapidamente diante daquela visão e ela sorriu de volta.

— Você está vendo esses caras? — Alicia perguntou se aproximando, a maquiagem parecendo minimamente deformada por conta do tempo e do suor.

— Eles estão caidinhos por você — Carla brincou balançando em seu lugar.

A outra garota fez um som de descontentamento e jogou os braços ao redor de Carla.

— Eles não parecem perceber que eu não estou nenhum pouco interessada.

— Os homens podem ser obtusos quando querem, é por isso que eu prefiro você.

— Eu deveria me sentir elogiada com isso?

— Absolutamente — Carla concordou depositando um selinho em Alicia.

— Que bom, porque eu estou um pouquinho — Alicia disse ajeitando o chifre de unicórnio que insistia em cair sobre os cabelos — Venha, vamos dançar essa música! Ela é maravilhosa!

— Você sempre diz isso de todas as músicas — Mas Carla foi.

Segurando a mão de sua namorada as duas se renderam ao som das marchinhas de Carnaval, as fantasias, uma de unicórnio e a outra de diabinha, encharcando-se de suor enquanto elas se movimentavam alegres, ignorando absolutamente tudo que não fosse a presença uma da outra.

Elas estavam bem consigo mesmas, o preconceito, os olhares tortos e os pensamentos dos outros não afetavam sua relação, porque elas se amavam.

Para Carla, aquilo era o paraíso.”

PERDOA-ME

JULIUS CAESAR

Julius Caesar um típico NERD, Gamer, Geek, Otaku. Viciado em cultura pop, pai, marido e apaixonado pela família. incentivado desde pequeno a leitura pela sua mãe, embora fosse semianalfabeta ela sabia a importância da leitura na vida da pessoa. Na adolescência conheceu o universo de fantasia do R.P.G e começou a escrever história para diversão de seus amigos e não parou mais. Está na antologia com o conto: Perdoa-me.



“A porta do elevador, abre e Juliano passa apressadamente, correndo pelos corredores do Hospital, chegando na recepção esbaforido.

— Boa tarde! Eu preciso ir no quarto da paciente Marina. — Fala Juliano, recuperando o fôlego.

— Pois não, só um momento! O senhor é o que dá paciente? — A pergunta tão simples da atendente foi como um choque de realidade para Juliano. Aquela pergunta ecoa em sua mente e o faz lembrar acontecimentos que ele pensou já ter esquecido a muito tempo.

“Lembro-me daquele dia, eu era um jovem tolo ainda no auge dos meus 20 anos, tínhamos acabado de sair da festa e fui acompanhando Marina até em casa, como era de costume, não gostava de deixá-la ir sozinha por aquele caminho deserto, ela era como uma irmã caçula para mim, embora fossemos apenas amigos. Ela era cinco anos mais jovem, mas tinha uma maturidade incrível para a sua idade. Seguimos o caminho conversando amenidades quando ela parou e virou de frente para mim e disse olhando em meus olhos

— Preciso muito falar algo com você, mas tenho medo que as coisas entre nós mudem.

— Pode falar sabe que não existe segredo entre nós, você tem a liberdade de falar o que quiser para mim.

— Não, deixa vamos embora. — Disse Marina virando de costa e seguindo o caminho para casa.

— Nada disso menina Marina! Começou vai até o fim. — Peguei em seu ombro e a virei de volta para mim.

— Eu te amo! — Marina falou e ficou me encarando com aqueles olhos castanho claros. Engoli a seco aquela declaração, na minha frente não estava

mais a menina que eu via e sim uma mulher decidida. Tantas vezes eu me declarei e sempre recebi um não como resposta, cheguei a pensar que iria morrer só e agora eu era a pessoa a receber uma declaração. Eu a abracei com todo o carinho e ela retribuiu esse abraço e respirou fundo no meu pescoço nos olhamos nos olhos e eu quase a beijei ali, mas...

— Desculpa, eu não posso, tenho namorada agora e não posso fazer isso com ela. Gosto demais de você, mas apenas como amiga.

— Eu sei, mas precisava dizer. Vamos minha mãe vai ficar preocupada com a demora. — Marina seguiu em frente e continuamos o caminho como se nada tivesse acontecido.”

— Senhor, qual é o seu grau de parentesco com a enferma? — Pergunta a atendente.

— Desculpa, está sendo difícil toda essa situação. — Responde Juliano. — Pode colocar que somos apenas amigos.

— Sim, senhor! Um momento por favor. — A recepcionista digita e pega um crachá e passa para Juliano. — Pronto senhor! e só seguir o corredor virar a primeira a esquerda, pegar o elevador, subir dois andares, e seguir as placas até o CTI.

— Obrigado! — Juliano pega o crachá e segue o caminho. Sua mente está um turbilhão de emoções e lembranças. Adentrando o elevador o ascensorista pergunta:

— Qual andar senhor?

— CTI por favor. — Juliano, encosta na parede do elevador à sua frente um monitor com notícias passando, mostra o comercial com um grupo de jovens se divertindo em uma praia, Juliano ali olhando o comercial e transportado no tempo, novamente sendo arrebatado para mais lembranças.

“— Pode parar de jogar água no meu rosto senão eu vou aí e te jogo na parte mais funda. — Morrendo de rir Marina continuou jogando água salgada em mim. Eu corri em sua direção, enquanto ela tentava fugir correndo dentro d’água. Fui nadando e alcancei facilmente a peguei no colo e a levei para a parte mais funda da praia.

— Para seu maluco, eu não sei nadar. Me tira daqui eu vou gritar. — Marina esperneava em meu colo até que ela escorregou e afundou na água, onde estávamos a água batia em meu pescoço, mas como ela era baixinha ali era fundo para ela. Eu a segurei pela cintura e o susto a fez agarra em meu pescoço, em seguida ela cruza suas pernas em minha cintura.

—Maluco! Quer me matar de susto?

— A culpa é sua, isso é para você não ficar mais me perturbando.

— Fala a verdade você fez isso só para a gente ficar sozinho? Quer se

aproveitar agora que eu não sou mais criança? Afinal eu fiz dezoito semana passada e você nem me deu presente — Ela falou de um jeito que me arrepiou todo e novamente estávamos ali olho no olho, abraçados, mas agora era pele na pele, sentir seu corpo seminu junto ao meu, me deixou extremamente excitado, mas ela era minha amiga eu não poderia, meu medo de que um relacionamento poderia estragar para sempre a nossa amizade foi maior, eu precisava sair dali.

— Vamos voltar antes que os outros pensem besteira. — Após falar segui de volta para parte, mas rasa da praia.

— Poxa, eu ficaria aqui nessa posição o dia inteiro. — Marina falou suspirando em meu ouvido, continuei o caminho, quando estávamos chegando na parte mas rasa ela desceu do meu colo, deslizando sobre ele, não tive como esconder a minha excitação, fiquei extremamente sem graça, Marina percebeu e fez um sorrisinho malicioso e seguiu em frente retornando para a areia, eu apenas afundei na água com o rosto pegando fogo de vergonha e fiquei ali até ficar mais calmo.”

— Seu andar senhor! — Disse o ascensorista despertando Juliano de suas lembranças.

— Obrigado! — Juliano desce no andar indicado e segue pelo corredor seguindo as placas que informam a direção do CTI. Chegando lá sentada na poltrona da recepção do CTI está Marcele, a irmã de Marina, a semelhança entre elas era absurda, se a diferença de idade não fosse tão grande entre elas seriam confundidas como gêmeas facilmente.

— O que você está fazendo aqui? Você não é bem-vindo! MINHA IRMÃ SOFREU MUITO POR SUA CAUSA. SAI DAQUI! EU TE ODEIO! — Esbraveja contra Juliano. Neste momento a enfermeira e a mãe de Marina saem de dentro do CTI.

— Meu Deus Marcele, isso é um hospital, respeite os enfermos e a sua irmã.

— Mas mãe ele não tem o direito de estar aqui. — disse Marcele apontando para Juliano, com todo o ódio do mundo nos olhos. Juliano não a culpava por isso ele sabia que havia errado anos atrás e como as ondas no mar as lembranças vão e voltam.

“Anos se passaram quando encontrei Marina novamente na casa de um amigo em comum, nós que éramos tão próximos parecíamos dois desconhecidos. Quando ela tomou a iniciativa e veio falar comigo. Como conversamos. Ela me contou que estava morando com uma pessoa, mas o relacionamento não estava bom que ele não era tudo aquilo que ela pensava.

— Por que você não separa então? — Lembro-me de ter questionado ela sobre isso, mas a sua resposta me fez sentir um aperto no coração.

— Às vezes precisamos de um amor, para esquecer um grande amor”

— Tudo bem meu filho! Senti falta de suas visitas lá em casa. — A voz cansada e triste da matriarca fez Juliano sair de sonhos acordado.

— Queria que esse reencontro fosse em uma situação melhor. — São as únicas palavras que Juliano consegue pronunciar.

— Entre, ela ficaria feliz em te ver. — Após isso Dona Carla senta ao lado de Marcele que está chorando. A enfermeira que apenas presenciava faz o sinal para Juliano a acompanhar. Juliano segue em silêncio até o leito.

Ele vê Marina na cama de hospital toda debilitada e ao fundo o som do bip do monitor de sinais vitais as lágrimas escorrem de seus olhos involuntariamente.

— Meus Deus! Por que isso foi acontecer? Depois da última vez que estivemos junto... — Juliano se indaga como se a resposta fosse aparecer.

“Estava em casa e ela me ligou, estava chorando, precisava conversar. Eu fui encontrá-la, conversamos tanto naquela noite e aconteceu. Sem palavras, apenas os olhos se cruzando e nossas bocas se encontrando a sequência foi nossa primeira noite de amor, nossos corpos pareciam ímãs, estávamos em sintonia, não precisávamos de palavras, eram desnecessárias, ambos sabíamos o que o outro queria. Ela me amava, mas fui covarde a minha vida toda, vi o que amo escorrer por entre meus dedos”.

— Perdoa-me por ter sido fraco, covarde! Me perdoa por não saber.... — Ajoelhado e chorando ele pega na mão de Marina. — Eu te amo, eu faria tudo para ter você ao meu lado novamente.

Marina não responde, apenas uma lágrima sai de seus olhos e a única resposta que Juliano têm é sequência do bip ficando menor a cada segundo até o silêncio total.”

AINDA EXISTE AMOR EM SALVADOR

ÉRIKA RODRIGUES DE FREITAS

Érika Rodrigues de Freitas, 19 anos, estudante de Pedagogia e autora dos textos publicados no instagram @meioassimseila. Apaixonada por leitura desde a infância e escreve porque faz bem (e espera que faça bem a quem ler também). Ama a sua família e aguarda ansiosa pela volta de Jesus!



(se você ler ao som de “Pra sonhar – Marcelo Jeneci”, a história fica ainda mais bonita).

11 de junho, lua cheia, violão, pandeiro e um samba enredo dos bons. Areia por todos os cantos e o mar convidando todos a se aventurarem. Lá fora deve até fazer frio, mas aqui dentro do teu abraço faz um tempo bom. Fechei os olhos, pedi a Deus que fosse eterno. E quem disse que já não é?

Não fazia nem meia hora desde que a gente cruzou os olhos e eu já tinha certeza de que corria perigo. Você com os cabelos nos ombros, metido à surfista, praieiro e galanteador. Eu meio metida a hippie, fazendo a minha primeira trip com os amigos pelo pelô de Salvador.

“Ô, seu moço, me vê aquela prancha azul bem ali, por favor!”. — Você me olhou desconfiado como se quisesse perguntar “Qualé, guria, vai me dizer que, com essa cara de turista vindo do interior, cê sabe surfar?”. Lancei de volta uma expressão de quem não tem certeza do que está fazendo, mas que vai fazer mesmo assim.

“Se precisar de umas aulas, é só voltar aqui, broto.” — tá, você não disse broto, mas tudo estava com tanta cara daqueles filmes antigos que eu bem acho que poderia ter dito.

Eu sorri, mais para ser educada do que para demonstrar que gostei da oferta. Cá pra nós, eu conhecia bem o teu tipo. Devo ser, provavelmente, a quarta ou quinta turista que você dá em cima só nessa manhã. Não, meu querido, essa gatinha aqui veio para tomar banho de mar, aprender a surfar, curtir muito com os amigos e se aventurar. Nem vem com esse papo torto, que de garoto metido a bom moço só querendo aproveitar, eu já estou cansada.

Depois de apanhar no mínimo umas quinze vezes do mar (sou persistente, ué), decidi sair. Vi você me olhando da areia. Desviei o olhar. Sentei do lado da Dani

e ela não perdeu tempo em me mostrar os micos que eu paguei e ela tinha gravado. A gente riu pra caramba.

Quando penso que não, você passa do meu lado, tira a minha prancha da areia, sorri e diz:

“Mano, eu não vou deixar você sair de Salvador sem saber surfar. Levanta, deixa eu te ensinar?”.

Qual é o problema da boca que responde sozinha, mesmo a cabeça tendo mandado uma resposta clara e pronta?

“Sim!” — Qual é garota, podia pelo menos ter demonstrado menos empolgação! A sensação que eu tenho é que se você tivesse me pedido um beijo, eu teria dito a mesma resposta, talvez até mais entusiasmada.

“Lú, você disse sim, agora o próximo passo é levantar!” — Novamente a Dani me salvando de mim mesma e dos meus mil e um pensamentos.

Levantei ainda meio tonta por ter aceitado tão espontaneamente algo que mentalmente eu já havia ensaiado negar fortemente.

Ele começou:

“O primeiro passo pra aprender a surfar é sentir o mar...”.

“Jura?” — o cortei de imediato — “É isso que você sempre diz para as turistas que vem aqui? *Feche os olhos, sinta o mar, ó veja, o quão lindo é esse lugar [...]* E assim mais uma cai no teu papinho. Quer me ensinar a surfar? Pois pronto, tome a prancha, vai lá e surfe, quero ver mesmo se você é tudo isso que aparenta ser.”.

Foi aí então que você abaixou a cabeça, me fazendo acreditar que tinha vencido o jogo te fazendo finalmente desistir. Mas esse gesto não durou nem meio minuto, pois logo em seguida você a levantou num movimento que fez o seu cabelo voar com o vento e deixá-lo com o aspecto mais encantador até então. Seu olhar veio de encontro ao meu. Gelei. Você sorriu. Gelei em dobro e pensei comigo: “Porque o diacho desse menino sorriu?” Foi quase impossível não sorrir de volta, mas o troféu de “segure o riso e faça a séria no momento mais delicado do mundo” vai para mim.

Não foi uma gargalhada, como quem tira uma com a minha cara, mas um sorriso tímido, meio de canto, meio de quem busca coragem para prosseguir.

“Eu não costumo insistir em ser gentil depois de uma grosseria, mas tá aí: essa tua carinha arretada me desafiou. Se eu acertar a manobra, você me deve uma água de coco, broto!” — Tudo bem, você não disse broto de novo, mas, qual é? Tá parecendo muito cena daqueles filmes antigos que eu gosto de ver na sessão da tarde. E eu sei bem aonde isso vai dar.

Você segurou a prancha com os dois braços e se lançou em direção ao mar. Confesso, sou meio míope e naquele momento tudo o que eu podia ver era um

ponto cheio de cor indo de uma parte a outra daquele imenso mar. Uma, duas, três manobras, o diacho do menino acertou todas as três manobras seguidas!

Enquanto se aproximava eu pude então notar, pela primeira vez naquele dia, que você usava um short um pouco menor que os demais surfistas e com estampas de super-heróis (Foi esse o tal ponto colorido que me ajudou a enxergá-lo no mar!). Tá, tudo bem, os shorts eram mesmo maneiros, não tenho como negar.

“Viu a *bomba** que eu *dropei**? Mano do céu, ainda bem que você me pediu para entrar! Fazia tempo que não pegava um mar tão bom para surfar! Acho que alguém me deve uma água de coco...” – disse isso e então sacudiu o cabelo me molhando toda.

“Heey!” — protestei, sorrindo, contra a ação.

“Olha só, pois não é que ela sabe mesmo como sorrir?” — quando o ouvi dizer isso, abaixei a cabeça. “Vem comigo!” – você sorriu de novo com o canto da boca e pegou a minha mão.

“Olha a prancha dela rapidão? A gente já volta!” — disse diretamente para a Dani e então saiu correndo me arrastando, sem nem me dar tempo de questionar.

“Heey!” — Parei e o fiz parar também. “Calminha aí bonitão, eu nem te conheço! Quem me garante que você não é só um maluco dando sopa aí na praia?”.

Você sorriu, me encarou por alguns segundos, o que me fez corar, e então disse:

“Talvez eu seja mesmo só um maluco dando sopa na praia de Salvador, mas relaxa, eu sou um maluco do bem. Meu nome é Felipe, tenho 26 anos, sou o dono da loja de pranchas onde você comprou a sua e, no momento, estou esperando uma garota arrogante, metida a sabe tudo, arretada até não ter mais pra onde, com os cabelos castanhos e os olhos cor de mel mais bonitos que eu já vi, me pagar uma água de coco.”.

Nos encaramos por mais alguns segundos e você continuava a sorrir daquela maneira irritantemente bonita. Fiquei sem ter o que responder.

“Avelãs” — soltei.

“O quê?” — você questionou.

“Os meus olhos não são cor de mel, são cor de avelã.”. — Respondi.

Você sorriu, soltou a minha mão pela primeira vez desde que saímos de perto do mar e então tocou o meu rosto. Chegou mais perto, tão perto que eu podia sentir alguns fios dos seus cabelos ainda molhados me tocando, inclinou um pouco a cabeça e então sussurrou:

“Continuam sendo os olhos mais bonitos que eu já vi”. Sua outra mão me envolveu num abraço. Fechei os olhos.

“Um beijo tão bom quanto o sorriso dele denunciou que seria” — Parafraseando meu amado Jonh Green. Tomamos água de coco, caminhamos de mãos dadas pela orla, voltamos ao mar e desde então não nos desgradamos mais.

Conhecer Felipe não deu somente mais sentido as minhas férias de verão, mas também deu mais sentido à minha vida. Descobri ou redescobri, entenda como quiser, que é bom tocar e se sentir tocada por alguém de vez em quando. A gente só precisa se permitir.

Na vida real, são muitos os amores que não vingam, mas nos livros, nos livros a gente tem o direito de acreditar. Não voltei para casa no fim daquele mês. Decidi ficar em Salvador. Encontrei emprego em uma escola não muito longe da loja. Felipe e eu nos casamos, um ano depois, na mesma praia em que nos conhecemos. Cada um tem a sua própria história. Que bom que essa é a nossa. Que sorte ter sido exatamente assim.

***Bomba:** Onda grande;

***Dropei:** Quando o surfista pega a onda, podemos dizer que ele dropou a onda.

CONTINUAR

MARIA LUIZA GOUVEA

Maria Luiza Gouvea, nasceu em 29 de outubro de 2002, carioca da gema, não importa o lugar que esteja. Se mudou da cidade maravilhosa ainda bebê para a região dos lagos do Rio de Janeiro. Sendo incentivada pelos pais, gostou de ler e escrever desde que aprendeu a juntar as letras e não parou mais.

Ainda no ensino médio e com o apoio da família e alguns amigos próximos, com um sotaque sulista que puxou dos pais, apaixonada por filmes e livros de romance, milhares de séries atrasadas, uma playlist de música super diversificada, dois contos no wattpad e alguns parafusos a menos, sempre encontra um tempo de começar a escrever algo novo.



"... Então é isso meu amor, como eu disse a cidade é mais linda do que um dia nós imaginamos e a comida também é maravilhosa. Eu devo voltar amanhã, mal vejo a hora de voltar para os seus braços, lembre-se que eu te amo muito, e espero que já tenha escolhido o vestido porque não falta muito.

Com amor, Eduardo."

Ainda dói, e muito, talvez mais do que eu admitiria para os outros. Não importa quantas vezes eu releia essa mesma carta, sei que não vai fazer mudar nada.

Ele morreu, já era, siga em frente Olivia.

Ouvi isso por muito tempo, repeti isso por muito tempo, mas isso não altera nada. Hoje faz um ano que ele se foi, ele só tinha viajado até Londres a trabalho, voltaria em menos de duas semanas e então em menos de dois meses nos casaríamos, essa foi a última carta que ele me escreveu, eu nunca entendi essa mania dele de preferir cartas, ele sempre repetiu que *"elas são a moda do século 16"*. Desde o começo do nosso namoro ele escrevia elas para mim, segundo ele essa era a última carta que ele me mandaria da viagem, ele iria sair naquela noite e no dia seguinte voltaria para casa. Provavelmente ele chegaria antes da carta, mas até parece que ele perderia a oportunidade de me contar a experiência em tempo real, ele sempre foi assim. Bom, a carta chegou, ele não.

Acho que ninguém que havia saído com ele para aquele bar esperaria que aquele assaltante aparecesse, mas ele apareceu, das sombras, e com um único

tiro, rápido e certo, tirou o Eduardo de mim. Quando a carta chegou, apenas algumas horas depois do enterro, foi um choque enorme, com o tempo eu me desfiz da maior parte das coisas dele que eu tinha, mas nunca de tudo.

Acho que chegou essa hora.

Levantei do sofá da sala e sequei uma última lágrima que insistiu em descer, dobrei a carta dele e coloquei no meu exemplar de "Emma" de Jane Austen e o encaixei na estante de livros da sala, fui até uma das enormes caixas que estavam pela casa, pouco antes de ele ir havíamos nos mudado para Portugal, então a maioria das coisas dele ainda estavam encaixotadas, logo depois do enterro dele eu mandei todas elas para o depósito. Tinha acabado de trazer as últimas caixas e agora ia me desfazer de tudo, olhei para dentro da caixa uma última vez e a lacrei.

Chegou a hora, você não pode mais adiar isso.

A campanha tocou, tinha certeza que eram os caras que levariam as coisas para a doação. Acho que ele ia querer isso, ele sempre foi uma pessoa altruísta, agora as coisas dele poderiam servir para alguém que precisava mais. Não podia estar mais certa, quando abri a porta dando boa tarde para todos e os deixei trabalhar.

Enquanto eu os via levar tudo para fora fiz a última coisa necessária, tirei a pequena correntinha de meu pescoço e também tirei minha aliança do dedo, coloquei a aliança na corrente e a pendurei novamente no pescoço, ia continuar mantendo ele de alguma forma comigo, mas agora não seria mais em meu dedo como um compromisso que eu nunca cumpriria, o manteria no colar que estava de alguma forma perto do meu coração, na carta que ficaria dentro do livro e por último no meu coração, como uma boa lembrança, eu não precisava deixar ele ir por completo, eu ainda poderia manter o meu amor por ele junto a mim, só que agora como uma marca, algo que eu sempre teria junto a mim, mas que não dominaria tudo.

As pessoas já haviam ido embora e eu me vi novamente no silêncio do meu apartamento, eu tinha convivido muito com o silêncio ultimamente, nas primeiras semanas depois da morte dele eu fiquei no Brasil com os meus pais, mas eu não podia desistir de todos os meus sonhos, eles nunca deixariam, então eu voltei, meus poucos amigos aqui em Portugal e meus pais não me deixaram ficar sozinha por um bom tempo, mesmo que fosse apenas com uma ligação que durasse horas, mas eles não poderiam ficar para sempre. E quando eles passaram a fazer isso com menos frequência é que veio o silêncio, e como o silêncio doía, não ele em si, mas o que ele representou, a falta.

Você aprende a viver com ele, mas não quer dizer que aprende a gostar dele.

Peguei meu celular e pus na bolsa a levando comigo, peguei meu casaco

pendurado perto da porta. Eu precisava sair, apenas duas vezes o silêncio doeu tanto, na primeira vez e agora que eu me desfiz de tudo. Eu precisava de ar, porque o daqui não parecia ser suficiente.

Falar que vai superar, não quer dizer que você vai superar, é preciso atos para se superar algo. Acho que era isso que eu estava tentando fazer incessantemente nas últimas duas semanas, tomei mais um gole do meu chocolate quente enquanto andava pelas ruas olhando as vitrines, eu não olhava algo em si, apenas passava meus olhos pela rua atrás de algo que me chamasse atenção. Eu já havia parado duas vezes para ver os cachorros na rua e uma com um casal formado por dois adolescentes, esse é com toda certeza um daqueles finais de semana terríveis.

Passei por uma rua totalmente nova pra mim e então meus olhos miraram na vitrine de um lugar. Era um estúdio de tatuagem, quando adolescente eu queria muito fazer uma tatuagem, mas eu desisti disso com o tempo, por que não tentar?

Atravessei a rua jogando meu copo já vazio em uma lixeira e entrando no estúdio, era um lugar realmente incrível, as paredes eram brancas cheias de desenhos e alguns quadros pendurados, eu foquei no balcão e fui até ele. Era uma mulher muito bonita, que surpreendentemente não parecia ter nenhuma tatuagem, pelo menos não aparente.

— Boa tarde, eu queria fazer uma tatuagem. Tem algum horário disponível?

Ela me olhou e deu um sorriso amável. — Boa tarde. — Ela voltou a olhar em seu computador antes de me encarar novamente. — Olha só, você teve sorte. Tem um sim, mas é para agora, tudo bem para você?

— Claro.

— É bem ali, segunda porta a esquerda, é só entrar.

— Obrigada. — Eu disse já me afastando, achei a porta e entrei, olhei dentro e tinha um homem virado de costas, falando ao telefone.

Ele se virou e me encarou, desligando o telefone sorrindo pra mim revelando uma covinha na bochecha esquerda. Ele era bem mais alto, tinha um cabelo loiro escuro raspado, uma barba rala e muitas tatuagens.

— Olá.

— Oi, meu nome é Olivia. — disse estendendo a mão para ele, que a apertou ainda sorrindo.

— Me chamo Joaquim. Bom vamos lá? Faz ideia do que quer fazer. — Ele se sentou em uma cadeira me indicando outra à sua frente.

— Eu queria fazer isso. — Peguei uma caneta e um papel na bolsa e escrevi, ele me encarou, era possível ver uma dúvida em seu olhar — Isso é *love* escrito

em braile.

— Você sabe braile?

— Um pouco, são aquelas coisas simples que você aprende durante a vida, é tipo saber falar SOS em código Morse, eu sei, mas provavelmente nunca usarei.

— Não duvide, vai que precisa. — Eu ri nervosa, caramba, eu vou fazer uma tatuagem. — Tem certeza que quer fazer isso?

— Eu sou maior de idade. Já terminei a faculdade, trabalho, moro sozinha, na verdade, eu não moro nem no mesmo hemisfério que meus pais, mas eu ainda quero ligar pra minha mãe pra perguntar. Sabe, parece aqueles conselhos de mãe que você sabe que não vai se arrepender se seguir. Entende?

— Entendo, e acho que deveria ligar pra ela. — Ele sorriu pra mim e eu soube o que fazer.

Eu liguei para minha mãe sem me importar como fuso horário, ela me atendeu e eu perguntei pra ela, ela me aconselhou e nós conversamos brevemente, eu me despedi feliz de ter ligado, ela parecia saber exatamente o que eu precisava. Eu me sentei na cadeira e estendi o pulso pra ele indicando que era o que eu queria, ele sorriu pra mim e começou.

Ele terminou e ela tinha ficado linda, nós ainda conversamos um pouco, ele parecia me entender e quando ele perguntou sobre o colar pela primeira vez eu não me senti desconfortável.

— Bom, eu acho que vou embora.

— Certo. Tchau Olivia.

— Tchau Joaquim.

Ele me chamou e eu me virei, encarando-o.

— Você não quer ir tomar café comigo um dia desses?

— Claro, sexta? — ele assentiu sorrindo.

— Eu posso passar aqui, as seis?

— Combinado. — Ele sorriu e foi inevitável corresponder. Eu saí ainda sorrindo, talvez eu possa fazer isso, um passo de cada vez.”

AQUI E ALI

AYA MISHY

Aya Mishy é de São Paulo capital. Formada em artes plásticas pela UNESP, deu aula durante um tempo, depois teve sua vida voltada para a família, levando-a profissionalmente para o lado da informática. Totalmente apaixonada pela leitura, se deparou com um desafio literário despertando em sua alma a escrita, algo que jamais pensou existir em si mesma. Sendo assim, tardiamente, resolveu se aventurar, e escrever tem sido mágico em sua vida.



“Alice e Aquiles são opostos em tudo. Ela introvertida, ele expansivo. Ela da leitura, ele da balada. Até mesmo suas casas ficam em lados opostos; zona norte e zona sul. As chances desses dois se encontrarem são praticamente nulas.

Acontece que às vezes os opostos se atraem. Alice trabalha do lado em que Aquiles mora e Aquiles trabalha do lado em que Alice mora. E nesse vai e vem eles se esbarram aqui e ali, e não apenas uma vez, algumas vezes.

Na primeira foi atravessando a avenida, braço com braço. Os dois brevemente se olham e seguem cada um para o seu lado.

Na segunda foi na escada rolante do metrô. Alice desce e Aquiles sobe, novamente olhares e cada um segue seu caminho contrário.

Na terceira os dois estavam dentro do ônibus, mas em ônibus diferentes. No trânsito, ficam lado a lado e para variar os dois trocam olhares e quando o semáforo libera seguem seu curso. Lados opostos é claro!

Assim nessas idas e vindas eles se encontram aqui e ali, alguns dias sim, muitos não. Sempre ao se esbarrarem Aquiles mantém seus olhos nela e Alice apenas olha alguns segundos e abaixa a cabeça.

Em certo dia comum, mas especial de alguma maneira, eles se trombam novamente em alguma calçada de algum lugar de seus caminhos. Alice com copo de café na mão, toda distraída em seus devaneios e Aquiles falando no celular, combinando alguma balada com seus amigos. E aí, a colisão...

Dessa vez Alice não olha, simplesmente fecha os olhos abraçando seu próprio corpo com sua blusa manchada de café. Aquiles tenta ajudar.

— Sinto muito, eu...

Alice levanta a mão o impedindo de se aproximar.

— Não, tudo bem... se eu não tivesse distraída... – Alice fala pensando em

como trabalharia com uma blusa toda manchada, sua chefe sempre tão perfeccionista. — Droga, tô “ferrada”. — Sussurra, mas Aquiles escuta.

Alice só consegue pensar na reunião importante de sua chefe e como iria acompanhá-la dessa maneira.

— Olha, eu conheço o bairro, moro aqui há anos. Não tem lojas, mas tem um brechó logo ali.

— Ai, ótimo! Me fala onde fica. — Alice se sente um pouco mais tranquila vendo a possibilidade de nem tudo estar perdido.

— Eu acompanho você, é aqui perto.

— Imagina, você vai se atrasar.

— Faço questão, a culpa foi minha.

Os dois seguem conversando. Se apresentam e depois de Aquiles pagar a blusa ainda insiste em pagar um café, então seguem para a padaria mais próxima. Alice já estava atrasada, mas fica tão à vontade na presença de Aquiles que já nem liga para seu insignificante estágio de assistente administrativo.

Em meia hora, juntos, Aquiles fez Alice sorrir e Alice fez Aquiles pensar. A partir desse dia, aqui ou ali, eles se encontraram, se entrosaram e se entenderam.

Alice nunca se sentiu tão feliz... nunca teve sorte no amor. Dona de uma beleza simples, mas que não deixa de ser bela. Pena que ela própria não sabe disso, se acha comum, sem sal. Seu primeiro namorado, no ensino médio, dizia amá-la, mas assim que conseguiu o que queria deu no pé. Alice nunca quis ceder, achou que o tal rapaz a amasse e por isso deixou se levar e no final das contas nem prazer teve, simplesmente dor. Dor na hora H e dor depois... a dor do abandono. Durante a faculdade, no curso de administração, teve um casinho aqui outro ali, mas nada que realmente mexesse com seu coração ou a fizesse sentir o tão almejado prazer. Até que desistiu e resolveu se empenhar no estágio para conseguir seu emprego efetivo.

Aquiles sempre teve uma vida boa... sempre teve sorte no amor, ou seja, nas suas aventuras, porque amor mesmo nunca sentiu. Mas aproveita a vida. Muitos amigos, muitas baladas, muitas mulheres e sorte na sua vida profissional. Já no ensino médio chamava a atenção das garotas, sendo ele um esportista, bom em todas as modalidades de jogos, dono de um belo corpo, nada exagerado, mas tudo bem escultural e um rosto de modelo. Sendo assim, tinha a garota que desejava. Na faculdade de propaganda e publicidade não foi diferente. Nem quando conseguiu seu primeiro emprego depois de um ano de estágio. Até começar a trombar com a intrigante moça. Toda vez que a vê seu coração pula de maneira diferente, parece entrar em descompasso.

Entre vários encontros, agora propositais, três meses voam. Alice já não se mostra tão introvertida, sorri cada vez mais e finalmente sente aquilo no qual

todos tanto falam ser maravilhoso, o tal prazer.

Os dois podiam ser totalmente opostos, mas se completam de várias formas... falando em sentimentos têm uma conexão invejável, com beijos tórridos e prazeres inigualáveis.

Aquiles já não vê as baladas com os mesmos olhos, prefere se focar no trabalho, já pensando em realizar seu sonho de abrir sua própria agência de publicidade. E claro, curtir Alice! Aquela que o faz sentir diferente. “Amor? Talvez...” Pensa ele.

Foram três meses no paraíso, tanto para Aquiles como para Alice, mas como nem tudo são flores, a vida dá sua atrapalhada costumeira e tudo desanda.

Alice com sua competência e dedicação consegue conquistar sua tão perfeccionista chefe e ganha sua efetivação. Nesse mesmo tempo Aquiles recebe uma proposta de um de seus colegas de trabalho, para abrirem uma agência. Finalmente ele teria seu sonho realizado, mesmo que sendo com um sócio.

Em mais um de seus encontros, dessa vez um jantar em um restaurante um tanto romântico, Alice mostra-se eufórica.

— Alice, posso saber o motivo de tanta euforia? Nunca te vi tão feliz!

— Eu consegui Aquiles! Você não pode imaginar o quanto estou feliz, não você não pode... eu fui efetivada!

Aquiles perde sua cor, mal consegue olhar para Alice que ao ver sua reação, desfaz seu largo sorriso.

— Aquiles! Estou falando do meu emprego, fui efetivada! – Pensando que ele não entendera continuou explicando. — Minha chefe, ela me deu a notícia hoje... você não está feliz por mim?

Tentando ao máximo se recompor, Aquiles, puxa o ar e tenta encontrar as palavras e colocá-las para fora.

— Cla... claro Alice, fico muito feliz por você. Parabéns!

— E por que não parece?

Aquiles coça sua nuca e sem pensar faz uma careta.

— Bem, é que eu também tenho uma novidade.

— Sério? E qual é?

— Já comentei com você sobre o Marco, meu colega de trabalho?

— Sim, uma vez ou outra.

— Então, ele me fez uma proposta. Me chamou para abriremos a nossa agência de publicidade.

— Meu Deus Aquiles! Isso é incrível! Precisamos brindar... vamos pedir um vinho! Temos dois grandes motivos para comemorar... vamos cadê sua animação? Você é sempre o primeiro a ficar eufórico! – Alice vendo que Aquiles apenas a observa, sem reação alguma percebe que algo está não está certo. —

Ok, o que há de errado?

Aquiles puxa o ar profundamente e solta lentamente. Repete o ato algumas vezes até finalmente conseguir jogar as palavras para fora.

— Na Itália.

— Como? – Num primeiro momento Alice não entende, mas logo consegue juntar uma coisa com a outra e agora quem fica sem fala é ela. E tudo desaba.

A noite termina sem grandes emoções, o que mais reina é o silêncio, poucas palavras são trocadas, nem mesmo os carinhos, os abraços, os beijos parecem ser os mesmos de antes.

Tudo esfria. Alice até quer aproveitar cada minuto, mas Aquiles está sempre ocupado se organizando. Um mês para se preparar e embarcar em seu sonho. Praticamente nada mais foi dito. Alice entendia Aquiles e vice e versa. O aeroporto seria o fim de um sentimento que uniu duas pessoas tão diferentes e o começo de dois sonhos, de duas vidas independentes.

No aeroporto, pouco antes do embarque Aquiles e Alice se abraçam, nenhum querendo soltar o outro. Cinco minutos de um abraço e um selinho demorado e nada mais.

Alice não se abalou, ficou triste, claro! Mas já havia passado por momentos difíceis a fortalecendo, além desse relacionamento a deixar mais confiante e seu pensamento assim que se separou de Aquiles foi: “Nos esbarramos aqui e ali durante um bom tempo, se for para ser, futuramente nos reencontraremos.”

Aquiles ficou mais abalado do que esperava, doeu mais do que achou que doeria, mas seguiu atrás de seu sonho com a esperança de voltar a rever Alice em algum momento.

Aqui ou ali voltariam a se esbarrar... ou não!”

ANELO

JANAH SILVA

Janah Silva é formada em Gestão de Finanças e amante da arte com as palavras desde a sua adolescência. Na verdade, os gibis da turma da Mônica foram os responsáveis por inseri-la no mundo da leitura aos oito anos. O amor pelos romances aflorou um pouco mais tarde com Sidney Sheldon, Nicholas Sparks e Jane Austen ocupando o pódio em seu coração, e em sua estante.

Prova viva de que nem só de exatas vive uma pessoa, ela teve sua primeira experiência no mundo literário ao escrever seu romance juvenil Flores Raras, em 2015.

Com pouco mais de um ano em sua trajetória como autora, foi uma das vencedoras do The Wattys 2016 na categoria “Nova Voz”, o maior concurso online de escrita do mundo, com o romance “É Tempo de Amor”, que passou por algumas mudanças e ganhou como título definitivo “Nunca foi sobre nós”. A autora é casada e reside com o marido em sua cidade natal, Mogi Guaçu, interior de São Paulo.



“Por mais que eu esteja, desde muito cedo, presente na vida destes jovens que lhes contarei a história, gostaria de deixar claro que não tenho o poder de direcionar ninguém. Não possuo o livre arbítrio. Sou um mero expectador cativo daqueles que tem a capacidade de escolha por sua própria vontade.

O tic tac dos ponteiros do relógio de parede são a única companhia de Cintia nas últimas noites.

Durante todos estes dias, se tornou uma espécie de rotina ela apoiar a cabeça no vidro da janela da sala, e aguardar que as engrenagens barulhentas do portão anunciassem a chegada de seu *marido* de sabe se lá Deus de onde.

Ao pensar nele como um parceiro, ela riu sem emoção. O vínculo do casamento parecia existir apenas no papel, pois há muito tempo sua relação com o esposo se dissolveu a um estado que se quer poderia ser nomeado pela legislação.

Juntos desde a adolescência, Cintia e Izacque sempre foram um casal invejado por todos à sua volta. Não por questões de aparência — apesar de formarem um belíssimo par —, mas pela química que os envolvia. Uma ligação

quase primária que os fundia e se estendia pelos cinco sentidos. Uma paixão avassaladora que se refletia em cada mínimo toque.

Izacque era um rapaz tímido e pé no chão, enquanto Cintia, uma mulher de opinião forte e espirituosa. Com o passar do tempo, aquele rapaz ganhou voz, e já não sentia mais a necessidade de ser impulsionado pela esposa.

Ela, em sua nova forma reclusa, carecia daquele garoto a quem convenceu, numa noite quente de primavera, ter a ousadia de invadir uma propriedade para nadarem nus.

Cintia recordava esse momento aos soluços. O dia em que descobriu que o amava, que o desejava para sempre ao seu lado. Daria tudo para reviver a maravilha de descobrir tal sentimento — o batimento acelerado do coração pelas respirações que se misturavam. Tremedeira, calor e suor ao sentir pele na pele. O gosto do beijo. O clímax inenarrável de um instante cravado na memória.

O que era perfeito e agora se tornou apenas uma saudosa lembrança.

Cintia sempre foi uma mulher feliz, mas perdeu o brilho, o brio. Estava cansada da pessoa acomodada que se tornou, encontrava-se disposta a se reencontrar. Resgatar a garota audaciosa que um dia fora.

Mesmo com medo, enfrentaria os obstáculos que viriam com sua decisão. Era uma medida drástica, ela sabia, mas o que talvez não tenha se dado conta, era que a ausência de seus protestos naquela noite, trouxera para mais perto o homem que ela, de coração partido, decidira abrir mão.

— 1:43 da manhã, droga! Já sei o que me espera — resmungou Izacque. — Cobranças, gritos e lágrimas.

Como nas outras noites, sua tática era manter o silêncio. Se defender por trabalhar até tarde não lhe deveria caber como um dever, e ele pensava que, mesmo se tentasse, de nada adiantaria explicar.

Alarmado, ao entrar em casa, ele inspecionou o canto da sala, onde Cintia sempre o esperava pronta para atacar. Seu corpo todo tenso relaxou. Pela primeira vez em tempos ela não estava ali.

Repousava em seu descanso na cama. Linda e desejável em uma camisola clara de seda, que se ajustava perfeitamente às suas curvas. Curvas que há meses ele não explorava, e bastou esse pensamento para que o amante adormecido nele despertasse.

O desejo e a saudade eram urgentes, dolorosos até. Mas a oportunidade de ter uma noite tranquila de sono falou mais alto. As implicações em acordá-la poderia lhe causar o maior dos arrependimentos, por isso, Izacque dispensou as

roupas na poltrona que ficava no quarto, os sapatos pelo caminho até a suíte, e mergulhou num banho quente e aconchegante.

O Jovem empresário sabia que o barulho do chuveiro certamente tinha despertado a mulher, e que ela o vira sair do quarto por um instante, para dar um beijo de boa noite nas filhas. E após fazê-lo, afundou-se no colchão ao lado da garota que amava desde moleque, e sentiu o corpo arrepiar pelo calor do corpo dela tão próximo ao seu.

Pensou em anular de uma vez por todas o abismo que os separava, quem sabe assim poderiam voltar a tecer o amor e o carinho que um dia juraram um ao outro. Mas então ela suspirou. Tão alto e forte que espantou a nuvem de luxúria que o envolvia.

Mal sabia ele que, o medo de não ter mais uma oportunidade como aquela, logo o abraçaria.

É preciso ser realista e viver de acordo com cada realidade que se vive. Isso não quer dizer que você deve se limitar. Mas sim ter os pés no chão. Buscar fazer o que pretende sem se perder pelo caminho.

O contrário disto, pode resultar em algo trágico.

Como em todas as manhãs, o café estava posto à mesa quando Izacque despertou. Era manhã de sábado, e a única diferença em comparação com os outros fins de semana, era o silêncio das filhas que, sempre animadas, o aguardava para lhe servirem pãezinhos de queijo.

Enquanto adoçava uma xícara de café, ainda questionando em pensamento onde estariam suas garotinhas, Izacque notou o bilhete anexado a um envelope, sob a cesta de pães.

Ao lê-lo, sentiu o coração disparar.

O texto o atingiu como um soco no estômago. Izacque quase podia ouvir a voz amargurada da esposa todas as vezes que relia o bilhete. O fez tantas vezes, que demorou a entender o que ela propunha. Quando enfim compreendeu, um misto de raiva e incredulidade tomou conta de cada terminação nervosa que ele possuía.

Izacque ligou dezenas de vezes para o celular de Cintia. E em todas as tentativas, não obteve sucesso. É claro que estaria desligado. Ela estava dando o fora nele. Um gelo era apenas a ponta do iceberg, pensou.

Ele admitia que o relacionamento tinha problemas. Qual casamento não tinha? Mas divórcio era tão radical, tão inapropriado, que Izacque se sentia mais

confuso por tentar adivinhar as razões, do que ofendido com a esposa por propor-lhe uma liberdade que ele jamais quis.

Essa reflexão o assombrou durante todo o dia sem notícias, durante a madrugada, e a metade do dia de domingo. A raiva havia se transformado em preocupação quando ele decidiu que esperar já não era mais suportável.

Precisava agir.

O primeiro passo foi fazer uma ligação. O litoral ficava a apenas duas horas e meia dali. Lutaria contra o tempo. Não sabia como faria para resolver tudo antes da semana de trabalho intenso começar, mas Izacque estava determinado a trazer sua família de volta para casa.

O sol começava sua lenta descida no horizonte enquanto Cintia admirava duas garotinhas brincarem à margem da praia. Desviou a atenção apenas por um segundo, quando ouviu o coro das filhas gritando o nome do pai.

— Você não...?

— Ah, sim, eu o informei. — respondeu sua mãe.

Não houve tempo para discussão. Em poucos segundos o marido estava ao seu lado e a cumprimentou, com um sorriso triste que refletia no olhar.

— O que faz aqui, Zac?

— Vim *implorar* que você volte para casa. — Direto, ela pensou, e bem *dramático*.

— Estarei de volta na quarta, não sou uma fugitiva.

— Na quarta? — disse surpreso — eu morreria sem vocês até lá.

Não passou despercebido que ele a incluía na frase. Os olhos de Cíntia pinicaram, e ela se recriminou internamente por ainda ser tão iludida em pensar que ele poderia sentir sua falta.

— Não quero a liberdade de viver meus dias sem você — declarou o esposo. — Amo minhas filhas, mas sou louco pela mãe delas.

— Zac...

Cíntia pensou em protestar, mas bastou entreabrir os lábios para ser surpreendida com um beijo arrebatador. Aquele gesto era tão cheio de significados, que as brigas se reduziram a fiapos de uma lembrança amarga.

— Ainda precisamos conversar. — advertiu a moça quando se desligaram do beijo.

— Eu sei, só... volta comigo?

— Desculpa, ainda tenho três dias.

Aquilo era um teste? Era aceitar a oferta ou perder para sempre a mulher que ele amava?

Seus sonhos, desejos e ambições ainda eram um objetivo, mas de nada valeria

a pena conquistar todos eles se no final ele perdesse a única pessoa que sempre esteve disposta a sonhar ao seu lado. A se submeter a alguns sacrifícios por amor.

Felizmente, aprendera isso a tempo.

— Tudo bem — concordou Izacque. — Voltaremos juntos então.”

MAIS DO QUE PALAVRAS

LU QUEIROZ

Me chamo Luciclea Araujo Queiroz, tenho 38 anos e moro em Presidente Prudente, interior de São Paulo. Desde criança gosto muito de ler e sempre tive a vontade de escrever um livro. Esse ano comecei a dar asas a esse sonho e em breve terei um livro infantil publicado. Também participo de seis antologias que estão em processo de publicação.



“Francisco foi até a janela da sala do apartamento e observou como estava o céu. Nenhuma estrela dava o ar da graça, mas ele tinha certeza que logo começaria a chover. Era uma noite gelada, porém, perfeita para o dia dos namorados.

Seria o primeiro dia dos namorados casado, o matrimônio havia acontecido em janeiro e mesmo tendo passado os últimos três anos namorando agora era diferente. O “status” marido e mulher não tirava a condição de namorados, mas reforçava os “eternos apaixonados”.

Voltou para a mesa de jantar que dividia espaço com a sala e terminava de ajeitar os talheres quando ouviu a porta abrir.

— Fran, cheguei! — gritou Carolina.

— Chegou na hora certa meu amor, acabei de tirar o nhoque do forno.

Carolina estava boquiaberta.

— Você preparou um jantar? Mas a gente não tinha combinado de sair?

— Surpresa! — disse Francisco animado.

Carolina ficou encantada, a mesa posta estava linda.

— Meu Deus!

— Ainda quer sair? — zombou Francisco.

Carolina riu e correu para os braços do marido.

— Você é demais!

— Eu sei.

Francisco sempre fazia surpresas para a esposa, como no dia do casamento ao tocar violão na igreja e cantar a música deles. “*MORE THAN WORDS*”. Como dizia a letra da música o amor era mais do que palavras, não bastava dizer EU TE AMO, mas mostrar o que se sente. E ele sempre tentava demonstrar seu amor por Carolina.

Já Carolina não era tão romântica quanto o marido, mas demonstrara todo seu amor ao enfrentar a família que era contra seu relacionamento. Uma família tradicional de advogados do Rio de Janeiro não via com bons olhos o envolvimento da única filha com um rapaz negro e professor da rede pública.

— O escritório hoje estava uma loucura, só consegui sair agora. — disse Carolina se dirigindo ao quarto.

Jogou a bolsa em cima da cama e começou a tirar a roupa.

— Vou tomar um banho rápido! — gritou ela para o marido.

— Tá bom! — devolveu ele. — Vou pegar o vinho e acender as velas.

Ao retornar à sala Carolina arrancou um assobio do marido.

— Fiu, fiu, que gata!

Carolina havia feito um coque em seu cabelo dourado e trajava um vestido preto de mangas compridas e de comprimento até os joelhos que lhe evidenciava a silhueta um tanto avantajada, mas que o marido adorava.

Para completar o figurino colocou uma meia calça preta e um scarpin verde da mesma cor de seus olhos.

— Amor, você está vestida para matar e eu aqui de moletom e tênis!

Carolina sorriu. Aquele sorriso meigo e confortante que Francisco tanto adorava.

— Tinha programado usar essa roupa para hoje, mas como não vamos mais sair vou usar aqui mesmo. — Se aproximou do marido entrelaçando seus braços no pescoço dele e com um leve beijo disse:

— Eu adoro você de moletom.

Francisco sussurrou no ouvido da esposa.

— E eu te adoro de qualquer jeito.

Se beijavam calorosamente quando Francisco lembrou do jantar.

— Vamos comer, senão daqui a pouco as velas apagam e o nhoque esfria.

Batendo continência de uma forma descontraída Carolina obedeceu.

— Sim, senhor!

Francisco puxou a cadeira para a esposa se sentar e em seguida serviu a massa que ela tanto adorava. Preencheu as duas taças de vinho e fez um brinde.

— Ao nosso amor!

Algun tempo depois a chuva que Francisco esperava começou a cair e o clima ficou ainda mais romântico.

— Você tem ideia do quanto eu te amo? — perguntou Francisco seriamente após devorarem o nhoque.

— Tenho, você me mostra todos os dias. — respondeu Carolina no mesmo tom.

Francisco pegou a mão da esposa e a beijou suavemente.

- Eu sou o homem mais feliz do mundo por ter você.
- E eu sou a mulher mais abençoada por ter um marido tão maravilhoso.
- Agora aprecie mais o seu vinho favorito enquanto eu toco pra você.
- Obaaaa!

Ao ouvir os primeiros acordes da introdução de “*MORE THAN WORDS*” Carolina sentiu seu coração transbordar. Como era incrível a sensação de paz, de aconchego e principalmente de amor que uma música trazia.

Francisco tocou e cantou, a esposa aplaudiu o marido ao término da “serenata” e enquanto ouvia os elogios de sua amada Francisco largou o violão e rapidamente pegou Carolina no colo levando-a para o quarto, como havia feito na noite de núpcias.

Francisco colocou a mulher na cama com todo cuidado do mundo. Beijou carinhosamente sua testa e sussurrou.

- Carol, quero um filho seu.
- Meu amor, a gente não tinha combinado de esperar um ano.
- Não quero esperar mais, pedi pra Deus mandar nosso bebê.

Carolina riu.

- Mas eu não nem parei com o remédio ainda!

— Isso é só um detalhe. — conclui Francisco e depois continuou — Será um menino. O nome dele vai ser Frederico, mas todos vão chamá-lo de Fred.

Carolina se sentou na cama.

- O quê? Frederico? Nem pensar!

— Vai sim. — disse ele. — E começou a beijar a esposa. Primeiro no pescoço, depois no queixo, na pontinha do nariz, até finalmente encontrar os lábios carnudos de Carolina.

E se amaram intensamente naquela noite.

Pela manhã, Carolina deu um pulo da cama ao ver que havia perdido a hora.

- Meu Deus, esqueci de colocar o celular para despertar!

Correu para o banheiro e tomou um rápido banho. Francisco ainda permanecia deitado.

— Amor a gente almoça juntos hoje? Você vai dar aula mais tarde né. — falou enquanto se vestia.

— Pode ser Carol. Almoçamos no restaurante e depois vou para o colégio. — respondeu ele se levantando.

Carolina pediu para que o marido a ajudasse com o zíper do vestido.

- Fecha pra mim.

Ele parou por detrás dela e a abraçou.

- Posso te amar por mais cinco minutos?

— Não! Eu tô atrasada, fecha logo isso Fran!

— Tá bom, tá bom, você é quem manda.

Francisco esperava de pé em frente a um restaurante na zona norte do Rio. Carregava uma mochila com o material necessário para a aula. Carolina logo chegou, e assim que estacionou o carro foi ao encontro do marido.

Eles se olharam e sorriram um para o outro. Enquanto caminhava na calçada Carolina viu dois homens se aproximarem de Francisco. Os dois estavam armados.

Carolina sentiu seu corpo todo congelar de medo.

Os dois homens cercaram Francisco e apontando o revólver gritaram para passar a mochila, a carteira e o relógio. Calmamente ele obedeceu e olhava de soslaio torcendo para Carolina sair dali o mais rápido possível, mas ela estava petrificada.

Um dos ladrões abriu a mochila e ficou decepcionado quando viu apenas livros. Depois ao abrir a carteira ficou furioso.

—Ta de sacanagem, cara! Cinco reais!

— Eu uso cartão, amigo. — respondeu Francisco tentando manter a calma.

O ladrão jogou a mochila e a carteira no chão e guardou o relógio no bolso da calça.

— Não sou seu amigo. — respondeu e atirou em Francisco.

Como se saísse de um transe Carolina saiu correndo. Os ladrões fugiram e um grupo de pessoas saiu de dentro do restaurante. Em poucos segundos havia uma roda em volta de Francisco, que estava caído com o peito todo ensanguentado.

Carolina estava ajoelhada ao lado do marido e mal conseguia falar de tanto chorar.

— Amor, fala comigo, por favor... Pelo amor de Deus!

Francisco não esboçava reação alguma.

— Alguém chama o resgate! — gritou Carolina desesperada.

De repente um homem de branco apareceu.

— Sou médico, estava no restaurante, já chamei.

O médico grisalho verificou os sinais vitais de Francisco.

— Infelizmente não dará tempo, eu sinto muito. Foi um tiro no coração, ele está morto.

Carolina sentiu tudo começar a girar e apagou.

Seis meses. Esse foi o tempo em que Carolina e Francisco viveram casados. Apesar da insuportável dor que sentia, Carolina sentia-se grata por ter vivido um amor puro e verdadeiro. Poucas pessoas conseguem isso ao longo da vida.

Mas Francisco jamais partiria. Um pedaço seu havia ficado com ela.

Deitada na cama do consultório Carolina sentia-se muito agitada.

— E então, doutor?

— Calma, Carol. Só mais um instante.

— Tô esperando há quase cinco meses!

— Pronto, agora sim, tenho certeza. Parabéns Carol, é um menino.

Carolina sentiu o gosto salgado de suas lágrimas quando elas encontraram seus lábios.

— O nome dele vai ser Frederico, mas todos vão chamá-lo de Fred.”

INCIDENTES DO AMOR

RAÍSSA ARNHARDT

Raíssa Arenhardt, nascida no Rio Grande do Sul e amante de livros, encontra na escrita uma forma de se libertar do mundo e conseguir expressar aquilo que verdadeiramente sente. Desde muito nova sabia que queria escrever, construir mundos e fazer as pessoas se apaixonarem pela leitura tanto quanto ela é. Agora, com 18 anos, acredita que este sonho está cada vez mais próximo. Não existe problema em ter alguns sonhos que ultrapassam a lua. Além de seu amor por livros, também é doida por chocolate (acreditem, doida mesmo), fazer arte e ver a estante de livros cada dia mais cheia.



“Queria chegar perto de você e contar o que sinto, mas se você já ouviu alguns boatos sobre mim, deve imaginar que eu seja aquela que tem alguma coisa errada. As pessoas sabem que eu escondo algo, e para minha infelicidade, elas estão certas.

Sou aquele tipo de menina estranha que ninguém conhece e que ninguém deveria conhecer. Meus pais têm uma companhia que faz coisas ilegais, e eu trabalho com eles há alguns anos. A parte ilegal sempre foi a que mais me agradava, mas quando essa parte ilegal deixou de me fazer feliz, eu me arrependi das escolhas que tinha feito. Sempre acreditei que seria divertido trabalhar com eles – e manter essa identidade falsa – do que continuar sendo a menina normal que sempre fui nessa escola.

Agora eu olho para você e penso: como deixei isso acontecer?

Isso não é uma carta de declaração, e acredite, eu gostaria que fosse. Mas não deixei essa confissão dentro do seu armário com o propósito de demonstrar meus sentimentos a alguém que mal sabe que eu existo. Deixei este papel, pois preciso de ajuda.

Descobriram os trabalhos ilegais dos meus pais e resolveram me usar como isca. Mas ao contrário do que a maioria das pessoas pensaria, não estou presa em alguma cabana perdida no meio da floresta. Meus pais é que estão. E em troca da vida deles, me obrigaram a fazer certos serviços, além de manter minha boca fechada e longe da polícia. Se cumprir essas condições meus pais vivem, e quem sabe, um dia sejam soltos. Se não, eles morrem, e eu também.

Você é minha última saída.

No dia em que meus pais foram presos, reviraram todo o meu quarto para saber exatamente qual sentença me afetaria melhor. Quando pegaram meu diário, descobriram a paixão que eu nutria por você. Lá estava escrito que eu tinha a intenção de mandar uma declaração pelo seu armário, exatamente como estou fazendo agora. E como estão me vigiando, eles acreditam que isso seja uma declaração, e se você se aproximar de mim, pensarão que minha declaração deu certo.

Eu pensei em tudo. Agora preciso que você me ajude.

– Rebeca? – escutei aquela voz enquanto fechava meu armário e quase gritei de tanta emoção, ele estava falando comigo. Precisava manter o coração na frequência certa, estávamos ali por um motivo maior.

– Oi Davi, como você está? – comecei com uma pergunta simples, fácil de ser dita, de ser respondida.

– Bem, e você?

– Você deve imaginar – respondi. – Pode ir à minha casa hoje depois da aula?

– Davi concorda. – Que bom, precisamos resolver alguns assuntos – tudo isso foi dito o mais rápido possível, não queria correr o risco de falar algo sigiloso na frente de outras pessoas.

Mas Meu Deus! Davi iria à minha casa! Calma o coração Rebeca, você precisa se concentrar no seu real objetivo: salvar seus pais.

As últimas aulas passaram na velocidade mais lenta que deve existir no universo. Mas era preciso esperar, tudo valeria a pena no final. Encontrei-me com ele na porta principal do colégio. Nunca espalhei meu endereço por aí, assim ficaria mais fácil esconder meus segredos.

– Já podemos ir – falou. – Você vai me dizer onde mora, ou vou ter que adivinhar? – se continuar nesse tom, perderei o encantamento rapidinho.

– Espere para ver, se veio até aqui deve estar disposto a ajudar.

– Achei que seria interessante bancar o herói de vez em quando.

– A única probabilidade de ver seu rosto estampado nos jornais, será como garoto que fracassou e deixou sua colega de sala morrer. – ele engoliu em seco.

Depois de termos chegado à minha casa, e de um longo tempo em silêncio, Davi resolveu que seria conveniente abrir a boca.

– Seu sentimento por mim pode atrapalhar as coisas todas? – perguntou. – Senti minha pressão subir, tinha medo de que ele fosse fazer essa pergunta, pior ainda, tinha medo da resposta.

– Talvez sim, você pode desistir agora, não vou te forçar a fazer algo que não queira, principalmente se estiver com medo de ser agarrado a qualquer momento.

– Não, isso seria ótimo, digo, não vou deixar você sozinha nessa. Sempre é bom contar com apoio.

– Certo, então vamos para os detalhes.

Contei a ele tudo que estava se passando, e tudo que poderíamos passar. Fora do contexto, acabei deixando-me levar pelo sentimento que nutria por ele e rindo de cada expressão assustada que ele fazia. Mas esse não era o momento, precisava me concentrar. Mas era quase impossível tendo Davi sentado na minha cama. Sem ninguém mais na casa, eu estava perdendo uma oportunidade maravilhosa.

– O que preciso fazer primeiro? – Perguntou, enquanto recolhia alguns papéis que havia deixado cair durante sua expedição pelo meu quarto.

– Se você conseguir ser menos desastrado, nossas chances de obter sucesso nesta missão são de 72 por cento, ao contrário, é melhor desistirmos.

– Você tem uma animação contagiante – debochando. – Não vamos desistir tão fácil, nem tentamos.

Ele estava certo. Mas com ele ali, bem na minha frente, a última coisa que passava na minha cabeça era a vontade de tentar. Não a de tentar salvar meus pais, mas a de tentar algo entre nós. Será que isso não foi uma triste experiência do destino de tentar nos aproximar? Foi quando o telefone da cozinha tocou. Sabia que havia câmeras de vídeo espalhadas pela casa, era de se imaginar que queriam descobrir o que estava aprontando.

– O que você pensa que está fazendo? – a voz desconhecida perguntou. Gelei dos pés a cabeça. Não podia demonstrar o medo em minha voz, isso me tornaria facilmente manipulável.

– E o que você acha? Eu preciso manter uma relação normal no colégio, preciso me enturmar e esquecer de vez em quando meus problemas – respirei fundo. – Vocês leram o meu diário, sabem muito bem o que estou fazendo.

– Ela está dizendo a verdade – uma voz feminina surgiu, deveriam estar usando viva-voz. – Li todo o diário dela, é só uma garotinha apaixonada – tenho quase uns dezoito anos, não que alguém ligue.

– Então ninguém se importará com a morte dela – a ligação caiu depois disso.

Corri para o quarto. Precisava contar a Davi o que iríamos enfrentar. Agora que sabiam que ele estava frequentando minha casa, ficariam mais atentos as minhas ações. E isso era um problema. Davi tinha que voltar para casa antes que fosse tarde de mais, antes que resolvessem usá-lo como isca.

Como pressenti, encontrei meu quarto revirado e isento daquela presença masculina. A ligação foi apenas uma distração para pegá-lo. A foto de Davi que antes estava intacta na minha parede, agora reside rasgada no chão. Junto dela encontro um papel, com uma linda letra cursiva, escrito:

“Oi Becca, que bom que você confia em mim, escrevi esse bilhete, pois imagino que estamos entrando numa da pesada, então não sei quando conseguirei falar isso para você, mas ao contrário do que você pensa, eu sempre soube que você existia, e esse algo secreto sempre me deixou curioso e maravilhado, então queria que você entendesse que vou ajudar você a encontrar seus pais. E que também gosto muito de você. Então... Por você eu vou até o inferno e volto.”

Amassei o bilhete e o atirei longe. A letra deixava claro que o dono era um jovem homem de 19 anos, mas no mundo em que eu estava habituada a viver, as coisas não podiam ser sempre levadas ao pé da letra. No fundo meu coração queria acreditar em tudo isso. Terei que resgatar meus pais sem ajuda, e descobrir para onde Davi foi levado. Mas por qual razão não me levaram no lugar?

Talvez eles só estivessem me usando, talvez Davi sempre tenha sido o principal alvo. Se isso for a verdade, não posso continuar fazendo o que faço, porque essa luta não é mais minha.”

UM AMOR PARA TODA A VIDA

GISLAINE OLIVEIRA

Gislaine Oliveira é Paulistana, e graduada em Gestão de Recursos Humanos pela faculdade Estácio. Desde os nove anos gostava de ler livros em bibliotecas, mas a paixão pela literatura veio mesmo com força por influência da sua professora de Português na época do ensino médio. Ingressou no mundo literário por meio das antologias: Quando a escuridão bate à porta" da Editora Sinna, e Sonhos literários do selo Antologias Independentes, da escritora Brenda Rodrigues. Em seu tempo gosta de passear em parques, e fazer programas culturais ou escrever contos, crônicas e romances. Acredita que o amor é a magia mais forte que existe, por isso não pode deixar de retratar a verdadeira essência dele em suas histórias. Afinal, todo mundo merece uma dose de amor. É o que o ser humano mais precisa.



Já dizia o poeta: que (o amor) seja eterno enquanto dure. Meu primeiro e único amor ficou ao meu lado tempo o suficiente para ser eternizado em minha memória e em meu coração.

Conheci Raphael Cavalcante no prédio em que passei a morar com meus pais desde que me mudei para Porto Alegre. Eu tinha 10 ou 11 anos e não sabia bem o que era “amor” quando o conheci. Observei-o de longe por muito tempo; observei cada detalhe de sua personalidade, os traços do seu corpo e de sua face. Era singelo e apaziguador.

Aos quinze anos Raphael foi escolhido como o príncipe que dançou comigo no meu baile de debutantes e ele estava lindo com aquele *smoking* azul-marinho e seu cabelo castanho bagunçado. Tinha um charme especial naqueles detalhes que, em contraste com seus olhos escuros e enigmáticos, me encantavam completamente. Depois da festa foi ele quem me deu o primeiro beijo e me pediu em namoro — o melhor presente que eu poderia ganhar.

Vivemos momentos maravilhosos dos quais jamais me esquecerei, até que... a família dele decidiu se mudar para Braga, em Portugal. A vida adulta também o chamou e nos despedimos uma noite antes de sua viagem. Permanecemos sob a luz das estrelas no parque e depois fizemos um jantar especial. Assim como eu não sabia o que era amor antes de conhecê-lo, também não sabia o que era ter um coração partido. E foi o que ocorreu quando meus olhos o perderam de vista no horizonte.

Raphael me prometeu que manteria contato pela internet, mas eu sabia que não seria a mesma coisa. E não foi.

A partida dele me fez mergulhar na escuridão. Eu não queria mais sair do meu quarto, só pensava em dormir depois dos inúmeros calmantes que ingeria. Não havia mais espaço na minha vida para o vestibular ou o curso que decidi que faria.

Fui obrigada pelos meus pais a procurar um psicólogo para lidar com o meu luto, para tentar continuar vivendo.

Um ano se passou. Eu estava estudando e procurava um trabalho; permiti que a vida adulta também me chamasse. Decidi ocupar a minha cabeça para evitar o desespero.

Raphael, por outro lado, parecia estar bem. Não retornou nenhuma das minhas mensagens e e-mails nos últimos meses. Era como se a nossa história tivesse acabado.

Com o tempo me tornei viciada no trabalho e me entregava por completo aos meus afazeres como publicitária. Em poucos anos comprei meu próprio apartamento, em busca da minha independência, e segui minha vida com aquela máscara de felicidade, mesmo com meu coração estatelado.

Certo dia minha mãe foi me visitar, e tivemos uma conversa sincera, como houve outras repetidas vezes antes.

— Acho que... é hora de você procurar um novo alguém, filha. Já faz mais de três anos que *ele* foi embora. Não ligou para você, não se importou com seus sentimentos! Abra o seu coração para outros rapazes. O Victor, por exemplo, que trabalha com você, sempre se interessou por ti, mas nunca deste uma chance a ele!

— Virou conselheira amorosa agora? Quando eu quiser namorar alguém, direi isso, mas se fazes tanta questão que eu saia com novos garotos, tudo bem, eu saio, mas não garanto nada.

Estendi minhas mãos; me rendia depois de tanta insistência.

Tive alguns encontros, me relacionei com alguns homens na universidade, mas nenhum dos meus namoros durou mais do que um ano. Eu procurava um traço do Raphael nos homens, mas não encontrava nada. Tinha momentos em que eu me sentia obcecada e.... talvez realmente fosse uma obsessão.

Quase dez anos se passaram e eu continuei no “piloto automático”. As poucas vezes em que saía para espairar a mente, vez ou outra ia até o teatro ou ao cinema. E foi em um desses passeios que o passado resolveu me atormentar novamente.

Naquela noite fui assistir a um concerto de música clássica no teatro São Pedro que estava completando cento e sessenta anos. A orquestra já estava preparada no palco para começar a apresentação e a plateia ansiosa para ouvi-los.

Me ergui em um momento e, de relance, vi um vulto familiar. Permaneci imóvel e ouvi sua voz aveludada pedindo licença a uma senhora. Quase me esqueci de respirar.

Não me virei para olhar. Na verdade, me esforcei para prestar atenção na música. Quando o concerto acabou, decidi ir embora, mas as mãos trêmulas deixaram minha bolsa despencar e rolar pela escada. Ele veio entregá-la para mim. Quando seus olhos miraram os meus, percebi sua surpresa e um sorriso se abriu em seus lábios. Meu mundo despencou.

— Letícia... É você?

— Raphael...

— Sou eu mesmo, o vizinho do 310. Nem acredito que te encontrei aqui — Sem que pudesse responder, ele me puxou para um abraço. — Como você está? Faz muito tempo. Está linda como sempre.

— Fala isso agora, mas não retornou nenhum dos meus contatos.

Minha voz estava embargada pelo ressentimento. Eu não conseguia evitar!

— Do que está falando? Eu não recebi nada seu. Sempre pareceu que tu que não queria saber nada de mim.

— Eu... mandei dezenas de e-mails... A não ser que... alguém os tenha interceptado.

A mãe do Raphael não gostava de mim. Sempre fez questão de dizer que o filho dela merecia alguém da mesma classe que ele. Isso me preocupava, e me aborrecia. Eu estava possesa de ódio.

— Vamos tomar um café — ele pediu com aquele olhar carinhoso.

Respirei fundo e aceitei o convite. Fomos juntos a uma cafeteria próxima do teatro e contamos tudo das nossas vidas um ao outro. Ele soube o que fiz nos últimos anos desde a sua partida e o fiasco dos meus últimos relacionamentos. Também me contou que estudou arquitetura em Coimbra. Estava de férias no Brasil para visitar uns parentes e amigos. Seus namoros duraram pouco tempo. Ainda não tinha encontrado a garota certa.

Antes de nos despedimos senti a sua mão tocar a minha e isso me lembrou dos velhos tempos. Seu toque ainda aquecia meu coração.

Depois daquele dia tive outros dez anos ao lado de Raphael. Os mais maravilhosos da minha vida. Me tornei sua mulher. A mulher da sua vida. E ele o homem da minha vida.

Contudo, Raphael tinha um segredo. Após uma relação desprotegida e um ato

inconsequente, ele foi diagnosticado com HIV. Ele tinha medo, e tinha medo por mim, mas eu o amava mesmo assim, estava disposta a lutar por ele com todas as minhas forças.

Fomos felizes até quando a doença o levou e, hoje, me vejo em frente ao seu túmulo derramando lágrimas dolorosas e saudosas, lágrimas de alegria e de tristeza. Ele foi tudo, sempre foi tudo.

Carregarei Raphael no meu coração para sempre, e levo comigo o diário que ele escreveu. Nele, havia uma lista de coisas a fazer para viver uma vida plena. Prometi a ele que seguiria suas instruções.

Como diria Ana Vilela: “A vida é trem-bala, parceiro. A gente é passageiro prestes a partir.” Então ame, se aventure, arrisque porque o amanhã ninguém sabe se vai chegar, só temos o hoje”.

FOI AMOR NO MOMENTO EM QUE SUA ALMA TOCOU NA MINHA

MARCOS DINIZ

Marcos Diniz tem 31 anos. Nasceu e reside no Rio de Janeiro. Ama livros. Teve a oportunidade de se jogar no abismo desconhecido que era sua paixão: a escrita. Percebeu que aquela sensação não era de queda, e sim, de flutuar. E desde então tem passeado por lugares incríveis, chegando a levar uma trupe de elefantes a uma missão em As Lendas de Colina. Mostrou que toda dificuldade pode ser superada se enfrentada com um Amor Sem Limites. Perdeu-se e reencontrou-se na Colônia Perdida de Roanoke. Viu que em meio à dor as flores mais adequadas são as Flores Para o Inverno. Entendeu que quando um relacionamento nos machuca o ideal é esquecer o era uma vez e tentar a alternativa Era Outra Vez, buscando o caminho que traga a felicidade, não a dor, por isso procura dizer o que sente para não se arrepender Das Palavras Que Não Disse. E este sonhador contador de histórias espera um dia estar Vivendo na Terra do Nunca.



“O amor é como uma bolha de sabão congelando, onde se consegue ver toda uma delicadeza e seus detalhes. A subjetividade e sua beleza vão surgindo conforme a fina camada de gelo vai criando formas dentro da bolha e transformando-a em uma linda obra de arte. O amor é exatamente igual. Aos poucos vai enaltecendo toda beleza que há nesse sentimento, onde as mais diferentes formas de amar podem transparecer.

Lana e Michel experimentaram muitas fases do amor. Desde a calorosa e intensa paixão dos amantes, à dificuldade da relação à distância.

— Já estou morrendo de saudades de você.

— Está muito frio aí?

— Nossa você não tem noção do quanto. — Enquanto organizava os ingredientes na bancada da cozinha do seu flat alugado, Lana falava ao telefone com Michel. — Você não aguentaria o gelo que está aqui.

— Dizem que a temporada de esqui já começou.

— Já sim, as estações estavam cheias quando cheguei.

— Queria muito estar aí com você.

— Eu também gostaria que estivesse. — a tristeza tomava conta da voz de Lana, pois seu sonho sempre fora passar sua Lua-de-mel em Bariloche, porém lá estava ela na cidade invernia, mas sem o amor de sua vida para aquecê-la. — Quem sabe na próxima?

— Quem sabe.

Neste instante alguém bateu a porta.

— *Amor*, estão chamando à porta, me dá alguns uns minutinhos?

— Claro, vai lá.

Lana tirou o avental e foi abrir a porta para pegar seu almoço e teve uma linda e nada esperada surpresa.

— Posso desligar o telefone? Acho que não precisaremos mais dele.

E na euforia da felicidade Lana jogou-se nos braços de seu amado que de algum jeito tinha ido ficar com ela, emocionada o encheu de beijos.

— O que você está fazendo aqui? — Lana ainda abraçada a seu esposo perguntou se encaminhando para sala. Só podia ser um sonho ele estar ali junto dela. — Você não devia estar gravando no Brasil?

— Antecipei todos os meus compromissos para conseguir estar livre no período que eu sabia que você estaria aqui. — Lana o olhava admirada e isso enchia o coração de Michel de alegria. — Não ia perder a oportunidade de estar aqui com você, meu amor.

Lana pulou nos braços de Michel para beijá-lo ainda mais caindo os dois no sofá, mas naquele momento não estavam preocupados com nada. Só queriam deixar que seus lábios os transportassem para o paraíso.

— O que foi Michel?

— Nada!

Estavam os dois sentados na mesa, um de cada lado.

— Como nada? — Ela estava fazendo movimentos circulares com o chocolate na palma das mãos. — Está me olhando como se fosse a primeira vez que me visse e tivesse tentando memorizar cada parte do meu rosto.

— Só estou te admirando —, ele mergulhava as bolinhas de chocolate no granulado — Você é tão linda! Eu nunca vou me cansar de apreciar sua beleza.

— Você é tão bobo, sabia?

— Eu falo sério, mas você não acredita em mim.

— Ok, agora coloca esses brigadeiros na forminha, por favor? A exposição é daqui a duas horas.

A viagem de Lana a Bariloche havia sido para participar de uma convenção sobre confeitaria. Pois sua doceria: *Doces Lua* se tornou tão conhecida na internet que ela recebeu o convite para expor seus deliciosos brigadeiros e

ministrar oficinas de preparação de doces.

— Vou colocar, mas primeiro me deixa registrar mais uma foto sua com meus olhos.

Lana sorria e Michel continuou a observá-la hipnotizado enquanto fazia o que ela havia pedido.

Dizem que os olhos são a janela da alma. Se forem, Lana conseguiu entrar e se hospedar por toda vida na alma de Michel.

— Um brinde a mulher mais incrível que a vida poderia ter me presenteado.

Lana sorriu corada e levantou a taça de vinho e tilintou com a dele.

— Um brinde a nós e obrigado por sempre estar do meu lado *Amor*, me apoiando em tudo.

Ela estava radiante com um coque e algumas tranças soltas na lateral de seu rosto. Sua boca em um tom de violeta. Sua pele negra que brilhava como uma obsidiana. Seus olhos, ah, seus olhos, esses eram como duas bolinhas de gude que dentro se via um vasto universo e fazia aquele pobre rapaz se perder na imensidão daquela via láctea.

— Eu prometi estar do seu lado e assim será para sempre. — Ele era completamente encantado por ela e capaz de fazer qualquer coisa para vê-la feliz.

O jantar seguiu noite adentro com muitas conversas, risadas e declarações.

Quando duas almas se encontram e elas se pertencem não há tempo, lugar ou situação que possam afastá-las uma da outra. Basta um encontro, um toque ou uma troca de olhares e nada, jamais, irá apartar o amor dessa união.

Na ida para o chalé Michel percebendo que Lana tremia um pouco mesmo estando toda agasalhada retirou seu casaco de cima e o pôs nela.

— Não *Amor*.

— Tudo bem, eu nem estou com tanto frio assim. — Lana sabia que não era verdade, pois Michel era muito friorento. Só precisava uma simples brisa gelada para o rapaz tremer com calafrios. Porém, sabia que ele queria ser cavalheiro, então, nem se opôs.

Mais adiante, Lana e Michel pararam para assistir a um grupo de artistas que atraíam a multidão fazendo um mágico show com de bolhas de sabão.

— Espere aqui só um minuto.

— Aonde você vai Michel?

Michel correu até um dos artistas e trocou algumas palavras e chamou Lana que de início se recusou a ir, mas acabou indo até a meia roda formada pelas pessoas.

— O que é isso?

— Só queria mostrar como fico por dentro quando estou ao seu lado.

E com um sopro devagar fez com que várias bolinhas caleidoscópicas voassem ao redor de Lana, fazendo-a sorrir. E mais e mais bolhas foram assopradas e maior ficava o riso daquela moça apaixonada.

Ele a abraçou e soprou para cima cobrindo-os com bolinhas que estouravam ao tocar suas vestes.

— Só queria dizer que a cada gesto seu eu te amo mais e mais. — Lana disse ao olhar bem no fundo dos olhos de Michel. — E com isso meu coração só confirma que meu sim a você foi a melhor decisão de minha vida.

Na manhã seguinte Michel acordou e Lana já tinha se levantado. Ao chegar à cozinha a viu preparando o café da manhã. Ele se aproximou e a beijou na testa.

Após comerem, Lana o levou nos fundos do chalé que se encontrava completamente coberto de neve com um contorno de um anjo no chão.

— Fiz pra você. — Ela o levou até o anjo de neve.

— Que lindo! — Ele se agachou para admirar a obra de arte da esposa de perto.

— Mas tenho outra coisa para te mostrar também.

— Ah é, o que?

Lana buscou um recipiente com água e detergente e uma argolinha. Michel sorriu entendendo o que ela faria. Ela se abaixou perto de Michel e do anjo de neve e soprou um monte de bolinhas dentro do contorno.

— A gente acha que a bola de sabão vai estourar —, ao entrar em contato com a neve a bola de sabão fica intacta. — Mas assim como meu amor ela não se destrói a tocar as adversidades. — Aos poucos vão surgindo formas cristalizadas dentro da bolha. — Pelo contrário, ela cria algo ainda mais belo e consistente que o cotidiano, mesmo que por alguns segundos. Fazendo-nos enxergar coisas maravilhosas.

Michel ficou sem palavras para descrever o que sentia naquele momento.

— Não importa o que passemos, vamos sempre ser milhares de bolhas de sabão em contato com a neve? Criando maneiras de mostrar o quanto é lindo o que sentimos um pelo outro?

Eles sabiam que ali se iniciava uma nova fase de suas vidas e que o amor que sentiam um pelo outro tomava uma proporção ainda maior.

Lana estava em pé em frente à cômoda cheia de fotografias quando Michel a abraçou por trás e se pôs a reviver cada memória que tinha congelada ali com sua amada.

— Eu te amo — Michel sussurrou em seu ouvido. — E não há nada nessa

vida que tire de mim cada momento em que fui e ainda serei feliz com você.

Ela virou-se para ele e beijou-lhe suavemente.

— Te amo muito também.

Naquele momento um chorinho chamou a atenção do casal. E Lana tirou sua pequena do bercinho branco e a ninou em seus braços e Michel acolheu as duas em um aconchegante abraço.

Uma homenagem à pessoa que chegou e tocou minha alma desde o primeiro encontro. Que me faz querer ser bolha de sabão congelando, buscando encontrar diversas e maravilhosas formas de mostrar meu amor.”

O DESFECHO TRÁGICO DE UM FILME CLICHÊ

THAÍS MEDEIROS

Thaís Medeiros tem 23 anos, é graduada em jornalismo pela Universidade Federal de Ouro Preto e mestranda em Comunicação Social. Mineira, sagitariana, louca dos signos e apaixonada por cultura pop, dedica todo seu tempo livre à ficção.



“A gargalhada faleceu abruptamente no instante em que a garota *se deu conta*. Percebeu, mesmo sem desejar, que o período mais feliz de sua vida estava chegando ao fim. Sua realidade desvanecia como o desfecho de um filme antigo, um filme que – ela sentia – não teria final feliz. A constatação fez algo se estilhaçar dentro da jovem, enquanto a ansiedade queimava em seu estômago.

Bianca Meireles era uma estraga-prazeres. Havia sido a pessoa que assassinava sorrisos desde que se entendia por gente. Às vezes se odiava por isso, no entanto, não conseguia evitar. Havia algo dentro da menina que amarrava seus pés à realidade sempre que sua cabeça desejava voar. Algo que sempre a trazia de volta do mundo dos sonhos e a obrigava a lidar com as cartas desfavoráveis que tinha em mãos. Uma vizinha irritante que censurava seus devaneios e a impedia de saltar em direção ao desconhecido.

Tentou, então, prender-se àquele raro instante de imprudência e sentir-se parte da festa, em vez de uma mera espectadora, mas foi em vão. A inevitabilidade do fim, a pôs a coletar inconscientemente fragmentos do que em breve se tornaria memória. Buscou capturar o barulho das risadas e as conversas sufocadas pela música, se obrigando a prestar atenção na letra do sertanejo universitário chiclete que explodia pelas caixas de som e a memorizar o rosto dos amigos que se amontoavam na pequena varanda. Se questionou se usaria a palavra “amigo” para definir qualquer uma daquelas pessoas em um ano ou dez. Sentiu um aperto no coração por não acreditar que sim.

Todo esse cenário, entretanto, desapareceu quando colocou seus olhos *nele*. Reclinado despreocupadamente contra a parede desbotada, o rapaz parecia ignorar completamente o efeito que exercia sobre ela. Era apenas aquele tipo de pessoa que não notava como sua simples presença iluminava e aquecia todo o ambiente. Ou talvez fossem apenas os olhos apaixonados da moça o enxergando sobre uma luminosidade cósmica.

Bianca nunca imaginou que Rafael Monteiro seria aquele que seu coração iria escolher. Não o estudante de cinema, idealista e desajeitado que, por um acaso do destino (no qual ela sequer sabia se acreditava), acabou por ser o irmão gêmeo da única garota em sua turma – cheia de babacas sexistas – de Engenharia da Computação.

Sendo assim, foram cinco anos frequentando o minúsculo e desorganizado apartamento – que sempre cheirava a pipoca amanteigada e brigadeiro de panela – dos gêmeos. Tardes inteiras nas quais ela e Marina tentavam se concentrar em códigos e cálculos, enquanto Rafael tagarelava sobre arte, filosofia ou qualquer que fosse o filme que houvesse acabado de assistir. Noites inteiras viradas sobre cadernos, nas quais o rapaz sempre conseguia atenuar seu estresse ou desespero, lhe arrancando risadas com piadas estúpidas e sua bizarra obsessão por astrologia.

Em algum momento do último ano, eles se apaixonaram. E talvez houvesse sido algo que estava escrito nas estrelas. O garoto jurava que seus signos eram opostos e complementares e que uma virginiana como ela estava fadada a cair de amores por um pisciano como ele. Bianca revirava os olhos e alegava achar tudo aquilo uma grande besteira, ainda assim, mesmo sendo a personificação da descrença e da pouca fé, havia algo dentro da moça que se alegrava com a teoria estapafúrdia. Talvez ela, que sempre se sentiu tão superior a tolos disparates passionais, fosse – bem lá no fundo – uma romântica das mais patéticas.

De qualquer forma, ali estava ele, com seus jeans rasgados, olhos negros, sorrisos fáceis e cachos bagunçados, tornando o mundo dela cheio de cores e vida apenas por existir. Pela primeira vez, em seus vinte e poucos anos, tudo estava perfeito. Como a magia em um conto de fadas, no entanto, o encanto não duraria para sempre e o ponteiro do relógio se aproximava perigosamente das doze badaladas da meia-noite.

No dia seguinte, eles iriam se formar, colocando um ponto final naquela fase de suas vidas. Em menos de uma semana, ela estaria de volta à sua cidade, correndo atrás de empregos que não sabia se conseguiria, enquanto o rapaz embarcaria para um intercâmbio na Inglaterra, com uma série de sonhos e projetos na mala. O período de inocência havia chegado ao fim e a vida os estava levando para longe um do outro. Bianca, a rainha dos planos, dos cálculos e das soluções lógicas e perfeitas, não conseguia imaginar um único cenário em que aquilo acabaria bem.

— Ei, o que foi? — Rafael questionou, se sentando ao lado da namorada no decadente sofá quebrado. Ele conseguia lê-la como se a garota fosse o roteiro de um filme clichê. O que, pensando bem, talvez ela fosse.

A moça sorriu com o pensamento, enquanto entrelaça os dedos nos do garoto.

— Eu amo você. — sussurrou como se confessasse um segredo. De certa forma, era exatamente o que estava fazendo. Nunca abrira sua alma daquele jeito, nunca dissera aquelas três palavras para nenhum outro rapaz, porque nunca se sentira daquele modo por nenhum outro rapaz.

Bianca não sabia se aquele era um bom momento para abrir seu coração e deixar que as palavras que guardou por tanto tempo corressem livres por seus lábios. Na verdade, pensando de forma lógica e analítica, aquele era o pior momento para aquilo. Em menos de sete dias, os dois iriam se despedir. O que diabos deveriam fazer com uma maldita declaração? Não seria mais simples suprimir tudo e arrancar o sentimento pela raiz?

Sendo honesta, ela acreditava que sim, mas não queria ser racional naquele momento, não queria ouvir as vozes que a censuravam, não queria ser uma maldita estraga prazeres. Bianca só queria que Rafael soubesse que ela o amava – porque, por Deus, ela amava muito e pouco importava o que ele faria com isso na semana seguinte –, e principalmente porque ela desejava, com todo seu coração, que aquela noite nunca chegasse ao fim. Queria ficar ali, congelada no ápice de sua juventude, naquela festa estúpida, escutando a mesma música grudenta e segurando as mãos do seu primeiro amor, pelo resto da eternidade.

Como se pudesse ler sua mente, o garoto sorriu, enquanto diminuía qualquer distância entre os dois.

— E eu amo você. — ele também sussurrou, antes de iniciar um beijo. E foi doce, e urgente e um tanto melancólico, porque Rafael também sabia, ainda que fingisse não saber, que o tempo estava correndo e tudo o que os dois compartilharam até ali estava prestes a escorrer por entre seus dedos. A qualquer instante uma música triste iria começar a tocar, enquanto os créditos subiam e tudo se tornaria a mais bela das lembranças.

Mas não ainda.

Não ainda.”

O TREM

CECÍLIA MONDADORI

Paulistana, está iniciando na escrita, mas com a criatividade aflorada tenta levar aos leitores um pouco de fantasia e amor nas suas histórias. Com a companhia da sua filha e seus cachorros os momentos de criação.



“Eu e minha mãe nunca nos demos bem, sempre discordando das coisas, sempre brigando por algum motivo insignificante. Como estava terminando o ensino médio e estudando para entrar na faculdade de medicina veterinária, eu não tirava muito tempo para passeios. Adorava passear de metrô, pelo fluxo de pessoas, pelos lugares que ele passava e quando estava por baixo da terra, eu pensava na minha vida e na oportunidade de poder sair de casa para estudar em outra cidade. Tinha aquela sensação de que ele me levaria aos outros caminhos. Ficava olhando pela janela e pensando onde cada pessoa estava indo, suas vidas e seus problemas que poderiam ser os mais variados. Olhava cada um que entrava e se acomodava nos assentos, os que ficavam em pé, os que liam um livro e até os que tiravam esse tempo para dormir. Mas estava tão chateada e cansada das brigas com minha mãe, que não percebi que era observada. Sempre me achei uma menina comum. Cabelos castanhos longos, olhos castanhos e corpo magro. Minha mãe me dizia que eu ficaria para titia, porque não arrumaria namorado nunca por ser tão feia. Mas eu sabia que não era feia, só não era linda, apenas comum. Tive uma sensação estranha e fiquei apreensiva. Será que tinha alguém me olhando? Será que era um ladrão querendo roubar minha bolsa? Abracei-a no peito e quando olhei para frente ele estava lá.

De pé, do lado esquerdo encostado na porta, ele estava olhando para frente, com os pensamentos longe e aproveitei para analisá-lo melhor. Alto, mais ou menos 1,85, cabelos loiros, os olhos pareciam claros, mas ele não tinha olhado para mim então não sabia precisar se eram claros, mas pareciam azuis, como um anjo. Comecei a ficar sem ar e o meu corpo parecia acordar de um transe e reconhecia o que precisava. Mexi-me no assento, inquieta e pensei um jeito de chamar sua atenção. Precisava olhar dentro daqueles olhos. Mas e se ele descesse em alguma estação? Será que eu iria atrás dele? Não, nem pensar. Dei uma risadinha e foi aí que percebi que era ele que me olhava.

Travei naquele olhar. Azuis da cor do oceano. O nariz fino e o seu maxilar

pronunciado. Os cabelos mexidos, como se ele tivesse esfregado suas mãos várias vezes neles, na tentativa de alguma ideia saísse dali. Como eu estava sorrindo, ele abriu um sorriso também, como se ele soubesse da piada. E foi aí que ficamos nos olhando e tudo ao redor sumiu. Era só eu e ele ali, imaginando o que falar, se eu puxaria o assunto ou ele e ficamos nos estudando. Seu olhar desceu até meus lábios e subiram para o meu olhar.

Comecei a ofegar e pensando nas possibilidades e percebi que ele também. O trem parou na estação e entraram muitas pessoas. Ele desviou um pouco das pessoas para continuar me olhando. Eu precisava saber seu nome, não podia ficar assim e eu percebi que era um desejo dele também.

O vagão começou a encher demais e aquilo me deixou apreensiva e ele começou a se afastar. Quando achei que ele tinha ido para o fundo do trem, escuto alguém pigarrear ao meu lado e ele estava ali, de pé, ao meu lado e abrindo o maior e mais iluminado sorriso que eu já tinha presenciado na face da Terra. Como podia ser tão lindo? Ele me perguntou meu nome.

— Oi.

— Oi. — Eu não conseguia mais pensar, meu cérebro tinha derretido.

— Como você se chama?

Podia ter sinfonia melhor do que aquela voz? A senhora que estava ao meu lado no banco, deu um sorrisinho me incentivando a responder aquele deus que estava ali.

— Laura e você? — Ele abriu o sorriso de novo, Deus acho que iria enfartar, aquele sorriso matador.

— Bruno.

Ok. Podia um ser humano ser tão perfeito? Bom ele podia ser um cafajeste, trambiqueiro, ladrão, mas estamos falando de aparências e estávamos no meio do metro lotado, certo?

— Você vai descer onde?

Onde eu desceria mesmo? Ah, não desceria tão cedo. Como falaria uma coisa dessas sem parecer uma lunática.

— Bom, só estou dando um passeio, não sei bem pra onde estou indo. E você? — Agora era a hora da verdade.

— Estou indo encontrar uma pessoa.

Certo. Era isso mesmo o que estava pensando. Mas ele continuava lindo, seguro e eu tinha certeza que ele não sairia da minha cabeça tão cedo. O trem estava chegando a uma estação e como eu estava sentada perto da porta, esperei elas se abrirem, as pessoas saíram do vagão outras entraram, a senhora ao meu lado, no alto de toda a sua sabedoria, sabia o que estava acontecendo e a minha ação, dando um pequeno espaço pelas suas pernas pra que eu passasse.

Levantei-me, olhei nos olhos de Bruno, que se segurava com o braço levantado e já tinha ficado sério e olhava dos meus olhos para os meus lábios. Passei por ele, esbarrando o meu ombro em seu braço e causando mil faíscas em meu corpo. Percebi que o mesmo efeito tinha causado nele. Estávamos ofegantes com a possibilidade de nos conhecer. Queria passar a mão pelos seus cabelos e sentir o sabor dos seus lábios. Segui rápido e passei pela porta. Virei-me e percebi que ele estava me seguindo, mas as pessoas ficaram na frente dele e se atrapalhou para sair, foi quando a porta se fechou. Ele do lado de dentro e eu do lado de fora. Ele apoiou a mão na porta e eu segui seu movimento colocando a minha mão na dele. Ele ainda me falou pra gente se encontrar na próxima estação. O trem soltou seu vapor característico e meu coração começou a encolher percebi que Bruno começou a ficar aflito e pronunciou só as palavras, sem som: Na próxima estação. Mas ele disse que encontraria alguém que poderia ser uma namorada. Eu poderia entrar em outro trem e encontrá-lo na estação próxima, mas a oportunidade tinha passado e talvez não fosse a hora. Segui para a escada e peguei o trem de volta para casa. Feliz pelo ocorrido e desejando que ele fosse feliz também.

O trem foi embora levando talvez o meu grande amor.”

MUSA

D. MURAD

D. Murad nasceu em Mogi das Cruzes, São Paulo, onde escreveu seu primeiro livro aos 28 anos. Formada em Medicina Veterinária pela Universidade de São Paulo, foi clínica de cães e gatos durante cinco anos e meio, depois dos quais mudou a área de atuação para a saúde humana. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 2017, cidade na qual planeja continuar escrevendo e ambientando novos romances. Além da paixão pela escrita, ela se dedica à dança e aos seus animais de estimação, dois gatos que adotou ao chegar à capital carioca.



“Eu nunca imaginei que estaria nessa posição.

Vinte e oito anos, meses depois de colocar uma aliança dourada, eu arrumava uma sacola cheia de materiais que eu pouco sabia usar. Um bloco de papel debaixo do braço, e eu estava pronta para meu primeiro dia no curso de desenho.

Foi recomendação do psicólogo especialista em casais. Uma atividade para ocupar meu tempo subitamente disponível e oferecer vazão para os sentimentos que eu guardava e remoía. Mas não era infelicidade. Era só... vazio.

A situação não era ideal. Conheci Lauro em uma viagem de negócios e mantivemos uma amizade à distância. Quando decidimos tentar um relacionamento, eu não tinha muita fé. Entretanto, mantive o compromisso. O tempo fez o amor florescer, e não pensei duas vezes antes de deixar meu pequeno apartamento num movimentado centro para me juntar a ele. Mas alguns meses sem um universo conhecido ao meu redor foram suficientes para que o vazio crescesse, minando o que começava a ser construído.

Lauro sugeriu que víssemos um profissional quando deixei de sair de casa até para as tarefas mais básicas, mas eu sabia que o problema talvez não estivesse na novidade ou no ambiente. Ainda assim, acatei a sugestão. O processo consistia em um certo número de passos, sendo o primeiro o aceite da ajuda especializada. "Assim, todos já começam vencedores", disse o psicólogo.

O segundo passo era descobrir uma atividade nova. Pois bem, eu havia sido uma aluna de Educação Artística razoável durante meus anos escolares. Talvez viesse a calhar agora. E, por coincidência, meu primeiro dia no curso caiu justamente após uma discussão desnecessária.

O curso aconteceria aos sábados na universidade pública da cidade. O campus

era amplo, arborizado e o sol brilhava com força tingindo tudo de dourado. Não tive dificuldade em localizar a sala; o estúdio ficava no térreo, num amplo corredor.

Só havia um cavalete disponível. Os assentos estavam dispostos de maneira circular, no centro, havia um banco alto coberto por um lençol. Os demais alunos conversavam. O curso em si não tinha início, meio ou fim, mas aquela parecia ser uma turma existente há algum tempo.

Nenhum olhar se virou em minha direção enquanto eu chegava ao meu lugar, e eu posicionei meu bloco de folhas no cavalete imitando o que via ao redor. A professora foi a última a chegar, e a primeira coisa que reparei foi que vestia um roupão, deixando pouco da pele dourada e uniforme visível.

— Bom dia, turma — cantarolou, e imediatamente senti-me vidrada em sua presença. Ao correr os olhos pela sala, percebi que a reação fora unânime.

Alguns responderam com acenos, outros com palavras. Eu lancei um sorriso tímido e ela piscou para mim, reconhecendo a novidade.

Com dedos ágeis, desamarrou o cinto do roupão.

— Gostei muito do que tivemos na semana passada com as frutas, então acho que já estão prontos para algo um pouco mais vivo!

Meus olhos se arregalaram instintivamente quando o roupão caiu aos seus pés, mostrando que, debaixo dele, não havia nenhuma peça de roupa.

Um burburinho alegre se espalhou pela sala enquanto meus colegas se aprumavam atrás de seus cavaletes e começavam a trabalhar. Eu não sabia que tipo de arte estávamos estudando naquele momento ou que tipo de representação devia construir. Então, ergui os olhos da folha de papel e tentei espiar os outros cavaletes. Foi ainda menos esclarecedor. Não havia um padrão; cada um desenhava à sua maneira.

Por fim, meus olhos se perderam na figura da professora. Sua aparência não era incomum, mas havia alguma coisa... Os olhos estavam semicerrados. Abaixo deles havia um nariz pequeno, arredondado na ponta, seguido de lábios rosados. O pescoço estava decorado pelos cabelos castanhos que caíam pelas costas e clavículas, chamando meus olhos sempre para baixo.

Meu rosto ardeu quando percorri o torso, demorando em cada curva e vale dourado de textura aveludada. Depois do rápido mergulho no umbigo, minha atenção desceu das pernas até os tornozelos. A sala desapareceu; a figura nua tornou-se o único ponto de luz.

Quando pensei que fosse desmaiar, percebi que não estivera respirando. Ao contrário, sorvia a visão como alguém sedento.

O dobrar de um sino quebrou o encanto, e eu pisquei com força quando os outros alunos voltaram à minha atenção num dilúvio de sentidos. Duas horas

havam se passado.

A folha continuava em branco.

Permaneci sentada enquanto todos juntavam suas coisas e saíam. Tive a sensação de que meu mundo havia acabado de se quebrar e reorganizar bem ali, o acontecimento todo invisível, então não podia simplesmente me levantar e sair.

Como eu saberia se o chão ainda era o chão?

— Muito bem, que tal conversarmos um pouco agora que a aula terminou? — A professora estava em pé atrás de mim, o corpo que ficara gravado por dentro das minhas pálpebras mais uma vez coberto.

— Eu...

— Vou me trocar e então vamos falar sobre o curso, tudo bem?

Só consegui concordar com a cabeça, engolindo em seco. Diferentes cenários se desenrolaram em minha mente.

Após um instante, conforme prometido, a professora voltou usando uma calça jeans desbotada e uma camiseta branca cuja gola escorregava por seus ombros.

— Vamos?

Eu guardei o bloco intacto na bolsa e a segui. Ela caminhava um pouco à minha frente, mas confesso não ter prestado muita atenção ao que dizia no trajeto. A realidade ainda se reajustava ao meu redor.

Chegamos a um café rodeado por canteiros de flores miúdas, e a professora nos guiou até uma mesa do lado de fora, debaixo da sombra oferecida pelos prédios ao redor. Nos sentamos frente a frente, e ela logo colocou as mãos sobre a mesa.

— Muito bem... Eu deveria ter feito isso antes da aula, e não depois — riu. — Meu nome é Isobel e eu ensino desenho artístico.

Não pude deixar de rir também. Seguindo a deixa, estendi a mão para cumprimentá-la.

— Alana. E... eu aprendo desenho artístico. Desde hoje, pelo menos.

Sua risada soou alta e deliciosa.

— As aulas são simples, na verdade. Gosto que os alunos se expressem livremente, tendo como base o que eu colocar no centro da sala. Semana passada foi uma cesta de frutas.

— E hoje foi... — completei, antes de censurar minhas palavras. Isobel levantou uma sobancelha escura e bem delineada, fazendo-me corar sob seu escrutínio.

— Exatamente.

O clima da conversa mudou no mesmo instante. As lembranças de momentos atrás ainda estavam muito vívidas e faziam com que eu me sentisse transparente.

— Há quanto tempo leciona essa aula?

— Algum tempo. Comecei durante a faculdade e depois... Não consegui me desfazer da turma. Uns cinco anos, mais ou menos.

Cálculos mentais atravessavam minha mente com a velocidade de um raio a cortar o céu, e concluí que ela devia ter mais ou menos a minha idade. O jeito travesso e alternativo é o que a fazia parecer ainda mais jovem.

— Eu não tinha a menor ideia do que estava fazendo lá.

— É assim mesmo. Mas acho que um nu artístico foi muita coisa para se começar.

Um meneio de cabeça seguido de um sorriso foram tudo que consegui exprimir. Enquanto isso, meus olhos chegaram às suas mãos, alguns dedos manchados de tinta preta, talvez nanquim. Debati internamente a origem da tinta e no quê ela trabalhava antes da aula.

Meu celular tocou dentro da bolsa, um balde de água fria sobre minha cabeça. O nome de Lauro no display, no entanto, fez com que eu percebesse que esqueci completamente de sua existência nas últimas horas.

— Preciso ir!

Isobel aquiesceu.

— Tudo bem. Nos vemos semana que vem? Podemos voltar a trabalhar no mesmo projeto.

A sugestão queimou como brasa.

— Sim, claro. Mas agora preciso mesmo...

Depois da rápida despedida, minhas pernas me levaram rapidamente através do campus, num fôlego só. O coração acelerado e o suor nas palmas das mãos agora eram pela corrida, assim como a respiração ofegante e o calor que afogava meu rosto.

Nada que Lauro fizesse provocava o mesmo tipo de reação.

Mesmo que parecesse errado e absurdo, eu comecei uma contagem regressiva mental para a próxima semana. Quando poderia ver Isobel envolta em nada além de pele dourada novamente.”

SOBRE PERMITIR E PERCEBER

ANDRESSA KLEMBERG

Vivo em Porto Alegre, RS, onde nasci em 21/04/1996. Me graduei em Gestão em Saúde na UFCSPA e trabalho no HCPA. Participei do *Concurso Nacional Novos Poetas* em 2014 e esse ano voltei a me dedicar para publicar o que escrevo, participando desta antologia. Sempre gostei de ler, inventar histórias, escrevê-las. Acredito que devemos dar maior importância para as palavras e compartilhar amor e boas ações, assim seremos mais felizes.



“Sabe quando você está tentando reconstruir a si mesma? Alguém apareceu como um furacão na sua vida e, quando você percebeu, tudo estava uma bagunça. Terminar com isso foi a melhor opção, mas tudo está doendo. Muitas pontas soltas, muitos sentimentos fortes, emoções que ainda não estão curadas. Seguir em frente não é fácil. É preciso ser forte. E você é.

As tarefas do dia a dia são muitas e mantêm seu corpo e mente ocupados durante boa parte do tempo. De casa para o trabalho, do trabalho para casa. É preciso descobrir novos prazeres, ou redescobri-los. Você já viu muitos filmes nesses dias, comeu muitas bobagens, leu alguns livros e o mais cansativo de tudo: pensou muito, sobre tudo, sobre todos. É hora de agir pela sua felicidade.

Você provavelmente já viveu tudo isso e é exatamente nesse momento em que Nicole se encontra.

Com vinte e cinco anos, começando sua carreira como jornalista, ela pretende se inscrever em uma pós-graduação e hoje irá a uma academia de dança.

Há muito tempo pensava em fazer isso, mas me ocupei demais vivendo a vida como outra pessoa, apenas para agradar alguém que me manipulava. Hoje, quero fazer o que sempre quis e sei que posso.

Saindo do trabalho, cumprimento o rapaz que vende churros e decido me permitir, peço um com doce de leite e coco, o ônibus logo chega e eu sigo meu caminho. Na academia, sinto um mundo de possibilidades se abrir ao meu redor, novas pessoas, novas ações, músicas boas, me sinto viva. As meninas são animadas e a aula parece uma festa.

Chego em casa energizada e decido de uma vez meu novo curso, uma pós-graduação em Marketing e Comunicação. Faço minha inscrição, confiro se tenho

a documentação e envio meu currículo. Em alguns dias terei uma resposta.

Nesses dias de espera, resolvo decorar meu quarto, minha vida, para esse mundo novo que estou construindo. Minhas mensagens são claras, frases como “você pode” e “acreditar é o primeiro passo” preenchem os vazios do que vai ficando para trás. As fotos, agora, são minhas. Sozinha, com a família, amigos, cachorros e meu sonhado diploma. Sim, um diploma que eu batalhei muito para conquistar e que, no dia da formatura, tive ao meu lado alguém que não estava feliz por mim, pois sentia ultrapassado por mim. Enquanto ele competia, eu queria amor e companheirismo. Demorou, mas soube entender que a vida só melhoraria se eu tivesse a atitude de tirar dela o que não me fazia bem.

E agora, tudo flui. Aos pouquinhos tudo está se encaixando e eu vou me reencontrando....

... sendo aprovada na pós-graduação...

... me amando primeiro antes de...

Chega o primeiro dia de aula, entro na sala e vejo muitas mulheres. Me sento ao fundo da sala, pois quero analisar a turma, ver com quem poderei desenvolver alguma afinidade. Enquanto organizo meus materiais, sinto cheiro de um bom perfume, que lembra o vinho, levanto meu rosto e vejo sapatos muito bem lustrados ao meu lado, uma roupa social simples, mas de bom gosto.

... encontrar alguém?

Seu olhar encontra o meu, os olhos escuros são penetrantes, quase não percebo que ele me cumprimenta. Esboço um sorriso desajeitado. O professor entra na sala, nos dá as boas-vindas e começa a explicar sobre o curso.

Logo sinto aquele olhar novamente, viro o rosto para a esquerda e o vejo sorrindo, me sinto envolvida e sinto medo. Ele oferece uma bala de menta, que eu pego e agradeço, desviando o olhar. Mentalmente, ouço a voz da minha mãe, dizendo para não aceitar balas de estranhos e ridiculamente dou risada. Ele me olha. É muito estranho, pois sinto uma conexão inexplicável.

No intervalo, nos apresentamos.

— Nicole.

— Bernardo.

— Já trabalha na área?

— Sim, como redatora. E você?

— Assistente de marketing em uma multinacional. O que mais você faz da vida?

— Comecei aulas de dança, estou gostando e... Hm, eu realmente gosto de filmes.

— Nossa, eu também. Você gosta daqueles do...

E a conversa passa de clássicos a lançamentos do cinema. Em um piscar de olhos, tudo flui como se fossemos amigos de tempos. E percebo que ele realmente é um bom comunicador.

— E você... está solteira?

E é nesse momento que eu peço totalmente e me pergunto onde coloquei minhas habilidades de conversação. O que era para ser uma simples pergunta durante uma conversa inicial, se torna uma sessão de terapia em que eu conto todos os altos e baixos do meu relacionamento anterior com alguém que só gostava de si próprio.

Quando paro, vejo nos olhos dele a compaixão que sentimos por alguém que foi iludido, percebo meu erro, mas, ao mesmo tempo, sei que não estou pronta para me envolver com ninguém. Faço piada dos meus problemas, ele ri. Discorre brevemente sobre os relacionamentos que já teve e volta a falar de mim. O interesse parece tão genuíno que me aquece.

Voltamos para a aula e eu só penso em como alguém pode dar tanto de si em tão pouco tempo. A energia revigorante e o cheiro dele me inebriaram por horas. À noite, recebi sua solicitação de amizade nas redes sociais. Nas fotos, ele é aquela pessoa sempre sorridente e ao mesmo tempo passando uma imagem de seriedade, engajamento, alguém que as pessoas pareciam gostar simplesmente por não precisar fazer nenhum esforço e ser querido.

Começamos a conversar e o papo foi noite adentro. E cedo da manhã, já teve bom dia. Na terça-feira eu já queria que fosse sábado outra vez, só para podermos conversar pessoalmente e eu sentir o cheiro do perfume dele.

Quando o sábado chegou, eu definitivamente tinha, pelo menos, um novo amigo. Na chegada, ele me abraçou e eu senti o mundo inteirinho desaparecendo, pela primeira vez na vida alguém parou todo barulho na volta e eu só ouvia nossas respirações, só sentia o cheiro dele. Foi um abraço que durou mais do que abraços comuns costumam durar, mas eu sabia que não faria esforço algum para sair dali. Eu não me sentia pronta para nada disso, mas ali estava ele, inteiro, próximo, verdadeiro.

Mas o que era tão inteiro me transbordou. Não num sentido positivo, mas sim de sufocante. Foi tanto carinho, tanto cuidado. Eu não estava pronta e percebi que não tinha a mínima reciprocidade para dar a ele naquele momento. Quando cheguei ao ponto de reclamar para as amigas, eu pareci louca. Eu me sentia

louca. Foram dias maravilhosos, com alguém querido, realmente disposto a fazer o que ninguém fez. Um sonho do qual eu precisei acordar.

Ele havia ficado de me encontrar após o trabalho. E eu tinha comentado que estava com fome. Ele passou em uma padaria e comprou salgados e um pedaço de torta. Quando chegou com tudo aquilo eu chorei, desesperadamente triste.

Estávamos saindo há dois meses e atitudes como essa eram naturais para ele. Surpreender e cuidar era rotina na maneira de relacionar e que maneira maravilhosa.

Ele perguntou porque eu estava chorando e eu abri meus sentimentos por completo. Disse o que me incomodava, os traumas que eu sentia, a responsabilidade que eu tinha em ser recíproca, dar o que ele merecia. No início, ele argumentou, depois, percebeu o inevitável e foi ficando mais calado. Quando finalmente enxuguei minhas lágrimas e disse que não poderia seguir assim, ele concordou e eu senti medo outra vez. Eu estava fazendo a coisa certa para ele, mas ele parecia a pessoa certa para mim.

Ele era alguém com muito amor para dar e receber e merecia alguém tão intenso quanto. Me senti bem por ter sido verdadeira, mesmo tendo sido doloroso. Me senti justa com nós dois. Éramos pessoas comuns, tentando uma felicidade incomum e tão simples.

Mas eu procurava por mim, já ele, procurava por alguém.

E apesar de guardar por ele um profundo carinho, percebi que cada um tinha um destino e que tinha sido muito positivo cruzar com alguém que me deu tanto sem eu lhe pedir nada, com quem eu aprendi sobre o outro e sobre mim.

E estava sendo incrível perceber que amar alguém também reconhecer quando acaba, é agradecer pelo que viveram e torcer pelo futuro de alguém que fez teu passado melhor.”

INFINITO

FRANCY LIMA

Francy Lima nasceu em Morada Nova, Ce e apaixonou-se pela leitura e escrita desde a infância, escrevendo seu primeiro conto aos 7 anos de idade. Sempre se destacou nas disciplinas de redação, literatura e artes. Trabalhando durante mais de 12 anos na Secretaria de Cultura e Turismo de Morada Nova e graduada em Educação Física, atuando na área atualmente, tem como suas duas grandes paixões a arte e o movimento humano. Além de contos, escreve crônicas, fantasia, ficção, romances e literatura infantil, tendo publicado um livro nessa temática em 2017 com o título “Felícia, a porquinha cor-de-rosa”, pela Giostri Editora. Em 2018 teve textos selecionados para 7 antologias entre elas “Eles estão entre nós” da The Books Editora, “Quando a noite cai” e “Posso te amar por mais 5 minutos?” da Editorial Hope, Deuses gregos e Nórdicos” da Darda, entre outras.



“Ele disse sim, mas seu coração queria dizer não. Mesmo assim ele estava casado e tentamos seguir nossas vidas normalmente. Ele com sua esposa, eu sem ninguém. No entanto, o que sentíamos um pelo outro era mais forte que nossa razão. Eu apaguei seu número quando saí atordoada da igreja naquela noite, depois de ouvi-lo dizer sim, mas ele tinha o meu, ele sabia onde morava.

Foi inevitável. Nos vimos um dia, depois de relutar por quase um ano. Ele foi até meu prédio e nos cruzamos no elevador. Ele continuava lindo, exatamente igual ao dia que nos esbarramos no saguão do aeroporto. Eu agora tinha 45 anos e me sentia ainda mais culpada por gostar tanto de um rapaz de 28 por quem me apaixonara perdidamente após um beijo.

Ele olhou para mim e disse:

— Eu ainda largo tudo por você.

Eu não queria estragar seu casamento. Por isso apenas escutei e saí do elevador, cumprimentando-o cordialmente. Os olhos dele nos meus me queimaram por dentro. Eu o queria tanto! Mas me mantive firme diante da minha decisão de não me render aos calores da paixão.

Os três anos que se seguiram foi de um casamento de aparências até que ele se separou e bateu em minha porta.

— Não adianta Germana, é você que eu quero.

Ele entrou pela minha porta e ali mesmo nos rendemos num beijo tão ardente quanto o que nos tinha levado àquela situação. Eu o queria com todas as forças do meu coração, mas precisava ser madura.

— Volta para sua esposa, não quero me sentir culpada por destruir um casamento.

— Meu casamento já estava destruído antes de começar. Você sabe que eu não amo Germana. Tentei por 3 anos, mas agora não dá mais.

— Você tem noção do que vai acontecer daqui para frente? — perguntei.

— Não me importo com a opinião das pessoas. Eu quero ser feliz enquanto há tempo. Vamos fazer nosso infinito.

Eu entendi que independente do que eu dissesse ou fizesse, Allan não voltaria para aquele casamento de aparências. E pensando na brevidade da vida compartilhei com ele a loucura de construir nosso “Infinito enquanto dure”.

Na semana seguinte me mudei para seu apartamento e enfrentei as caras nada simpáticas de amigos e familiares que me odiavam. Eu era uma “coroa” inconsequente que iria estragar a vida de um rapaz na flor da idade. Era o que todos diziam. Eu não sabia se aquilo era verdade ou não. Até poderia ser, mas eu realmente queria saber até onde iria nossa história de amor.

Não sei se era possível ser mais feliz do que era. Nos 7 anos seguintes ele me fez uma mulher plena. Não havia nada que nos fizesse lembrar da nossa diferença de idade. Eu me sentia uma mulher cheia de vida e alegria quando estava com ele. Aos poucos, a família e os amigos foram vendo que nosso amor era forte e sincero.

Quando chegamos no restaurante naquela noite, recordei da vez que ele me entregou o buquê de rosas vermelhas e o cartão com letras douradas. A cada ano repetíamos o ritual para lembrar que o amor é improvável. Estávamos ali agora para celebrar nosso sétimo ano juntos e ele me entregou o buquê com um cartão que dizia:

“Largaria tudo por você, a cada vida, se mil vidas eu tivesse, para viver o nosso infinito”

Te amo!

Allan

Quando me levantei para abraçá-lo e me dirigi ao salão onde dançaríamos nossa música, senti suas mãos geladas e não tive forças para evitar a queda. Ele caiu desmaiado no chão e em desespero, consegui chamar a ambulância pelo celular.

No quarto de hospital, pálido e inconsciente ele pendia na cama, esperando o resultado dos exames. Eu me apegava a Deus, pedindo que Ele guardasse meu amor e que nada de grave estivesse acontecendo. Mas naquela tarde, eu ouvi a

notícia mais triste que uma mulher apaixonada poderia ouvir. Allan foi diagnosticado com leucemia e eu não sabia como reagir àquilo.

Nos meses que se seguiram, eu apenas me comprometi a fazer dos instantes dele sobre a Terra os mais felizes. Pedi aos médicos, familiares e amigos que não revelassem de início o que acontecia. Eu queria ter tempo para fazê-lo viver intensamente, enquanto esperava uma medula compatível.

Viajamos para a Tailândia, era um dos sonhos dele. Comprei a prancha de surf autografada por Jordy Smith que ele tanto queria e ouvimos a coleção completa dos Beatles. Eu tive que me dispor de todas as economias para realizar essas proezas, mas para que serve o dinheiro se não para nos comprar felicidades?

O tempo passava e eu assistia meu amor ficando cada vez mais fraco. Já estava difícil esconder que algo sério acontecia. Numa manhã de segunda, ao olhar para mim com os olhos caídos ele disse:

— Não precisa me esconder. Quero que me diga o que está acontecendo, Germana.

Eu não soube o que fazer naquela hora. Apenas beijei sua testa e disse que estava tudo bem. Saí do quarto para chorar lá fora, mas me dei conta que precisava voltar e enfrentar a situação.

— Vai ficar tudo bem, querido – eu falei tentando engolir o choro.

— O que eu tenho? Quero que me diga agora.

— A gente vai encontrar uma medula — Foi tudo o que consegui dizer.

Allan me abraçou forte quando me debrucei sobre ele em prantos. Eu tinha certeza que ele estava destruído por dentro. Que a dor de saber que tinha leucemia lhe corroía todo. Mas ele foi forte e tentou me acalmar.

— Vai dar certo sim, meu amor. Mas se não der, me prometa que nosso amor será infinito.

Os dias seguintes foram de batalha. A busca pela medula compatível não surtia efeito. Familiares, amigos, conhecidos e desconhecidos vinham prestar solidariedade, mas o tempo passava sem sucesso.

Meu menino bonito, se desfigurava dia após dia e eu me sentia impotente diante de uma situação que o levava embora, sem que eu pudesse intervir. Aos 55 anos de idade eu lembrava do dia em que nos conhecemos naquele aeroporto e me convencia de que a vida tinha sido ao mesmo tempo generosa e cruel conosco.

Na noite do dia 23 de agosto, ele foi levado às pressas para o hospital. Sem cor, quase sem pulso, ele tentava olhar para mim e me acalmar. O curso da vida estava errado nessa história. Eu deveria ir primeiro, já que era mais velha. Meu menino, meu amor, ainda tinha tanto para viver!

Os médicos o levaram para uma sala e me deixaram na recepção desolada. Eu

sabia que o fim estava chegando para ele, e isso cortava meu coração. Eu daria tudo para estar em seu lugar.

Horas depois me deixaram vê-lo pelo vidro embaçado da janela e eu percebi sua respiração fraca na luta pela vida. Implorei a Deus que retirasse aquela maldita doença dele, que nos concedesse mais tempo para viver nosso amor improvável e infinito. De olhos fechados e com o rosto banhado pelas lágrimas eu gritei com Deus, exigindo que me ouvisse.

Allan se foi na manhã do dia seguinte, aos 37 anos de idade. E eu definitivamente cortei minha relação com Deus, até que no fim daquela tarde, quando me olhava no espelho com os olhos inchados depois do enterro, eu fui surpreendida.

Por trás de mim, com o corpo forte e saudável, ele me abraçou forte.

A voz de Deus ecoou pelo quarto e me disse:

“Pode não ser o tempo que deseja, mas será suficiente para ser infinito”

A partir daquele dia, durante todos os anos da minha vida, ao cair do sol, Allan vinha me visitar por longos e infinitos 5 minutos, nos quais eu podia amá-lo com toda força do meu coração.”

PRESENTE DE NATAL

MARCELLY OLIVEIRA

Marcelly Oliveira nasceu em 1998 no Rio de Janeiro, onde vive até hoje. Desde nova tomou gosto pela leitura, tendo como primeiro livro lido o menino e o muro de Sônia Junqueira.

Aos dezesseis anos decidiu se aventurar na escrita se descobrindo nos romances clichês e obtendo mais de um milhão de leituras, com seu primeiro livro, em uma plataforma online.

Dona de uma imaginação muito fértil, Marcelly tende a dar vida a personagens e a sentimentos para que assim possa compartilhar com o mundo real tudo o que vivencia no mundo imaginário, e mesmo que tenha ideias para dar e vender nem sempre consegue dar conta de todas. Está na antologia com o conto: Presente de Natal.



“A neve caía lentamente lá fora, cobrindo qualquer um que passasse por ela e dentro de casa a clareira estava acesa, aquecendo meu eu que observava com nostalgia tudo ao meu redor. Sozinha no silêncio da noite, acariciando meu ventre de leve com uma mão, levei minha caneca até rente os lábios e aspirei o perfume do café fresco que acabara de preparar. Amargo como a minha vida depois dele, quente como ele um dia foi e perfeito como sua voz que entonava e transbordava alegria por onde passava. Naquela noite eu seria minha própria companhia em quatro anos e mesmo que aparentasse não doer, doía.

A mesinha de centro sustentava o porta-retratos que carregava nossa foto em uma viagem. Um casal feliz que não tinha sequer um motivo para estar separado, mas o destino quis assim. Éramos inseparáveis, amigos desde o primeiro olhar e amantes até a última gota de suor. Eu era dele e ele era meu, no entanto isso não foi o suficiente e ele acabou por me deixar. As incontáveis brigas eram por besteira e nunca havia um pedido de desculpas de ambas as partes, parecíamos fadados a não durar. Entretanto, eu o amei e como amei. O amei a cada segundo da minha vida e amo até hoje e nesse momento não sei como posso esquecer quatro anos em duas semanas. O tudo havia se tornado o nada e parecia definitivo já que nenhum dos dois se mostrava disposto a dar o braço a torcer.

— Se eu pudesse te fazer um pedido, — encarei o papai Noel posto como enfeite no tubo que dava para a chaminé — pediria para trazê-lo de volta. —

coloquei a xícara com o líquido intacto em cima da mesinha e suspirei enquanto caminhava até a árvore montada.

A estrela brilhante e solitária no topo da árvore fez com que eu me lembrasse da minha atual situação. Solitária, sem amigos ou familiares por perto já que todos estavam ao sul nos esperando para comemorar as festividades e abrir os presentes.

— Papai Noel, tráz ele de volta para mim. — murmurei passando os dedos delicadamente por cada bolinha que enfeitava a árvore. — Eu prometo que dessa vez vai... — a campainha tocou fazendo com que eu interrompesse meu pedido. Caminhei devagar e ao abrir a porta meu coração se encheu de felicidade.

— Não posso passar o natal sozinho. — ele disse com seu sorriso de meia boca que sempre me derretia. — Estou cansado, com frio e com saudades. Será que essa briga já acabou?

— Não devia ao menos ter começado. — mordi de leve meu lábio inferior ao sentir suas mãos me puxarem para perto, me abraçando com todo amor do mundo. — Senti saudades, Ian. Muitas. — murmurei descansando minha cabeça em seu peito, podendo ouvir assim com clareza seus batimentos cardíacos.

— E eu a sua, Bella. — ergui meu rosto e o encarei. — Não consigo esquecer quatro anos em apenas duas semanas. Foram as piores da minha vida.

— Da minha também.

— Me deixa ficar?

— A casa é sua e meu coração também.

Seus lábios tocaram os meus e minha alma estava em paz novamente. Nosso beijo apaixonante, carinhoso e selvagem estava acontecendo na porta de entrada da casa para quem quisesse ver. Éramos novamente um do outro.

— Vem, entra. Vamos tomar um chocolate quente. — disse assim que me afastei e o puxei para dentro de casa, fechando a porta em seguida.

— Deixa que eu preparo! — se apressou jogando a mochila no chão e correndo para a cozinha. Ele sempre fazia isso quando eu, depois da briga, comentava que faria algo para nós dois.

— Não! Eu quem irei preparar. — animada, corri até a cozinha mas perdi porque quando cheguei Ian já estava esquentando a água na chaleira.

— Você nunca ganhará. — disse todo convencido vindo até mim.

— Seu chocolate nunca será melhor do que o meu, Ian. — ele me abraçou e riu.

— Malcriada! Ficaré sem chocolate.

— E você sem presente.

— Comprou um presente para mim? — se surpreendeu.

— Comprei. — sorri timidamente. — Sempre compro.

— Vem cá. — Ian pegou em minha mão e me levou até a sala, me colocando sentada no sofá e indo mexer em sua mochila.

— O que houve, Ian? O que procura? — perguntei curiosa.

— Isso! — com cuidado, ele retirou um pequeno embrulho e me entregou. — Na minha cabeça você me mandaria embora e eu te entregaria isso para que você pudesse ver como fomos feitos um para o outro. — rasguei o embrulho sem muita cerimônia e vi um pequeno caderno preto. Abri o mesmo e em cada página havia uma foto nossa com textos ou músicas. — Eu sei que errei, mas também sei que não posso viver sem você.

— Ian, isso é lindo. — murmurei. — Como pode pensar que eu te mandaria embora?

— Você fez isso semanas atrás. — rimos juntos.

— Eu estava pedindo ao Noel que te trouxesse de volta. — comentei baixinho.

— E o que ele disse?

— Bem, você está aqui. — ri fraco. — Mas também tenho um presente para você.

— E cadê?

— Espere aqui. — me levantei com pressa e fui até nosso antigo, talvez nosso novamente, quarto. Abri o guarda-roupa, peguei uma pequena caixinha branca enfeitada com um laço dourado em cima e voltei para sala, entregando para Ian. — Espero que goste. — mordi de leve o lábio inferior, receosa.

Seus dedos desfazem o laço, ele retira a tampa da caixinha e encara o conteúdo ali dentro. Respirei fundo, sei que ele pode não gostar, mas se voltou para casa é sinal de que me amava, certo?

— Descobri há dias. — resolvi falar. — Ia te contar mas brigamos e então...

— Eu vou ser pai. — ele murmurou me interrompendo — Bella, serei pai de um filho teu. — me encarou e eu sorri assentindo. — Estou pensando em muitas palavras proibidas para esse momento. — ele ri. — Um sapatinho branco significa que ainda não sabe o sexo?

— É né. — murmurei como se fosse óbvio, mas feliz por ele ter adorado.

Quando pensei que falaria algo, Ian me beijou novamente e dessa vez pude sentir mais amor no ato. Dou passagem para sua língua que invade a minha com carinho, sua mão que outrora acariciava meu rosto agora acariciava meu ventre.

— Eu nunca mais irei embora. — disse ao interromper o beijo e nesse instante a chaleira apita informando que a água havia fervido.

— E também nunca mais deixará a chaleira apitando por já ter fervido a água há séculos. — informei.

— Jamais. Nem sei quem deixou isso acontecer. — E saiu rindo me deixando

boba de amor.

Papai Noel havia concretizado meu pedido.

Ian havia voltado para mim.

Estava grávida.

Tomaria chocolate quente.

Eu poderia querer mais?

— Obrigada, Papai Noel. — murmurei ao me levantar e, após repousar o caderno no sofá, seguir até o falso pinheiro. Delicadamente passei os dedos pelos enfeites, parando meu olhar na estrela brilhante no topo e logo o desviei para o pequeno Noel. — O senhor o trouxe de volta e eu lhe prometo que dessa vez será diferente.

— Será diferente. — suspirei contente ao sentir os braços de Ian me rodearem. — Eu amo você, Bella. — Virei-me no mesmo instante e o encarei. Ian tinha lágrimas nos olhos e um sorriso meigo nos lábios. — Na verdade, eu amo vocês. — sua mão acariciou meu ventre e meu sorriso não coube no rosto.

— Eu também amo você. Sempre amei e sempre amarei. — selei nossos lábios demoradamente, sentindo meu coração bater forte no peito. Aninhei-me em seus braços e pude, enfim, me sentir verdadeiramente em casa e feliz.”

O ÚLTIMO NATAL

JÉSSICA MILATO

Jéssica Milato, nasceu na cidade de São Paulo, vindo morar na cidade de Araras aos treze anos.

Escreveu o primeiro livro da duologia Verdades Ocultas — O Fotógrafo — no ano de 2015 e o segundo livro — A Jornalista — em 2016, tendo o lançamento neste mesmo ano, vendendo mais de 700 cópias do exemplar físico em 1 ano.

Ainda no ano de 2015, abriu uma editora — Editorial Hope — onde está à frente até hoje.

Autora Best Seller pela Amazon e Revista Veja em 2016 com o Romance O Chefe Secreto lançado em dezembro de 2016.

Em 2017 lançou seu 1º livro infantil chamado A Pinta do Menino, o qual fala sobre aceitação e bullying e o livro O destino de Minerva, junto com o autor Marcio Zanini. Também participou de algumas antologias ao longo de 2018.

Bacharel em Direito e pesquisadora, divide o tempo entre estudar e escrever romances e artigos científicos.

É membro da Academia de Letras da cidade de Teófilo Otoni em Minas Gerais, onde tem ganhado alguns prêmios de concursos realizados por eles.



Dezembro de 2017

O dia amanheceu cinzento, bem típico de época natalina. Tá certo que aqui no Brasil o natal cai bem no verão, mas já fazem alguns anos que passamos a ceia debaixo de chuva. Não na chuva, dentro de casa... vocês entenderam.

Meu nome é Rebeca Cruz, tenho 17 anos e esse será meu último natal em família. Como eu sei? Meu médico já me preparou há alguns meses. Tenho câncer de bexiga e descobrimos uma metástase pulmonar.

Não quero que pensem que que essa história será uma história triste e melodramática, daquelas que se chora tanto no fim a ponto de ficar com o nariz vermelho igual o das renas do Papai Noel. A minha história é diferente. É de como passarei meu último natal com as pessoas que amo.

Deixe-me apresentar a minha família. A minha mãe se chama Júlia. Ela me teve muito nova, por isso não aparenta ter mais de 30 anos, mas ela tem. Minha

mãe é uma mulher muito forte, já passou por cada perrengue... Às vezes a pego chorando e com todo amor e sinceridade, a conforto dizendo a ela o quanto sou grata em ser sua filha.

Já meu pai, é um homem parrudo. Seu Rubens, como minhas amigas o chama, é operário de uma fábrica de alumínio. Todo aniversário de alguma coisa, ele dá panelas a minha mãe.

Por enquanto somos só nós três, mas já pedi para providenciarem um bebê quando eu partir. Quem não ama uma criança com dobrinhas? Assim não sentirão tanto a minha falta. Espero.

Pode parecer estranho, mas não me assusto com o tema morte. A vejo como uma passagem necessária para aquilo que imaginamos como “vida eterna”, portanto, eu já comprei a minha passagem de ida.

Estou terminando o ensino médio e meu pai fez questão de pagar a minha formatura. A festa será já após o natal... Pessoal achou melhor assim, para que eu pudesse participar. Já até escolhi meu vestido. Será verde esperança, se isso for nome de cor. Achei que combina bem com a minha situação, pois a esperança é a última que morre... e o usarei em meu funeral. Já decidi.

Não se choquem com meu humor. Sou libriana, ácida às vezes.

Agora chega de falar de coisas tristes e vamos falar da melhor festa do ano, o Natal!

Época em que a cidade fica mais colorida, pois todos enfeitam as suas casas, nem que seja somente com pisca-pisca, as pessoas se perdoam, as festas são mais familiares, as comidas são maravilhosas e a gente ganha presentes. Tem coisa melhor?

Todo ano pego meu melhor papel de carta para escrever ao bom velhinho.

Não me julguem! Sei que já tenho 17 anos e que Papai Noel não existe, mas é tradição...

Começo com o típico:

Querido Papai Noel... e vou escrevendo aquelas coisas bobas que todos escrevem, como: este ano fui uma boa menina, fiz todos os meus deveres de casa, não respondi aos meus pais, ajudei a arrumar a casa...

Só omito uma coisinha sem muita importância... que dei meu primeiro beijo!

Não porque estou doente que não vou aproveitar meu restinho de vida né?

Foi no meio do ano, num menino da minha classe. O nome dele é João Pedro. Estávamos todos conversando sobre coisas que adolescentes falam, quando surgiu na roda o assunto: beijo. Conversa vai, conversa vem, percebi que só eu da minha turma toda, era BV.

Foi então que o JP (apelido para os íntimos), perguntou se poderia me levar para casa. Óbvio que aceitei a companhia. E então, no meio do caminho a

mágica aconteceu. ELE ME BEIJOU!

Foi apenas um beijo. Meu primeiro e único beijo e foi muito especial. Resolvemos em consenso continuarmos amigos e agir como se nunca tivesse acontecido. Sendo sincera, se eu tivesse mais tempo nesse plano terreno, namoraria o JP, mas como não tenho, vou namorar algum anjo gato no céu.

Voltando a cartinha, como sei que o Papai Noel é meu pai, nada de primeiro beijo nela.

Já descrevi o quanto fui a menina boa, agora vem a parte que me interessa: fazer o pedido dos presentes. São tantas opções, livros, DVDs, jogos de vídeo game (sou vidrada em jogos de futebol)... Decido então por uma saga de livros. Se papai do céu permitir, terei tempo de ler todos os cinco livros.

Termino a cartinha e a coloco embaixo da árvore. Meus pais já estão me esperando para colocar a estrela no topo da mesma. É a nossa tradição.

Assim que a prendo, damos as mãos e iniciamos a oração ensaiada.

Querido Deus,

Que neste natal, o espírito de amos inunde os corações dos vossos filhos e abençoe cada adulto, criança e ser vivo.

Que nada falte na mesa de quem nada tem e que aquele que mais tem, possa repartir com o próximo, num ato de amor e bondade.

Que seja um ano de Luz e paz.

Obrigada por mais um natal, e se este for o nosso último em família, que seja o melhor.

Amém.

Pode não parecer uma grande oração, mas é a nossa oração. A escrevemos juntos quando eu tinha quatro anos e nunca mais paramos de repeti-la.

A casa vai se enchendo. O bom do Natal é que não importa a distância, todos os parentes se reúnem. Vem gente que até a gente não conhece. Sempre há um parente distante... Igual ano passado que descobrimos um parente da minha vó Leda. A trouxemos para a nossa comemoração e a minha vó ficou toda feliz.

Este ano não sei se terá parente surpresa.

Só sei que a Lilian, a minha *best friend*, virá passar o natal comigo como faz desde que eu tinha oito anos. Quando eu descobri o câncer, ele foi comigo em todas as sessões de quimio e até fez uma loucura digna de amor sincero: raspou a cabeça no mesmo dia que eu raspei a minha. Éramos a dupla Careca e Carequinha.

Hoje o meu cabelo está tipo aqueles de comercial de tevê. Só faltam algumas coisas que não se fazem tão necessárias, tipo, o cabelo.

O bom de não se ter muito cabelo, ou nenhum cabelo, é que não perdemos tanto tempo para arrumá-lo. Basta uma passada de mão e já estamos lindas.

Sou daquelas garotas que se acham. Eu sou linda sim e ponto. Mesmo com as olheiras, cicatrizes, *portocath* e braços roxos, eu sou uma verdadeira princesa, digna dos contos de fadas da Disney.

Lá no hospital fiz alguns amigos também, e os que estão vivos, assim como eu, veem para a minha casa, comemorar o último natal.

Como nunca sabemos ao certo, quando será o último, comemoramos todos como se fosse.

Mamãe me chama para ajuda-la com a ceia. Teremos peru, *tender*, champanhe se álcool, pavê (o que sempre causa aquela piadinha sem graça do é pavê ou *pracumê*), arroz com milho e ervilha, e todas essas comidas que sobram e a gente passa comendo a semana toda.

Arrumamos a mesa, que nunca cabe todo mundo sentado, colocamos as balas nas meias, e nos preparamos para aguardar o restante dos convidados, já que uma parcela deles, veio antes para ajudar na cozinha.

Tomo um banho bem gostoso, coloco meu vestido novo e desço para me juntar as pessoas que já chegaram.

Assumo que sentirei falta deles. Se este for mesmo o meu último natal, quero que eles saibam que são muito queridos por mim. Eu os amo com todas as suas qualidades e defeitos.

Em menos de uma hora, todos os convidados já estão em casa. Até que mamãe avisa que vamos começar o amigo secreto.

— Meu amigo secreto é homem, tem menos de 50 anos, é alto...

Ai neste momento todos já começam a chutar quem é meu amigo secreto. Essa é a graça da brincadeira. A gente pode mentir a idade, sexo, altura, só para confundir os participantes.

— E meu amigo secreto é... Meu pai!!!

Todos começam num coro de: é marmelada, é marmelada...

Já de praxe que, quando pegamos alguém de casa, nunca damos o presente do valor combinado de R\$ 30,00.

Ficamos rindo e brincando até que todos já trocaram seus presentes. Uns felizes pelo o que ganharam, outros nem tanto...

Quem me tirou foi minha vó Leda e eu ganhei meias. Toda vez que ela me pega ela me dá meias ou calcinhas. Coisa de vó.

Sorte minha que sei que Papai Noel me deixou o que eu pedi embaixo da árvore.

O que mais me marca em todos os natais é a música da Simone: *Então é natal, e o que você fez, o ano termina, e nasce outra vez...* Todos os anos, perto da meia

noite, papai coloca essa música. Pessoal se abraça e alguns até choram. Eu confesso que ainda não decorei a música, me embanano toda na letra, mas ninguém percebe.

O que levo de cada meu último natal? Levo a certeza de que nasci na família certa. Sou cercada de pessoas que me ama e os amo.

Os natais são minha data especial do ano.

Sei que nada que passei ou passo é em vão. Muitos acham que o câncer é um castigo de Deus. Eu, já acho que Deus não castiga ninguém. Ele só nos dá a cruz que podemos carregar. Se eu estou carregando está, é porque ele achou que consigo e eu de fato consigo e com sorriso no rosto. Já chorei? Sim e muito, mas hoje só choro de emoção ou felicidade. Cada dor, cada perda, vem para nos fortalecer e nos preparar para termos a nossa recompensa no fim.

Eu estou ciente de que, quando eu partir meus pais vão se isolar, vão passar pelas cinco fases do luto, vão chorar ao ver uma foto minha, mas logo vão entender o meu propósito neste mundo, que foi mostrar a eles o significado de amor incondicional.

Este pode ser meu último natal, mas dele levo um aprendizado, que é jamais deixar de dizer a quem você ama, qual a importância dela na sua vida.

Ame as pessoas por bem mais que 5 minutos.

Bem, vou me despedindo de vocês com um até logo, pois espero poder contar algo a vocês no meu último natal do ano que vem.

Beijos e se cuidem!

Rebeca

Cruz

Table of Contents

[DEPOIS QUE EU PARTI](#)
[ABAIXO DOS SEUS PÉS](#)
[CORAÇÕES PENDURADOS NO AR](#)
[CIGARRO E PERFUME](#)
[5 MINUTOS A MAIS CONTIGO](#)
[AMOR ESTELAR](#)
[UM BEIJO, APENAS](#)
[PARA SEMPRE EM MEU PENSAMENTO](#)
[AQUELA MARCHINHA](#)
[PARA ONDE ELA FOI?](#)
[UM AMOR NO CARNAVAL](#)
[PERDOA-ME](#)
[AINDA EXISTE AMOR EM SALVADOR](#)
[CONTINUAR](#)
[AQUI E ALI](#)
[ANELO](#)
[MAIS DO QUE PALAVRAS](#)
[INCIDENTES DO AMOR](#)
[UM AMOR PARA TODA A VIDA](#)
[FOI AMOR NO MOMENTO EM QUE SUA ALMA TOCOU NA MINHA](#)
[O DESFECHO TRÁGICO DE UM FILME CLICHÊ](#)
[O TREM](#)
[MUSA](#)
[SOBRE PERMITIR E PERCEBER](#)
[INFINITO](#)
[PRESENTE DE NATAL](#)
[O ÚLTIMO NATAL](#)